Universidade de São Paulo.

Faculdade de Saúde Pública.

A Percepção do Trabalhador sobre o Desemprego
e a Estruturação do Trabalho Cooperativado.

Sergio Nagib Sabbag

Tese apresentada como exigência parcial para a
obtenção do título de Doutor em Saúde Pública, área
de concentração Saúde Materno Infantil, sob a
orientação da Profª. Dra. Maria da Penha Costa
Vasconcellos.

São Paulo

2003

“Às vezes eu penso em procurar outro serviço registrado, mas não tenho como vontade de sair, eu quero que aumente, que cresça, quanto mais crescer a gente vai crescendo junto com eles. É isso que eu quero.” (Carla - cooperada)

À minha família.

Agradecimentos:

À Profa. Dra. Maria da Penha Costa Vasconcellos, pela orientação segura e paciente, pelo universo da ciência aplicada ao trabalho e pelo engrandecimento do trabalhador.

À Profa. Associada Maria Cecília Focesi Pelicioni, pela orientação e estímulo na fase inicial do doutorado, ensinando o trabalho como parte do meio ambiente.

À Profa. Dra. Alice Moreira Derntl, pelo estímulo e apoio na fase inicial do doutorado.

Ao Prof. Titular Arnaldo Augusto Franco de Siqueira pelo estímulo e apoio no campo da pesquisa.

Aos professores do exame de qualificação Liliana Rolfsen Petrili Segnini e Odair Furtado pelas orientações e direcionamento do trabalho.

Aos professores da banca de doutoramento Herval Pina Ribeiro, Liliana Rolfsen Petrilli Segnini, Maria Cecília Focesi Pelicioni, Miguel Luis Contani, Odair Furtado e Paulo Bassani, pelas análises e ponderações sobre o tema, inserido nas ciências humanas e da saúde aplicadas ao trabalho.

À Maria Letícia Salete de Campos, pelo apoio na tradução do resumo.

À Profa. Dra. Pilar Maria Peñuela, pela revisão do texto.

Ao pessoal do Departamento Saúde Materno Infantil da FSP-USP, em especial, Iara, Ivany, Elba, Maria e Leandro.

Ao pessoal do Departamento Práticas de Saúde Pública da FSP-USP, em especial, Mila, Antonio e Valdivia, pelo estímulo.

A José Teixeira de Oliveira, in memoriam.

Ao pessoal das bibliotecas, em especial ao da biblioteca CIR da FSP-USP, e da FEA-USP, PUC-SP, Fundacentro, FFCH-USP, IP-USP, Fundação Dom Aguirre - Sorocaba e outras.

Ao pessoal administrativo da pós graduação da FSP-USP.

Ao pessoal do CEADDEC, Gáspari, Oliveira, Rita e Gigio.

Ao pessoal da Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba, em especial José Augusto e a todos os cooperados.

Ao pessoal da Hidrophoenix e Cooperband, empresas autogestionadas que provam na prática que, com muita luta, muitos obstáculos podem ser vencidos, em especial, Sergio e Angelita.

A todos que colaboraram direta ou indiretamente.

A minha esposa Maria de Cássia e aos meus filhos Lucas e Victor, que tanto tempo abriram mão da presença do marido e do pai, em benefício de um objetivo de formação, científico e social.

Resumo:

Este trabalho propõe-se a compreender a percepção dos trabalhadores sobre o desemprego e a estruturação do trabalho cooperativado. Utilizando a metodologia de histórias de vida, baseia-se em entrevistas com parte dos trabalhadores reunidos em cooperativa de catadores de material reciclável. Na análise dos depoimentos, chega-se a algumas conclusões gerais que representam um misto das identidades da condição de cooperados, de catadores e da condição de trabalhadores com carteira assinada. Essas percepções podem ser agrupadas em dois conjuntos: no primeiro, evoluem para uma elaboração do trabalho em cooperativa, nos momentos em que o trabalho cooperativado mantém-se mais estruturado, com a relativa garantia de uma remuneração básica, uma certa estabilidade no trabalho e ambiente harmônico; no segundo, as percepções tendem para o desligamento da cooperativa quando o trabalho cooperativo está mais desestruturado, com instabilidade de remuneração, ameaça à continuidade do trabalho e falta de harmonia no ambiente. Porém, a expectativa positiva com relação ao trabalho cooperativado é muito presente, mesmo nas pessoas tendendo ao desligamento, sendo o trabalho em cooperativa valorizado pela “ausência do patrão”, pela qualidade no relacionamento, pela qualidade na relação com o trabalho e a pela valorização da cidadania. Esta expectativa é fortemente positiva, aparecendo pouquíssimas queixas, que só podem ser percebidas em uma análise mais cuidadosa de suas falas.

Abstract:

This work proposes to understand the perception of workers on unemployment and cooperative work structure. Employing the methodology of life histories, the paper is based on interviews with some workers reunited in a co-op based institution for recyclable collectors. In the analysis of their reports, it is possible to reach some general conclusions which represent a mixture of identities of their situation as co-op workers and their condition of registered workers. These perceptions may be grouped in two sets: in the first, they evolve to a portrayal of the co-op work, in the moments in which co-op work seems to be more structured, with the relative assurance of some stability at work and harmony in the working environment; in the second set, perceptions tend to favor abandonment of the co-op institution, when work has a looser or weak structure, with instability of wages, menace to the continuity of work and lack of harmony in the working environment. Nevertheless, the positive expectative related to co-op work is very keen, even in people who tend to sever connections with these institutions, being co-op work valued by the “absence of any boss”, by the quality of the relationships, by the quality of the relationship with the work in itself and by valuing the dimension of citizenship. This expectative is strongly positive, disclosing very few complaints, which can only be perceived in a more careful analysis of their speech.

Índice:

Introdução:	O mundo do trabalho e a busca de alternativas.	1
	O papel do pesquisador na cooperativa de trabalho de reciclagem.	9
	O trabalho de catador cooperativado e o mundo do trabalho.	10
	Enfoque e realização da pesquisa.	32
Parte I:	O desenvolvimento da industrialização e os processos de trabalho na região de Sorocaba.	35
	O cooperativismo e a ocupação de catador.	41
Parte II:	As representações do trabalhador sobre o trabalho e a cooperativa.	51
	Entrada e Inserção na Cooperativa.	54
	Estruturação do Trabalho Cooperativado.	58
	Dinâmica ou o Cotidiano da Cooperativa.	77
	Família e a Ocupação do Catador.	97
	Trabalho Assalariado e Trabalho Cooperativado.	120
	Religião e Organização Social no Mundo do Trabalho Cooperativado.	128
	A luta do catador pela sobrevivência.	134

Considerações finais.	142
Bibliografia: Bibliografia referenciada.	147
Bibliografia consultada.	157
Anexos. Termo de consentimento livre e esclarecido.	I
Termo de autorização do uso de imagem	III
Classificação Brasileira de Ocupações – função de catador de materiais recicláveis.	IV
Fotografias.	IX

Introdução:

O mundo do trabalho e a busca de alternativas:

A principal motivação que deu origem a esta pesquisa foi o acompanhamento dos acontecimentos no mundo do trabalho na região de Sorocaba-SP, Brasil, durante as décadas de 80 e 90. Esta região caracterizou-se fundamentalmente pela atividade fabril, com prevalência da indústria têxtil até o início da década de 90. Com as alterações no quadro econômico, ocorreram grandes mudanças no mercado de trabalho, com grande crescimento do sub emprego¹, do trabalho precarizado², do comércio de ambulantes³ e do trabalho terceirizado⁴.

¹ O sub emprego é caracterizado como um trabalho desprovido dos mecanismos de proteção que, no geral, acompanham o trabalho formal: previdência social, segurança no trabalho e relativa estabilidade no trabalho.

² A precarização do trabalho é um processo através do qual um trabalho que tem mecanismos de proteção adequados e desenvolvidos, passa a ter condições mais precárias, com aumento da instabilidade, dos riscos e da ausência de mecanismos previdenciários. Afirma Castel (1998), “o desemprego é apenas a manifestação mais visível de uma transformação profunda na conjuntura do emprego. A precarização do trabalho constitui-lhe uma outra característica, menos espetacular porém ainda mais importante, sem dúvida”.

³ O setor informal, segundo Souza (2000), citando Cacciamali (1983), abarca “os trabalhos realizados por produtores que, de posse dos meios de produção, se valem do trabalho familiar, ou de alguns ajudantes, para dar fim às suas atividades. Em outras palavras, neste setor, as formas de organização da produção não se baseiam na força do trabalho assalariado”. Trata-se portanto do “trabalho autônomo que existiu e persiste até os dias de hoje, intersticialmente, no interior da produção capitalista”. Prossegue: “os empreendimentos informais se caracterizam por apresentarem organização com pouco capital, com uso de técnicas pouco complexas e intensivas de trabalho, e com pequeno número de trabalhadores, fossem remunerados e/ou membros da família”.

⁴ Por trabalho terceirizado entendemos parte do processo sendo realizado por um subgrupo de pessoal contratado, geralmente externamente à empresa. Desse modo, a empresa que realiza o trabalho principal, definido pelo todo do trabalho, o produto ou o serviço inteiro, segmenta o processo do trabalho em partes, que são realizadas por pessoal contratado secundário. Castel (1998), define a flexibilidade externa, onde o cuidado de assumir as flutuações de mercado é confiado a empresas satélites, ou a flexibilidade interna, onde a empresa se responsabiliza pela adaptação de seu pessoal às mudanças tecnológicas. No primeiro caso, podem fazê-lo à custa de uma grande precariedade das condições de trabalho e muitos riscos de desemprego; no segundo caso, à custa da eliminação daqueles que não são capazes de chegar à altura dessas novas normas de excelência.

Estes fenômenos, acompanhados por uma baixa operacionalidade de políticas públicas, sobretudo por parte da Prefeitura Municipal de Sorocaba⁵, e de quase nenhuma iniciativa ou operacionalidade por parte do empresariado industrial, em parte surpreendidos e atônitos com estes fatos.

Em paralelo, ocorreu um grande incremento no uso de materiais recicláveis pelas indústrias. Estas alterações no uso destes materiais não foram exclusivas do ramo industrial, envolvendo toda a sociedade. Segundo Obladen (1995), um programa de reciclagem bem conduzido tende a desenvolver na população uma nova mentalidade sobre questões que envolvem a economia e a preservação do meio ambiente. Isso termina por envolver vários atores, dando condições ao surgimento dos coletores de materiais recicláveis, que posteriormente seriam denominados “catadores de materiais recicláveis”.

Pelicioni (1998), citando Reigota (1995), aborda o desenvolvimento sustentável. “O meio ambiente latino americano exige que a educação ambiental enfrente o desafio da mudança de mentalidade sobre as idéias de modelo de desenvolvimento baseado na acumulação econômica, no autoritarismo político, no saque aos recursos naturais, no desprezo, às culturas de grupos minoritários e aos direitos fundamentais do homem”. Essa “educação política deve estar empenhada na formação do cidadão nacional, continental e planetário baseando-se no diálogo de culturas e de conhecimento entre povos, gerações e gêneros.”

Nesse sentido, o trabalho da reciclagem está inserido em um universo maior de desenvolvimento e de cidadania, no sentido mundial.

O mercado de trabalho no Brasil passa por uma reestruturação, abrindo caminho para o crescimento da economia solidária.

⁵ Os nomes das instituições foram mantidos originais; já o nome das pessoas entrevistadas foi substituído por nomes fictícios, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..

No ramo industrial, as empresas recicladoras compram refugos que servem como matéria-prima. Os processos variam, conforme o tipo de material: os metais, incluindo as sucatas e as latas de alumínio, os vários tipos de papel, os plásticos, dentre os quais as embalagens PET tem grande destaque, o vidro, e outros.

Este tipo de comércio não é novo. O antigo ferro velho é um exemplo disso, só que em escala de produção e comercialização menores.

Surgiram e aumentaram em número os atravessadores, em parte pequenos comerciantes que compram material dos catadores, formando um volume maior de material e revendendo a outros compradores. Forma-se aí uma cadeia de baixa remuneração, com a presença de muitos intermediários e fornecimento de materiais em pequeno volume. Os materiais mais comercializados são: papel, papelão, alumínio, outros metais diversos, plásticos, etc.

Este mercado depende da formação de volume para tornar-se mais compensador. Neste contexto, surgem as cooperativas que agrupam vários catadores que, por conseguirem volume, conseguem melhores preços.

A cooperação faz parte dos processos de trabalho, desde as civilizações mais antigas. Seria muito difícil imaginar grandes obras, sem a existência da cooperação, muitas vezes subordinada a esquemas coercitivos ou com outros interesses. Entende-se por cooperação a dinâmica de trabalho na qual muitos trabalhadores atuam juntos, com o trabalho relacionado entre si. O capitalismo utiliza-se da cooperação, porém subordinada ao capitalista. O trabalho, portanto, é dividido entre pessoas e grupos, mantendo características de alienação, isolamento, divisão e especialidades. Contudo, existe a cooperação, entre iguais e entre diferentes setores. Neste esquema a cooperação é subordinada ao capital. Podemos dizer que a velocidade de expropriação do capital é grande e acaba incorporando a cooperação.

Por outro lado, com o objetivo de se contrapor às consequências do sistema do capital, os trabalhadores desenvolvem várias formas de sobrevivência e de organização do trabalho. Dentre estas iniciativas, encontram-se as cooperativas criadas pelos próprios trabalhadores que buscam e priorizam uma solidariedade mais genuína.

Afirma Santos (1999b): “O cooperativismo é um movimento internacional que busca constituir uma sociedade mais justa, livre e fraterna, em bases democráticas, através de empreendimentos que atendam às reais necessidades dos seus associados e que permita uma remuneração adequada a cada um deles. (...) O cooperativismo é uma doutrina econômica que se baseia na cooperação, operando como um sistema restaurador da sociedade na definição do preço justo, através do trabalho e da ajuda mútua. O cooperativismo é praticado por cooperativas, que são sociedades de, no mínimo 20 associados, pessoas físicas, com um interesse comum, economicamente organizada de forma democrática, com participação livre e igualitária dos associados, aos quais presta serviços, sem fins lucrativos. Assim, o associado/cooperado é uma pessoa física, que como autônomo, se associou a uma cooperativa. Cooperar é colaborar com outras pessoas para alcançar resultados comuns.”

O cooperativismo na área de reciclagem apresenta-se como uma alternativa ao desemprego. Afirma Singer (2000): “Tornou-se característica do capitalismo o aproveitamento incompleto da capacidade de trabalho do proletariado (...) o exército industrial de reserva”. Ainda Singer (2000): “Parte do exército de reserva é mantida em ociosidade (...). O restante, porém, é induzido ou forçado a procurar ganhar a vida vendendo em algum mercado o fruto de seu trabalho. O que implica o inchamento da produção simples de mercadorias e o empobrecimento de grande parte dos seus integrantes, que atuam nos mercados mais vulneráveis à entrada em massa dos excluídos do modo de produção e distribuição capitalista.”

Os trabalhadores que se agrupam nas cooperativas de reciclagem parecem ter os ideais e ir em busca dos objetivos propostos por Santos (1999b) e fazer parte do subgrupo descrito por Singer (2000). Essas pessoas são excluídas do mercado formal de trabalho, e terminam, por força da necessidade de sobrevivência, ingressando em mercados mais abertos a este grupo de trabalhadores. Desprovidos das coberturas e das exigências do mercado formal, estes trabalhadores, paradoxalmente, tem um grau de flexibilização maior no mercado de trabalho. Inseridos no mercado informal, a solidariedade derivada do sistema cooperativado representa uma grande diferença, que em muitos casos é atrativa.

A relação de trabalho dos sujeitos com a cooperativa não está ligada à desestruturação do mercado de trabalho. Na verdade, estas pessoas já estavam fora desse mercado estruturado e, hoje participam de um mercado que está sendo flexibilizado. Daí sua inserção, mesmo em caráter precário.

Paoli (1974) afirma: (...) “a inserção econômica da mão de obra marginal deve ser procurada em primeiro lugar, no mercado de fatores de produção interno ao sistema, em especial no reajustamento desses fatores em relação à expansão capitalista periférica e suas condições históricas de acumulação”.

Ainda Paoli (1974), referindo-se às hipóteses de seu estudo em uma área regional citadina brasileira, afirma: “ (...) primeiro, que a mão de obra marginal é um produto da diferenciação interna operada, pelo sistema, no interior da força de trabalho total de que dispõe, de modo a ser utilizada harmonicamente em relação à reprodução do capital. De um lado aumenta a produtividade por trabalhador empregado, com a expansão da economia e do processo tecnológico, intensificando sua exploração. Exclui, assim, por outro lado, uma parcela considerável de trabalhadores, especialmente de mão de obra pouco qualificada que dessa forma, além de se tornar um fator abundante, sofre

uma desvalorização do valor de seu trabalho. Em segundo lugar, o trabalhador excluído não é desprezado pelo sistema, nem sobrança em relação às necessidades de acumulação de capital, mas acaba preenchendo determinadas funções necessárias à produção, que passam a se apoiar quase que exclusivamente em trabalho daquela natureza. Em terceiro lugar - na medida em que este trabalhador não é sobrança ao capital em lateral à divisão de trabalho -, adquire sentido a sua condição marginal de vida, por representar o baixo custo de sua reprodução como força de trabalho: seria este o sentido da sua pauperização, da instabilidade de seus vínculos empregatícios, do fechamento das oportunidades de barganha coletiva pelo preço de seu trabalho. Finalmente, tudo isso representaria uma transferência de renda para os setores e grupos sociais situados acima na escala social. O trabalhador excluído representaria, dessa forma, a manifestação mais extrema e mais dominada das formas de exploração da força de trabalho no momento histórico contemporâneo da sociedade brasileira.”

Singer (2000) define como economia solidária, “modo de produção e distribuição alternativa ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho”. Coloca Singer (2000): “a unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa (...) ; repartição da receita líquida da entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores.”

Ainda Singer (2000), “para aqueles que não têm cobertura previdenciária, proteção contra acidentes e doenças ocupacionais, mínima garantia da continuidade do

trabalho com segurança e estabilidade, este tipo de estrutura de trabalho mostra-se atrativo e alternativo a várias formas de trabalho informal”.

Neste contexto, ocorrem várias iniciativas. Uma delas por parte do movimento sindical que, como uma das formas de enfrentamento das questões do trabalho e conscientes de como o cooperativismo pode ser uma alternativa ao desemprego, através do Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba e região, em conjunto com outros órgãos sindicais, apoiou a criação e manutenção do CEADEC – Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento do Emprego e da Cidadania de Sorocaba e região (2001). Concebido como uma incubadora de cooperativas e apoio a empresas auto-gestionadas, o CEADEC (2001) faz uma trajetória um tanto original, já que são poucos os órgãos com esta característica e apoiados pelo setor sindical. Esta tarefa criou várias interfaces, algumas com o setor público, outras com ONGs, ou com entidades como a ANTEAG⁶ e o INTEGRAR, da CUT⁷.

Furtado (1999) descreve o interesse do setor sindical por ações educativas no campo da qualificação do trabalhador com vistas à reestruturação produtiva, estando incluídas as propostas da “economia auto sustentada”. Afirma: “A proposta de um movimento sindical que esteja sintonizado com questões referentes à cidadania e a situação emergente de desemprego no setor metalúrgico levam o movimento sindical a discutir propostas como a da economia auto sustentada (na forma de cooperativas e auto emprego) que seria impensável durante a década de 80. Em última instância, o objetivo da CMN/CUT é o de organizar um setor do movimento operário, o desempregado, que geralmente é colocado à margem do próprio sindicato, que tem uma capacidade de

⁶ Anteag: Associação Nacional de Trabalhadores de Empresas de Autogestão e Participação Acionária é uma associação civil sem fins lucrativos que congrega associações e cooperativas de trabalhadores em empresas de autogestão e co-gestão. (Nakano, 2000)

⁷ Programa Integrar da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, da Central Única dos Trabalhadores, é um programa educativo de dirigentes sindicais e trabalhadores, que em um de seus desdobramentos realiza cursos e treinamentos de Economia Solidária.

mobilização explosiva mas muito efêmera, dado à sua alta dispersão. O Programa Integrar, além de fornecer a qualificação deste trabalhador, também lhe deu a condição de grupalização necessária para que se organizasse um coletivo de desempregados e de forma perene viesse a discutir saídas para a crise de desemprego e a crise pessoal que cada um destes operários passa no presente momento. Por outro lado, o papel do sindicado passa a ser reconstruído.”

Inicialmente, o CEADEC (2001) dedicou-se ao apoio a empresas auto-gestionadas, cujo trabalho de duas delas, a Hidrophoenix, em Votorantim-SP e a Cooperband, em Sorocaba-SP, foram acompanhados pelo pesquisador. Mais recentemente, o trabalho do CEADEC (2001) tem se caracterizado pelo apoio a cooperativas de reciclagem, estando constituídas oito na região (Sorocaba, Votorantim, Araçoiaba da Serra, Salto de Pirapora, Capão Bonito, Itapeva, Guapiara e Itapetininga).

A Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba é a mais antiga, tendo cerca de 3 anos de funcionamento. Surgiu da iniciativa da Paróquia Cristo Rei, da igreja católica, localizada na zona norte de Sorocaba. Começou com discussões da Campanha da Fraternidade, de 1999, cujo tema foi “Sem Trabalho ... Por quê?”, confeccionando doces, temperos e sabão. A seguir, assumiu a característica de cooperativa de reciclagem, ocupando após grande luta, um galpão fornecido pela Prefeitura Municipal de Sorocaba. Seguiu-se a luta pela eletrificação e a instalação de equipamentos cedidos pela Cáritas⁸. Recentemente houve ampliação da capacidade de armazenamento e processamento, além de aumento da cobertura geográfica com novos centros de armazenamento, beneficiados por um acordo mediado pelo Ministério Público, referente à construção de um hipermercado.

⁸ Cáritas: organização católica que como um de seus trabalhos dá apoio e concede financiamentos a longo prazo para empreendimentos de Economia Solidária.

No momento em que ocorreu o envolvimento do pesquisador, através de um estágio, a cooperativa oficializou a sua fundação, congregando 20 cooperados, distribuídos entre o barracão, local central onde são reunidos e processados os materiais coletados e também funciona um escritório, e o pessoal da coleta, catadores que coletam material na rua e os agrupam, trazendo-os a um local central.

O papel do pesquisador na cooperativa de trabalhadores na reciclagem:

O pesquisador foi muito bem aceito, não tendo nenhum tipo de resistência a seu trabalho sido manifesta. Contudo, no momento das entrevistas, alguns aspectos foram sendo percebidos:

Foi grande a dificuldade de ter contato, principalmente com o pessoal de coleta de rua. Ocorreram muitos desencontros nos acordos de horários e local, esquivas, uma recusa à gravação da entrevista e duas entrevistas não realizadas por desencontro no momento da efetivação.

Surpreendeu o fato de, em um primeiro momento, não aparecerem muitas mulheres trabalhando e, em um segundo momento, perceber-se que estas eram quase a metade dos cooperados. Estas trabalhadoras normalmente ficam mais concentradas no trabalho de rua, o que muitas vezes representa um trabalho mais desgastante, consideradas as características e riscos.

O número expressivo de doações, sobretudo por indústrias e condomínios, gera uma distorção: a grande valorização do trabalho do barracão e a valorização menor do trabalho de coleta de rua.

Todas estas contradições, somadas a outras, foram sendo vivenciadas durante o trabalho de pesquisa, de forma respeitosa na relação pesquisador-pesquisado e encarada

como parte de um processo de evolução e elaboração do trabalho cooperativado, aplicado a este ramo de atividade.

A cooperativa recebeu várias denominações durante sua evolução. Foi chamada “Cooperativa de Desempregados”, “Cooperativa de Desempregados da Zona Norte”, “Cooperativa de Reciclagem da Zona Norte” e “Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba”. Pela originalidade da iniciativa e relativa divulgação pelos meios de comunicação locais, a cooperativa recebe muitas doações. Isso gerou, como já foi dito, o crescimento desproporcional do pessoal do barracão com relação ao pessoal que coleta material na rua. Esses catadores, também recebem doações, porém em menor número, e são remunerados pelo peso do material entregue. Já o pessoal do barracão é remunerado pela média do material recebido por doação. Há um esforço da coordenação da cooperativa em evitar diferenças, porém estas atividades e formas de cálculo de remuneração discrepantes não deixam de gerar conflitos.

Duas sensações são típicas para o pesquisador ao ter contato com este tipo de trabalho. Por um lado, uma grande emoção em estar trabalhando com pessoas com hábitos tão diferenciados, vivendo no limiar da sobrevivência e com conteúdos tão ricos. Por outro, a grande afetividade e a comunicação gratificante, tanto para o entrevistador quanto para entrevistados, principalmente quando existia a percepção de um sentimento comum e de identidade entre os dois, o que ocorreu muitas vezes.

O trabalho de catador cooperativado e o mundo do trabalho:

O trabalho é fundamental atividade humana, o que fundamenta o interesse por essa pesquisa. O capitalismo determina suas regras que, por sua vez, influenciam os modos de vida característicos para cada época. Hoje convivemos com a globalização, as

terceirizações, o crescimento do trabalho autônomo e dos ambulantes nas grandes cidades, com a consequente precarização do trabalho e o desemprego.

Uma das alternativas é a organização dos trabalhadores em cooperativas. As cooperativas, que historicamente não são novidade, apresentam-se como uma nova opção para o enfrentamento do desemprego e do trabalho precarizado.

Outro passo mais avançado é o desenvolvimento de redes solidárias, ou seja, a associação entre várias cooperativas com o objetivo de trabalharem de forma associada, por exemplo, comercializando juntas seus produtos.

Santos (1999b) afirma: “Em cenários de níveis de desemprego, sempre crescentes, as cooperativas, podem amenizar esses impactos, criando novas oportunidades de trabalho através de soluções coletivas. Hoje, pode-se afirmar que já está havendo um entendimento maior a respeito das cooperativas de trabalho, constituindo um meio seguro de aperfeiçoamento e de flexibilização das relações trabalhistas, bem como facilitar o acesso ao trabalho e mesmo à independência econômica, almejada pelos trabalhadores. É por isso que muitos defensores do cooperativismo vêem nas cooperativas de trabalho a maneira mais eficiente de viabilizar a recomposição das oportunidades para os trabalhadores, tanto para os grupos informais como para os denominados excluídos. Assim, o cooperativismo de trabalho pode constituir uma ação rápida para geração de empregos, para distribuição mais equitativa da renda e para minimização dos problemas sociais advindos do trabalho.”

No início do século XIX, na Inglaterra, surgiram várias cooperativas. Inicialmente reprimidas, acabaram sendo incorporadas à economia capitalista. Um dos exemplos foi a cooperativa de Rochdale, hoje considerada a mãe das cooperativas. (Bonamigo, 2002)

As primeiras cooperativas que se tem registro no Brasil surgiram no final de séc. XIX, mas o cooperativismo somente se consolidou com a vinda de imigrantes italianos, alemães e japoneses para o sul e sudeste do Brasil. (Santos, 1999b)

Hoje, na economia solidária, na qual as genuínas cooperativas estão incluídas, há um grande grupo de organizações não governamentais e movimentos sociais de vários tipos: trabalhos voluntários, educação popular, assistência social, instituições ligadas a igrejas, sindicatos, em vários países a bancos, na busca de geração de renda, emprego e serviços comunitários. (Tedesco, 2001)

O comércio de materiais recicláveis teve um grande crescimento, derivado das vantagens econômicas que o reaproveitamento de matérias-primas possibilitam às indústrias.

Torna-se presente a questão ambiental, incluindo a educação ambiental. Pelicioni (1998), afirma: “De acordo com Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em 1977 em Tbilisi, Geórgia (...) a educação ambiental é considerada um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do meio ambiente e adquirem os conhecimentos, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir individual e coletivamente para resolver problemas ambientais presentes e futuros (DIAS, 1992, p. 92).

Ainda segundo Pelicioni (1998), “a educação ambiental, de acordo com DIAS (1994), se caracteriza por incorporar as dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, ecológicas e éticas, o que significa que ao tratar de qualquer problema ambiental, deve-se considerar todas as dimensões. E continua o autor (...) “a maior parte dos problemas ambientais tem suas raízes na miséria, que por sua vez é gerada por políticas e problemas econômicos concentradores de riqueza e responsáveis pelo

desemprego e degradação ambiental.” (...) Recomendações do Seminário Latino-americano realizado em Buenos Aires, Argentina, em 1988 (...): a Educação Ambiental deve fazer parte da política ambiental dos países; adaptar-se às características culturais específicas das populações envolvidas no processo educativo; deve considerar o contexto de subdesenvolvimento dos países da América do Sul e se transformar num instrumento idôneo para a integração e o apoio mútuo entre as nações da região. Deve também salientar a necessidade de criação de um novo estilo de desenvolvimento que inclua crescimento econômico, igualdade social e conservação de recursos naturais, capaz de propiciar relações mais humanas, fraternas e justas entre os homens, e destes com seu entorno natural, atingindo níveis crescentes de qualidade de vida (DIAS, 1994, XIV).

(...) Já durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento realizado no Rio de Janeiro, em 1992, recomendou-se que a educação ambiental deveria: reorientar a educação para o desenvolvimento sustentável de forma a compatibilizar objetivos sociais de acesso às necessidades básicas; com objetivos ambientais de preservação da vitalidade e diversidade do planeta garantindo como direito aos cidadãos um ambiente ecologicamente saudável e com objetivos econômicos; aumentar a conscientização popular; considerar o analfabetismo ambiental e promover treinamento.”

Este trabalho que, no momento, necessita de grande utilização de mão de obra⁹, gerou o desenvolvimento da função de catador de materiais recicláveis, em grande expansão e com um esforço contínuo de profissionalização, hoje reconhecido pelo próprio poder público.

⁹ Não sabemos como será evolução deste trabalho com a evolução tecnológica e a melhor organização das cidades no aspecto da coleta de materiais para reciclagem. Provavelmente, a tendência futura será a utilização de menor quantidade de mão de obra proporcional, com sua diminuição ou absorção por outros setores da economia.

Neste sentido, é adequado pensar nas possibilidades de estruturação do trabalho cooperativado, uma forma de economia solidária e alternativa de luta contra o desemprego.

Conforme Tedesco (2001), o trabalho cooperativo, necessita de uma grande alteração de posturas e comportamentos. “O diálogo é a chave para que as experiências sejam bem sucedidas. (...) Os trabalhadores precisam vencer a mentalidade de submissão e subserviência. (...) É necessário superar o imediatismo e apreender a consciência do processo (...). No campo gerencial, as dificuldades e problemas apresentam-se com veemência. Ligar realismo contextual com transparência decisória e administrativa não é nada fácil”.

Ainda segundo Tedesco (2001), “um dos aspectos (...) é o enfrentamento da participação democrática e sua eficiência em termos de agilização e de garantia da dinâmica de ação de cooperação”.

Segundo Singer (2000), “a economia solidária começou a ressurgir, no Brasil, de forma esparsa na década de 1980 e tomou impulso crescente a partir da segunda metade dos anos 1990. Ela resulta de movimentos sociais que reagem à crise do desemprego em massa, que tem seu início em 1981 e se agrava com a abertura do mercado interno às importações, a partir de 1990”. Afirmar ainda, “grande número de trabalhadores com mais de quarenta anos ou mais jovens mas de baixa escolaridade pode se considerar definitivamente excluído do mercado de trabalho. Por isso, procura ganhar a vida vendendo bens ou serviços, produzidos por eles mesmos ou por pessoas de suas famílias. Em função de seu grande número, os ganhos obtidos assim tendem a ser irrisórios. A idéia de se juntar e organizar uma atividade econômica coletiva, à base de participação igualitária nas decisões e no capital não era conhecida e usual à grande maioria dos sem trabalho.”

Descrevendo o envolvimento dos trabalhadores com esta alternativa, Singer (2000) afirma: “O entusiasmo e o empenho manifestado pelos trabalhadores não fica sem recompensa. Para pessoas humildes, que sempre foram estigmatizadas por serem pobres – sobretudo mulheres e negros, vítimas da discriminação por gênero e raça – a experiência cooperativa enseja um verdadeiro resgate da cidadania. Ao integrar a cooperativa, muitos experimentam pela primeira vez em suas vidas o gozo de direitos iguais para todos, o prazer de poderem se exprimir livremente e de serem escutados e o orgulho de perceber que suas opiniões são respeitadas e pesam no destino coletivo.”

Este papel realizador, que faz sentido em termos de cidadania, motiva a execução da pesquisa sobre estas formas alternativas de organização do trabalho. O interesse se dá sobre como estas formas alternativas podem ser estruturadas, viabilizando a expressão da pessoa e o exercício da cidadania.

O mercado de trabalho hoje caracteriza-se pelo trabalho precário, conforme afirma Segnini (2000), “o desemprego e o trabalho informal, a diminuição dos postos de trabalho e a disputa cada vez maior pelos postos existentes, com altas expectativas de desempenho. As constantes necessidades de atualização e reciclagem, muitas vezes são acompanhadas pela falta dos recursos disponíveis.”

Os processos de trabalho e as suas representações têm um papel atuante na organização do processo produtivo e o modo de sentir-se do trabalhador. Segundo Modia (1995), “o sentido que damos ao mundo é mediado pelas representações sociais que temos sobre o meio em que vivemos. A produção de sentido resulta tanto da apropriação de conteúdos sociais quanto da elaboração de significações intra-individuais, estando indivíduo e contexto social entrelaçados numa interdependência que modifica a ambos.” Esta ampla gama de representações sociais envolve diversos aspectos da vida, incluindo as representações do trabalho.

Segundo Bridges (1995), “a perspectiva no século XXI é uma sociedade cada vez com menos empregos, no sentido tradicional. Os empregos estão desaparecendo, sendo esta mudança influenciada pelas alterações tecnológicas como a automação. Isso faz com que todos nós tenhamos de aprender novas maneiras de trabalhar.”

Há outros pontos de vista sobre a diminuição do número de empregos, como Antunes (1998), que atribui esta diminuição tanto à crise econômica quanto à reorganização produtiva, prevalecendo o primeiro. A crise econômica gera o chamado desemprego conjuntural e a reorganização produtiva o chamado desemprego estrutural. Na maior parte das vezes, no primeiro, quando há recuperação da economia o posto de trabalho é recuperado, mas no segundo tende a desaparecer.

Segundo Singer (1998), “o desemprego é um fato social do momento. O assalariamento é substituído pelo trabalho autônomo, com aumento das horas trabalhadas, pior remuneração e perda de direitos. Por outro lado, milhões de trabalhadores perderam suas qualificações à medida que máquinas e aparelhos permitiram obter os resultados com menor custo. A precarização das relações do trabalho representa melhor a situação que o desemprego. Os novos postos de trabalho não oferecem ao eventual ocupante as compensações usuais que as leis e os contratos coletivos vinham garantindo. Paralelamente, ocorreu, nos últimos anos, grande aumento das ocupações nas áreas de serviço, sobretudo com a diminuição da área industrial. A globalização acarreta o “desemprego estrutural”, no qual muitos trabalhadores perdem seu emprego, o que possibilita que milhões de novos postos de trabalho sejam criados, porém sendo ocupados por trabalhadores com vínculos mais precários (tempo parcial e remuneração inferior, por exemplo). Outro aspecto, é o crescimento do trabalho informal e do trabalho temporário. Uma alternativa proposta são as estruturas

cooperativistas de produção e consumo, alternativa esta fora do setor público e fora do setor privado capitalista.”

O crescimento dos trabalhos informal e temporário pode ser constatado pelos dados do IBGE (2002) e SEADE (2002). O censo 2000 (IBGE, 2002), demonstra o quanto a contribuição à previdência oficial tem uma ascensão quando prevalece emprego formal, caindo quando prevalece o trabalho informal. Dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo (SEADE,2002), demonstram o crescimento do emprego sem carteira assinada e do aumento do desemprego, incluindo o trabalho precário e o desemprego pelo desalento, a partir dos anos 90.

Neste sentido, ao analisarmos o nosso trabalhador em específico, não podemos nos prender a um conjunto de aspectos que não incluam os fatores econômicos. O mesmo raciocínio vale para a busca de alternativas. Pouco resultado trará, enfocarmos o nosso esforço nas questões de relacionamento e organização, se não levarmos em conta estes aspectos e o momento econômico.

Furtado (1999) comenta as alterações na economia e empregabilidade nos últimos anos. Afirma: “Para alguns autores o desemprego no Brasil decorre de “uma herança histórica de continuado abandono pelas políticas de industrialização, que foram conduzidas sem a realização de reformas clássicas do capitalismo moderno, como na estrutura agrária, na construção do Estado de bem estar social, entre outras (Baltar & Henrique, 1994; Mattoso & Pochmann, 1995; DIEESE, 1994). De outro lado, a dimensão estrutural do desemprego no Brasil decorreria também do abandono do projeto de industrialização, da crise dos anos oitenta e do processo abrupto de abertura comercial e de reestruturação empresarial em curso nos anos noventa” (Pochmann,1997:24). Ainda de acordo com Pochmann (1997) “No Brasil, não existe

ainda consenso sobre a conformação de uma nova fase de crescimento econômico sustentado. Observa-se, contudo, que a ocupação da capacidade instalada do parque produtivo nacional tem ocorrido recentemente sem a expansão significativa dos empregos assalariados com carteira, apenas com aumento expressivo nas formas de ocupação precárias.”(p. 26). A combinação de fatores de ordem estrutural e conjuntural (atual política neoliberal do Governo Federal) tem propiciado o desaparecimento de cargos de trabalho na indústria paulista e o incremento do setor informal como alternativa de trabalho para os trabalhadores que estão perdendo os cargos na indústria.”

A economia, segundo Singer (1994), “baseia-se nas leis de mercado, onde o vendedor fixa o preço e há grande número de vendedores, evitando-se o monopólio. O trabalho que vai produzir mercadorias é uma parcela de um bloco inteiro chamado “divisão social do trabalho”. Esse trabalho, despendido na divisão social do trabalho é que dá origem a todas as mercadorias e origina o valor. A economia de mercado é essencialmente uma economia de trocas: a troca da nossa força de trabalho, no caso dos assalariados, pela mercadorias que necessitamos. A moeda é, portanto, um meio de troca. A nossa realidade é caracterizada pela profunda desigualdade na repartição de renda. A maior parte da população vive pobremente e uma minoria tem altas rendas. No Brasil, a industrialização sistemática começou por volta de 1930. Na época da grande depressão, o comércio externo caiu enormemente e as oligarquias internas enfraquecem-se, o que fez com que surgisse um desenvolvimento autônomo, uma industrialização por substituição de importações. Este processo não é puramente de mercado, mas há mecanismos de proteção por parte do estado.”

Segundo Antunes (1998), “a década de 1980 apresentou profundas transformações no mundo do trabalho. Estas modificações foram tão intensas que a classe trabalhadora sofreu uma aguda crise, que atingiu a materialidade, a subjetividade

e sua própria forma de ser. Vivem-se formas transitórias de produção, cujos desdobramentos são contundentes nos direitos do trabalho, sendo desregulamentados, flexibilizados, com direitos e conquistas dos trabalhadores substituídos ou eliminados da produção. Observa-se no mundo do trabalho, no capitalismo contemporâneo, um grande processo de transformação: de um lado uma diminuição da classe operária tradicional e de outro uma expansão do assalariamento no setor de serviços. Também ocorreu uma crescente incorporação das mulheres no mundo operário e uma subproletarização pela expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado e terceirizado. O fenômeno mais forte é o desemprego estrutural, em expansão, em escala global, parte em decorrência do quadro recessivo, parte em função da automação, da robótica e da micro-eletrônica. Os mais jovens e os mais velhos também são excluídos. Paralelamente, há um grande crescimento do setor de serviços, que passa a conter a maior parte dos postos de trabalho, ao contrário do setor industrial, no qual estes postos diminuem. Grandes alterações se dão em vários setores da economia e do trabalho. O trabalho transforma-se com a formação de uma categoria trabalhadora mais qualificada que controla, na maior parte dos casos processos automatizados e alguns trabalhadores menos qualificados.”

Em Sorocaba-SP, ocorreu a diminuição do setor têxtil tradicional com grande incremento do setor de serviços, prevalecendo a economia informal. Ocorreu o fechamento de indústrias têxteis com a eliminação de grande número de postos de trabalho e a criação de outros, em menor número, nas indústrias do ramo metalúrgico e na prestação de serviços, com maior presença da automação, trabalhos acompanhados de maior grau de informatização e terceirizações.

Ainda segundo Antunes (1998), “a classe trabalhadora se segmenta em três categorias:

- Os que estão no centro do trabalho produtivo, um grupo cada vez menor, que permanecem no interior das empresas, que tem um envolvimento maior e uma segurança relativa grande em relação às outras duas categorias.

- Os que estão na periferia do sistema produtivo, empregados em tempo integral, mas com habilidades facilmente encontradas no mercado de trabalho, com alta rotatividade (...).

- Os que caracterizam-se pelo trabalho em tempo parcial ou trabalho temporário, trabalhos casuais, subcontratados, cuja segurança no emprego é ainda menor que o segundo grupo, com alta rotatividade.”

Os aspectos econômicos, nos levam a refletir sobre as suas relações com os sistemas de trabalho e a busca de alternativas possíveis. Como situa-se nosso trabalhador neste contexto econômico e social? Esta é a questão que se coloca. Como se dá a interação entre os aspectos econômicos, o que esta ao redor do trabalhador nos vários campos da vida e, sobretudo, o mundo do trabalho?

O aumento do cooperativismo no Brasil, em vários ramos de atividade, nas duas últimas décadas, nos desperta para a sua utilidade como forma de estruturação e da organização do trabalho. O trabalho em cooperativas parece ser uma alternativa concreta de mudança nos padrões usuais das relações do trabalho, merecendo um estudo mais aprimorado em seus vários aspectos, inclusive no campo das relações interpessoais entre cooperados e pessoas com ou sem ligação direta, mas pertencentes ao mundo externo das cooperativas.

O trabalho cooperativado apresenta-se como uma possível alternativa para o desenvolvimento de estruturas de produção que equacionem a necessidade de trabalho e a satisfação pessoal e familiar.

Segundo Paoli (1974), “a absorção de mão de obra reflete assim uma diferenciação interna da força de trabalho, combinando-se em diferentes fontes de exploração, que vão desde a exclusão até a exploração intensiva de sua produtividade. O mais prejudicado é sem dúvida o trabalhador não qualificado, impedido de se efetivar como empregado estável e isolado em sua luta pela sobrevivência.”

Os trabalhadores que fazem parte deste estudo, estariam no limiar entre a exclusão e alguma forma de inserção, caracterizada pela exploração intensiva de sua produtividade.

Segundo Sato (1999), “a construção de cooperativas se dá a partir da concepção de organização como um processo social dinamizado por negociações. O conflito e a harmonia de interesses nucleares convergem para a compreensão destes vários aspectos levantados, que, como já dissemos, não encerram as possibilidades da existência de conflitos, mas são um modo de nos conduzir a uma reflexão sobre as possíveis ações na prática e a busca de referenciais teóricos. A questão fundamental que se coloca é como o trabalho deve ser estruturado de modo a ser possível lidar com a existência destes vários aspectos e, ao mesmo tempo, sendo produtivo e com um grau de bem estar satisfatório.

Esse processo explica os movimentos de cooperação e confrontação. Como as pessoas interagem para definir objetivos e para construir os meios para atingi-los, como constróem regras, rotinas, e procedimentos, num contexto conformado por duas ordens de realidade: de um lado as pessoas terem suas histórias de vida, suas expectativas e visões de mundo e também suas necessidades particulares de sobrevivência; de outro, esse contexto também é conformado pelos recursos de que se dispõe, pela tecnologia que se domina, pela realidade de mercado e pela racionalidade econômica que vigoram

como parâmetros para as relações nessa sociedade. Nos processos sociais, a organização é interação sempre. As cooperativas fazem parte deste contexto.”

Segundo Segnini (2000), “o desemprego já não resulta mais da ausência de crescimento econômico, mas se tornou inerente ao próprio crescimento econômico. No Brasil, o avanço do capitalismo é caracterizado por uma profunda heterogeneidade produtiva, com desigualdade nas relações de trabalho e renda. Dentro desta realidade “altamente flexível”, houve um crescimento das relações formais de trabalho, de forma intensa entre 1950/80. Neste contexto, a sociedade permaneceu desigual, a renda continuou concentrada, permaneceu a informalidade, o subemprego, baixos salários e rendimentos desiguais. A partir dos anos 80, num clima da economia em grande instabilidade com crescimento da dívida externa, estagnação e hiperinflação, a frágil estruturação do mercado de trabalho é rompida, com desassalariamento de parte significativa da população trabalhadora, com crescimento do desemprego e do trabalho informal, e precarização das relações de trabalho. Os postos de trabalho passaram a ser assalariados, mas sem registro e por conta própria.”

Segundo Baltar e Proni (1996), “a regulamentação do trabalho no país não garante estabilidade no emprego e permite alta flexibilidade para o empregador contratar, usar, remunerar e dispensar trabalhadores. Sobre a diminuição do emprego formal a partir da década de 1980, colocam que não trata-se apenas dos efeitos da estagnação econômica sobre o mercado de trabalho, mas do começo de uma reestruturação da economia que tem afetado a capacidade de geração de empregos.”

Estas alterações na economia de um modo mais amplo e nos processos de trabalho, redimensionam toda visão que temos da produção e do modo de sentir-se do trabalhador. Também são insumos para as reflexões dos grupos e para a busca de alternativas de estruturação dos processos de trabalho. Na busca destas alternativas à

estrutura produtiva tradicional, um dos aspectos presentes é a valorização da cultura do trabalhador e seu papel criador e não apenas reprodutor da estrutura capitalista.

Segundo Spink (1991), “as ações locais devem ser valorizadas enquanto geradoras de efeitos mais amplos. Tradicionalmente, os pesquisadores das organizações tem considerado a parte subordinada ao todo. Nesta nova linha de entendimento, a parte representa a existência de “filmes individuais” cuja compreensão é bastante complexa, envolvendo “filmes que se cruzam”, formando conexões no mapa de trabalho de cada um. Portanto, a focalização das partes e sua vinculação com o todo, valorizando os micromundos chamados partes, onde todos vivemos, pode trazer a compreensão mais realista do que são as organizações estudadas.”

Portanto observamos que as relações de trabalho, além de serem processos sociais mais amplos, têm também um significado individual ou grupal particular, singular, que não pode ser menosprezado. É o significado que têm para cada um, resultando numa vivência pessoal ou grupal única, que deve ser compreendida por nós de modo simbólico e interpretativo, transformando-se em valiosa contribuição para a compreensão das relações do trabalho, bem como de formas alternativas, como o trabalho cooperativo.

Segundo Baccaro (1987), “um dos aspectos presentes no desemprego é a perda da auto-estima, pela perda de status e pelo sentimento de inferioridade e impotência perante a realidade social. É esperado que as pessoas desempregadas tenham expectativa e estendam-na às suas famílias, amigos e vizinhos, com estes exercendo um controle sobre o indivíduo desempregado, sendo que este controle acaba condicionando o comportamento do indivíduo. Um dos aspectos é o medo do que pensam os outros. Vivemos em uma “sociedade empregaticia”, onde as pessoas são mais valorizadas pelo

onde trabalham, com quem trabalham, do que pelo próprio valor intrínseco ao indivíduo. Neste sentido, a perda do trabalho afeta a base das suas relações sociais.”

O desemprego, o receio do desemprego enquanto o trabalhador está empregado, as tensões presentes nas relações humanas no trabalho, as cobranças das pessoas que fazem parte do universo social, contribuem para que a auto estima seja rebaixada. O trabalhador luta contra este rebaixamento, busca alternativas, olha para si mesmo e para o mundo ao seu redor em busca de um trabalho mais gratificante e digno. A existência de uma oportunidade, principalmente quando em um contexto no qual haja identidade, solidariedade e companheirismo, colaboram com o fortalecimento de uma imagem positiva a respeito de si mesmo, o que ajuda a também fortalecer os colegas.

Nossa busca é no sentido de, perante esta perda de auto estima, oferecer alternativas que valorizem o papel criativo e assertivo do trabalhador, em busca de uma estrutura que possibilite o seu desenvolvimento, juntamente com seu grupo e comunidade.

Dejours (1994) destaca o papel da organização do trabalho e da psicopatologia do trabalho. “É papel da organização do trabalho a busca de um espaço adequado onde o trabalhador seja sujeito no trabalho e a busca de uma liberdade de elaborar um compromisso nos conflitos que surgem neste campo.” Neste enfoque, a criação de alternativas ao desemprego e as novas estruturas de trabalho fazem parte deste ato de busca de elaboração.

Seligmann-Silva (1997), analisa o desemprego de longa duração (D.L.D.) e seus efeitos sobre a vida do trabalhador. Comenta também o desemprego oculto por trabalho precário e o desemprego oculto por desalento. Considera o desemprego de longa duração o período superior a seis meses para a realidade brasileira, em contraposição aos pesquisadores europeus que consideram um ano, em uma realidade

diferente sobretudo pela presença na Europa de mecanismos de seguridade social mais eficazes. Observa também nos profissionais de recursos humanos entrevistados a descrição de uma rejeição sistemática por parte das empresas do trabalhador desempregado há mais de seis meses. Considera os vários fatores da subjetividade que afetam estes trabalhadores como a perda da auto estima e o desalento.

Lima e Neyara (1999), colocam as cooperativas de trabalho como uma das alternativas mais polêmicas ao trabalho assalariado na indústria. Descrevem que historicamente as cooperativas eram organizadas em momentos de grave crise econômica, desaparecendo com a atenuação das mesmas. Analisam as cooperativas oriundas das falências de fábricas e ponderam que, com sucesso ou fracasso, a tendência da cooperativa é desaparecer. No caso de sucesso, o cooperado tem a tendência a transformar-se em empresário, com a contratação de novos empregados. As que não tem sucesso, desaparecem por falta de mercado. No Brasil, em sintonia com alterações na legislação, ocorreu um incremento na abertura de cooperativas, com a existência de cooperativas autênticas, até as falsas cooperativas chamadas “cooperfraudes” ou “coopergatos”, cuja característica principal é o rebaixamento dos custos da força de trabalho em processos de terceirização. Estes processos são problemáticos para os próprios sindicatos, pois descaracteriza-se o papel do trabalhador. Nestas falsas cooperativas, também os trabalhadores não participam de qualquer tipo de decisão, estando sujeitos à existência de intermediários, comumente funcionários ou ex-funcionários das empresas contratantes de serviços. Estas novas cooperativas de trabalho, correspondem ao ideal da empresa enxuta, especializada e com serviços terceirizados. Ilustram com exemplos de formação de cooperativas em empresas do setor calçadista, situadas no Ceará, no nordeste brasileiro, substituindo com setores terceirizados, trabalhos anteriormente realizados pelos trabalhadores de indústrias

gaúchas, do sul brasileiro. Isto gerou desemprego não só no sul, como em Fortaleza, Ceará. Neste caso, os trabalhadores raramente entendem o significado do trabalho em cooperativas. Neste papel paradoxal, as cooperativas têm se apresentado como uma alternativa ao desemprego, juntamente com as empresas comunitárias.

Queiroz (1997), citado por Santos (1999b), diz que “existem operando no Brasil, três tipos de cooperativas:

A denominada imprópria, também denominada de fraudoperativa, um tipo de cooperativa que tem dono, o que contraria a doutrina, os princípios e a legislação cooperativista. Os pseudo associados/cooperados não conhecem cooperativismo, agem como empregados. Não é uma associação criada pelos sócios com o objetivo de procurar melhorar a sua remuneração e as condições de seu trabalho.

A denominada ilegal, também chamada de gatoperativa, uma cooperativa que tem dono, o que contaria a doutrina, os princípios e a legislação, organizada sem a participação dos associados, não tem objetivos definidos, geralmente utilizadas para captar mão de obra e de uso em empreitadas.

A denominada verdadeira, também chamada de legítima, organizada à luz da lei n. 5764/71 (1971), atuando de acordo com os princípios do cooperativismo, uma gerenciadora das atividades executadas pelos seus associados responsáveis pela valorização desses trabalhadores. Atua como prestadora de serviços aos cooperados, principalmente na busca de trabalho, na melhoria da qualificação de seus associados, na distribuição dos trabalhos e na repartição das sobras.”

Sobre os processos de exclusão, Xiberras (1993)¹⁰ afirma: “O fenómeno do desemprego não se constrói imediatamente à volta de um conflito de valores. No entanto, acaba por combinar um conflito de perspectivas: por um lado, o desemprego é sentido por um contratador eventual como uma deficiência; por outro lado, do ponto de

vista dos desempregados de longa duração, o desemprego conduz à interrogação sobre a vontade e capacidade de aderir de novo a outras relações de trabalho, fundadas na responsabilidade e no desempenho. De uma e de outra parte, o fenómeno de evitamento tem pois a tendência a exacerbar-se e a acumular-se como uma exclusão recíproca.”

Segundo Sato (1991), “o trabalho penoso não é simplesmente a exigência de esforços que provoquem incomodo e sofrimento. A penosidade existe quando os esforços provoquem incomodo e sofrimento que ultrapassem o limite do suportável. Como a organização do trabalho em nossa sociedade centraliza o poder, os trabalhadores lançam mão de estratégia e das alternativas que lhes possibilitem manter o equilíbrio dinâmico.”

Ainda Sato (1993), define que no trabalho penoso o que é bom para uns, não é para outros. Esta diversidade não ocorre só em relação aos vários aspectos relacionados ao trabalho, mas também ao peso que cada pessoa atribui a cada um deles. Descreve a familiaridade como um processo de aproximação gradativa com o trabalho, possibilitado mediante a construção de um conhecimento específico dos próprios trabalhadores. Comenta como o poder sobre o trabalho implica a possibilidade de o trabalhador interferir e mudar prescrições que definem normas no nível da tarefa a ser por ele executada. A limitação do poder sobre o trabalho o torna ainda mais dificultoso. Fala sobre o limite subjetivo, ou seja, um processo de auto conhecimento, conhecimento dos próprios limites, denominado limite subjetivo, que determina como suportar a penosidade no trabalho. Descreve ainda as ações adaptativas, onde o trabalhador altera a forma de realização de suas tarefas, modificando-a e com isso tendo uma melhor convivência com o trabalho.

Segundo Massad Campos (1994), “as representações sociais constituem uma marca de interpretar e pensar nossa realidade cotidiana, em forma de conhecimento

¹⁰ Transcrito do texto da edição portuguesa.

social, a atividade mental empregada por indivíduos e grupos a fim de fixar sua posição em relação às situações, acontecimentos, objetos e comunicações que lhes concernem. As representações sociais podem ser vistas como produto e como processo.”

Desse modo, o nosso universo de trabalho passa a ser a inter-relação entre os processos de trabalho, e as percepções das pessoas, sendo esta inter-relação caracterizada em parte por uma objetividade e em parte como um produto subjetivo derivado da interação das pessoas com o ambiente, em especial no trabalho.

Ao estudarmos as percepções sobre o trabalho, buscamos a compreensão mais profunda e realista de como são os processos de trabalho e em que medida ações educativas e outros tipos de intervenção podem auxiliar os trabalhadores a ampliar sua percepção de sua situação concreta. Há diferença entre o que é vivenciado e o modo de perceber. A partir da compreensão da percepção dos trabalhadores, inferimos as reais condições e processos de trabalho. Esta compreensão poderá dar possibilidade a ações mais amplas de realimentação do grupo de trabalhadores, com estruturas que possibilitem melhores condições de vida e trabalho para aqueles envolvidos direta ou indiretamente.

Segundo Furtado (2001), citando Batista (1997), “a globalização não é um fenômeno recente, iniciando com a expansão econômica imperialista do século XX e a procura de novos mercados para incremento de sua produção, com a diferença que, nas últimas décadas do século XX esse projeto está mundializado. Os conglomerados industriais diversificaram sua base territorial de produção para garantir menor custo de matéria prima, de força de trabalho, de distribuição, etc.” Prossegue Furtado (2001), afirmando que com isso ocorreu uma grande reformulação das relações de trabalho. Estas novas relações de trabalho, com a passagem do taylorismo ao toyotismo, exigiram uma requalificação do trabalhador brasileiro. Ocorreu a divisão em duas categorias: “um

grupo de trabalhadores com formação técnica, ensino médio concluído, com perspectiva de cursar universidade e algum domínio de línguas, e outro grupo altamente qualificado, mas com pouca flexibilidade e formação escolar. A este segundo grupo restou a possibilidade de requalificação ou ser vítima do desenvolvimento tecnológico, buscando a sobrevivência no mercado informal de trabalho, que hoje abriga a metade da população economicamente ativa do Brasil. Para estes, o avanço da tecnologia, o avanço nas relações de trabalho e a globalização estão longe. Na cadeia produtiva moderna, o mesmo processo produtivo pode em uma ponta criar o emprego de alta tecnologia, na outra ponta pode criar o trabalho semi escravo, o trabalho infantil, ou a super exploração dos trabalhadores das minas de sílica. De um lado a alta tecnologia, o trabalhador super qualificado, a globalização; de outro, a fabriqueta de fundo de quintal, o escambo e o analfabeto.”

Gil (1997) comenta os processos de demissão dos trabalhadores nas situações de desemprego estrutural, quando ocorre os fechamentos dos postos de trabalho. Neste caso, ocorre do trabalhador não apenas perder seu emprego, como existe a eliminação da vaga. Estuda o depoimento de trabalhadores em processo de reprofissionalização na área de construção civil, com suas representações sociais e possibilidades de colocação profissional. Explora as possibilidades de trabalho, enfatizando a reprofissionalização como ferramenta de mudança.

Sievers (1990) coloca como a maior parte das teorias organizacionais fica distante da realidade das pessoas nas organizações. Destaca a importância do ir em busca do sentido do trabalho como forma de humanização do trabalho. Este sentido tem se perdido em virtude de alta fragmentação e divisão do trabalho em nossas organizações. Propõe que a busca deste sentido e da humanização do trabalho se dê pelo reconhecimento da finitude da vida, estando incluídas aí as relações no trabalho,

distanciando-se de teorias organizacionais reconhecidas como científicas, mas parte deste universo fragmentado do mundo do trabalho.

Considerando as várias perspectivas, o objetivo desta pesquisa é compreender como o trabalhador vive o momento do desemprego e como vive o momento do trabalho cooperativado.

Essas pessoas que, em sua maior parte, estavam fora do mercado de trabalho formal, tem na cooperativa uma alternativa de ingressar em um mercado que está sendo flexibilizado.

Uma multiplicidade de representações individuais e grupais ocorrem, tendo o grupo um papel importante nos processos de identificação das pessoas. Existem vários significados, cuja interpretação deve levar em conta aspectos subjetivos e sociais.

Desse modo, o nosso universo de trabalho passa a ser a inter-relação entre os processos de trabalho e as percepções das pessoas, sendo esta inter-relação caracterizada em parte por uma objetividade e em parte como um produto subjetivo derivado da interação das pessoas com o ambiente, em especial no trabalho.

Portanto observamos que as relações de trabalho, além de serem processos sociais mais amplos, têm também um significado individual ou grupal particular, singular, que não pode ser menosprezado. É o significado que tem para cada um, resultando numa vivência pessoal ou grupal única, que deve ser compreendida por nós de modo simbólico e interpretativo, transformando-se em valiosa contribuição para a compreensão das relações do trabalho, bem como de formas alternativas como o trabalho cooperativo.

Na busca destas compreensões, o trabalho de pesquisa aqui relatado, tem uma estrutura, que vemos a seguir. Nela há uma mescla que vai das tentativas de

entendimento, compreensão teórica e depoimentos dos entrevistados, em uma sequência como descrita a seguir.

Os capítulos e temas/assuntos desenvolvidos neste trabalho são:

Na *introdução*, em *o mundo do trabalho e a busca de alternativas*, buscou-se analisar o porquê deste trabalho de pesquisa; a busca de alternativas no mundo do trabalho, tanto por parte dos trabalhadores individualmente, quanto por instituições ligadas ao trabalho, em especial, no setor sindical; um pequeno histórico da Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba e as vivências características do trabalho de pesquisa.

O trabalho do catador cooperativado e o mundo do trabalho, descreve a ótica dos trabalhadores cooperativados, dentro do universo dos trabalhos de economia solidária; o mundo do trabalho cada vez mais caracterizado pelo desemprego e pelo trabalho precarizado; as subdivisões do mercado de trabalho em várias categorias de trabalhadores, dependendo do grau de inserção na economia formal; as organizações de trabalho e os objetivos desta pesquisa.

O enfoque e a realização da pesquisa descreve o caminho escolhido; as várias iniciativas de trabalho cooperativado; o uso da metodologia de histórias de vida e o tratamento dos dados obtidos.

Na parte 1, *o desenvolvimento da industrialização e os processos de trabalho na região de Sorocaba*, descreve os aspectos históricos do processo de industrialização e sua evolução para um contexto econômico que, ao mesmo tempo que desarticula a estrutura tradicional do mercado de trabalho, possibilita a criação ou recriação de novos espaços de sobrevivência e formas de articulação do trabalho.

O cooperativismo e a função do catador tenta compreender mais especificamente o cooperativismo e a nova categoria ocupacional que é o catador, as características da economia solidária e a opção pelo trabalho de reciclagem.

Na parte 2, *as representações do trabalhador sobre o trabalho e a cooperativa*, analisa depoimentos coletados na pesquisa realizada com cooperados de reciclagem.

As considerações finais, estabelece relação entre a pesquisa realizada e novos questionamentos apontados para futuros trabalhos.

Consideradas as várias perspectivas, o objetivo desta pesquisa é compreender como o trabalhador vive o momento do desemprego e como vive o momento do trabalho cooperativado.

Enfoque e realização da pesquisa:

Na região de Sorocaba existem atualmente várias iniciativas de cooperativas de reciclagem. Na cidade de Sorocaba, distante 96 km. de São Paulo, existe uma delas: a Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba, que está em estágio mais adiantado de desenvolvimento em relação às outras, congregando dezenas de cooperados e recebendo materiais de colaboradores locais e de outras cidades da região. Um dos aspectos do sucesso é a formação de volume de materiais, o que dá possibilidade de obtenção de melhores preços. A maior parte dos trabalhadores envolvidos neste projeto é composta por pessoas que já tiveram emprego “de carteira assinada”. A atividade econômica em Sorocaba é basicamente industrial e este setor foi grande utilizador de mão de obra. Com as transformações econômicas dos últimos anos, ocorreram muitas dispensas, com eliminação de muitos postos de trabalho. Estes trabalhadores, em sua maioria também migrantes de anos anteriores, são parte deste contexto. Não obtendo emprego no ramo

industrial, nem mesmo nas atividades terceirizadas ou mais periféricas, foram para a economia informal, conseguindo estruturar-se a seguir como cooperados.

Utilizando a metodologia de histórias de vida, definida por Pereira de Queiroz (1953, 1987, 1991), selecionamos um conjunto de trabalhadores que foram entrevistados. Afirmo Pereira de Queiroz (1987) que “para a psicologia o indivíduo é o centro de interesse, mesmo considerando que o comportamento resulta da interação indivíduo grupo. Para a sociologia, o que interessa é o fato social, sendo que as histórias de vida e depoimento pessoal só assumiram destaque quando reconheceu-se que valores e opiniões tinham base coletiva.” Destaca a formulação prévia da questão como um requisito importante na colheita de histórias de vida, bem como a escolha do informante ou “indivíduo representativo”. Fala da importância de obter-se um material vivo, objetivo, espontâneo, com o informante tendo liberdade no relato, sem por exemplo a necessidade de ordenação cronológica dos fatos. Pereira de Queiroz, citada em Kosminsky (1999), afirma que o que “os homens pensam, sentem e fazem, constituindo fatos sociais, mostrados vivos, permitindo uma abordagem interior dos fatos, antes observados quase que puramente do exterior”. Destaca a importância da subjetividade do pesquisador, a ser trabalhada através da autocrítica e auto-análise.

Nesta pesquisa, o roteiro de entrevista estimulou depoimentos sobre a história de vida, com foco centrado no trabalho e vida familiar. A partir da transcrição destes relatos orais, pretendemos compreender dois momentos: o antes da formação da cooperativa, vivenciando a situação do desemprego, trabalho informal e precarizado, e o depois da formação da cooperativa, com um trabalho mais estruturado de cunho cooperativo.

O objetivo desta pesquisa é investigar e tentar compreender as representações construídas pelos trabalhadores nos dois momentos. Desta forma, estaremos

conhecendo melhor as representações relacionadas ao trabalho e identificando os aspectos contrastantes em uma e outra situação, podendo identificar os meios que possibilitem a elaboração de estruturas de trabalho cooperativas, produtivas e que gerem bem estar social.

Foram realizadas entrevistas abertas com relatos de histórias de vida, utilizando gravador para registro da informação viva, a curto prazo, com consulta prévia de consentimento pelos entrevistados, seguindo-se a transcrição e elaboração de categorias de respostas para análise qualitativa. Com isso obtivemos dados sobre o modo de vida, as representações sociais e as vivências nas duas situações, bem como da relação pesquisador-pesquisados, em uma interação de investigação científica, tendo portanto condições de visualizar os aspectos mais favoráveis a um interrelacionamento e a um modelo de gestão que valorize a participação, associada à sobrevivência com dignidade e cidadania, e o bem estar do trabalhador e sua família.

O pesquisador realizou várias visitas aos locais de trabalho, conhecendo as atividades e a estrutura organizacional. Logo a seguir, iniciaram-se as entrevistas com parte dos cooperados. O vínculo pesquisador-pesquisados foi bastante produtivo, com a percepção e determinação de objetivos comuns, o principal deles o desenvolvimento da cooperativa e a compreensão das relações humanas no trabalho.

Parte 1:

O desenvolvimento da industrialização e os processos de trabalho na região de Sorocaba:

O desenvolvimento da região de Sorocaba, segundo Santos (1999a), deu-se a partir de aspectos geográficos e históricos. A região, conhecida na geografia física como depressão periférica, favoreceu o surgimento de povoações e aglomerados humanos, em contraposição com áreas mais acidentadas e de vegetação mais difícil, nas rotas de migração para o interior do estado. Com topografia suave e a vegetação menos densa na depressão periférica, facilitou o estabelecimento da atividade humana. Os primeiros colonizadores dedicavam-se à caça aos índios e à mineração de ferro. A existência de magnetita, deu oportunidade ao surgimento do primeiro ensaio de indústria siderúrgica brasileira. Em 1589, Afonso Sardinha montou dois engenhos de fundição e construiu a primeira casa da região. Com produção irregular, esta fundição teve um certo desenvolvimento com Adolfo Varnhagem entre 1814 e 1821 e uma produção mais sistemática no período da guerra do Paraguai entre 1865 e 1878.

As feiras de burros foram a atividade econômica de expressão seguinte. O ciclo do luar, como ficou conhecido, veio do transporte do ouro das minas ao porto de embarque. Meio de transporte da época, os comerciantes realizavam grande volume de negócios em mercados à beira dos rios. Forasteiros vindos de diversas partes do Brasil, vendedores paranaenses ou riograndenses e compradores, especialmente mineiros e fluminenses, aproveitavam as feiras para negociar. A localização privilegiada deu surgimento às cidades mercado. Ficou conhecido também como ciclo do tropeirismo.

Seria substituído pela ferrovia, que passou a ser o meio de transporte vital para a economia.

O ciclo seguinte, do algodão, foi o incrementador das condições básicas para a industrialização. Para que fosse realidade foi essencial a presença de acidentes geográficos do alto Sorocaba, facilitando o aproveitamento hidráulico, como nas represas de Itupararanga e Votorantim. Sorocaba desenvolveu a atividade industrial em contraposição aos municípios vizinhos, que tiveram um desenvolvimento mais agrícola. Até meados do séc. XIX a atividade econômica prevalecente eram os centros de distribuição de muares. Neste período, começam as primeiras indústrias têxteis. Segundo Lima (1999), a indústria têxtil foi estimulada pela guerra de secessão nos Estados Unidos da América entre 1861 e 1865, que retirou provisoriamente a produção americana do mercado internacional, limitando a exportação de algodão para o Brasil e estimulando novos centros de produção. Assim, intensificou-se entre nós a produção algodoeira, para exportação e uso interno. As fábricas têxteis em Sorocaba, instalaram-se entre 1878 a 1913, caracterizando o primeiro centro industrial do interior do estado de São Paulo. Em 1950, Sorocaba aparecia em quarto lugar na produção industrial do estado de São Paulo e oitavo no Brasil.

Segundo Silva (2000), a história econômica de Sorocaba caracteriza-se por ciclos econômicos: inicialmente, o mais significativo foi o das feiras de muares. A partir de 1654, ano de fundação de Sorocaba, ocorreram várias feiras e registros de animais. As feiras destinavam-se ao comércio de animais para transporte e nelas vendiam-se todos os artefatos destinados a este fim. Os registros eram a forma de tributação da época. Eram tributados os animais novos e pela passagem. O registro situava-se na ponte sobre o rio Sorocaba. O período mais marcante das feiras foi entre 1766 e 1897, com auge em 1850. A elevação da vila a cidade deu-se neste contexto, em 1842. A

ferrovia viria a ser implantada em 1875 e seria o modo de transporte substitutivo ao transporte de muares. Seguiu-se o período do cultivo de algodão, estimulado pelas exportações em função da guerra civil americana. O algodão foi comercializado desde 1870, sendo a última feira de muares em 1897. Ao final da guerra de secessão americana, a alternativa foi a comercialização do algodão no mercado interno.

Ainda segundo Silva (2000), a industrialização iniciou-se em 1882, com o início dos trabalhos da primeira fábrica têxtil: a fábrica de tecidos Nossa Senhora da Ponte. A seguir vieram a Santa Rosália, a Santa Maria e a Votorantim. Na indústria prevalecia o paternalismo como forma de relação entre patrões e empregados. O trabalho das crianças e mulheres, por exemplo, apesar de abundante, era encarado como uma caridade dos patrões.

Segundo Leis (1995), a região de Sorocaba foi o primeiro marco da siderurgia do país e o local onde desenvolveu-se a indústria têxtil de modo marcante. O seu desenvolvimento industrial deu-lhe importância comparada a Campinas e São José dos Campos. No século XX, o desenvolvimento das cidades atingiu expressivo crescimento em todo o mundo. Um dos aspectos foi o aumento da população urbana proporcionalmente à população total. O crescimento da população urbana deu-se tanto em países desenvolvidos quanto nos subdesenvolvidos, sendo quase metade devido ao crescimento natural e o restante ao processo migratório. Na década de 40, apenas 31% da população total era urbana. Em 1991, este percentual duplicou, passando a representar 75,5% da população total. A região administrativa de Sorocaba abriga, em 1995, 76 municípios e é a terceira posição no estado em termos de concentração populacional. A constituição do sistema urbano paulista iniciou-se basicamente com o crescimento da economia cafeeira. No caso de Sorocaba, seu impacto foi menor que em outras regiões.

Ainda segundo Leis (1995), o primeiro ciclo econômico foi o bandeirantismo. A busca do ouro foi um marco econômico, dando origem a outras cidades como Cuiabá, fundada por bandeirantes sorocabanos. O ciclo do tropeirismo surgiu como consequência do descobrimento das minas. O crescimento rápido das povoações derivadas do ouro e separadas por grandes distâncias, levou ao surgimento do tropeirismo. A partir daí, Sorocaba foi local das feiras de muares, em função principalmente de sua privilegiada localização geográfica. Os marcos iniciais da atividade industrial na região são a construção dos primitivos fornos para a produção de ferro no séc. XVI. Em 1810, foi inaugurada a Fábrica de Ferro Ipanema, em São João do Ipanema, que seria a maior siderúrgica do séc. XIX. Seguiu-se o período de colheita e plantio do algodão, com seu auge na exportação para a Europa, em função da guerra de secessão nos Estados Unidos da América. Desde 1850, as feiras de muares começaram a registrar decadência em virtude das linhas férreas. Mailasky, que era o principal comprador de algodão sentiu necessidade de adequar o transporte a meios mais eficazes, incentivando a ferrovia. A partir daí deu-se a criação da indústria têxtil. Em 1882, foi inaugurada a primeira fábrica de tecidos, chamada Nossa Senhora da Ponte. O auge da indústria têxtil foi atingido no primeiro quarto do século XX. Esse período coincide com a transição da economia agrícola para a industrial.

Prosseguindo, Leis (1995) afirma que na década de 30 a 50, a indústria sorocabana, mesmo acompanhando o crescimento industrial do Brasil e de São Paulo, apresentou crescimento industrial inferior à média estadual. Assim a região de Sorocaba, da posição de maior polo industrial do interior paulista em termos de produção, cede espaço para outras regiões (Campinas, Ribeirão Preto e o litoral). A partir de 1956, com a implementação do plano de metas e a inauguração da rodovia Raposo Tavares em 1954, a região começa a ingressar em nova fase. No início dos anos

70, há sinais de revitalização de sua economia, decorrente do novo ciclo industrial que se inicia. Novos estímulos à interiorização da indústria, bem como a melhoria da infraestrutura, como a Rodovia Castello Branco, novas ligações com Campinas e Piracicaba. O crescimento do setor industrial (1875-1985) influenciou decididamente na urbanização da cidade e facilitou o crescimento da atividade comercial. Da mesma forma ocorre, como consequência, o crescimento da área de prestação de serviços. No período 1975-1985, há um crescimento do setor de prestação de serviços, acompanhado da tendência à terceirização. As atividades auxiliares empregam até seis vezes mais pessoas em comparação com outras atividades, neste período.

Segundo Gil (1997), estudando trabalhadores em Sorocaba, o processo de globalização está trazendo sérias consequências para os países, pois ao mesmo tempo que traz facilidades para o cotidiano, desencadeia sérios problemas econômicos, políticos e sociais. Está sendo incorporada uma tecnologia avançada pela indústria, bem como a abertura do comércio pelas economias internacionais. Isto vem provocando um grande número de trabalhadores desempregados. O desemprego passa a ser a grande questão social a ser trabalhada, no sentido de buscar alternativas de solução para a classe trabalhadora. Estes fatos afetam a região de Sorocaba, como ao resto do mundo, com particularidades. Ocorreu a retração do setor têxtil, ferroviário e metalúrgico. Existe a expectativa de um trabalhador versátil, com conhecimentos de informática e boa capacidade de comunicação, o que contrasta com a formação tradicional do trabalhador. As empresas desejam o aumento da produção e a redução de custos, com o objetivo de manter a competitividade. A grande maioria dos trabalhadores não possui a qualificação exigida pelo mercado de trabalho. Uma das alternativas tem sido a economia informal. O fechamento de postos de trabalho no setor industrial e comercial não para de crescer. O trabalhador informal não tem carteira assinada, comumente não

contribui para a seguridade social e fica excluído dos direitos e benefícios da lei. Vive um clima de instabilidade, incertezas e dúvidas.

Gil (1992), destaca ainda o papel da migração. O migrante tem dificuldade de inserção no mercado de trabalho, devido ao baixo nível de escolaridade e a desqualificação profissional. Isso contribui para a existência de problemas sociais, com a formação da “cidade clandestina”, formada pelos “sem teto”. Ainda hoje, Sorocaba continua sendo polo de atração. Citando estudo realizado pelo IPESO (1997), em 1997, descreve o migrante que chega a Sorocaba como sendo 82% do sexo masculino, 18% do feminino; 70% vindos do meio urbano e 30% do meio rural; 53% vêm do mesmo estado (São Paulo); 73% tem o primeiro grau de escolaridade e 68,5% possuem carteira do trabalho.

Prosseguindo, Gil (1992) afirma que as transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais está passando a sociedade atualmente, têm trazido importantes mudanças na forma de vida das pessoas. O mundo do trabalho vem sofrendo mudanças no campo da organização. Para o trabalhador, as mudanças estão sendo mais traumáticas, sendo o desemprego o grande desafio a ser enfrentado. É preciso compreender estas mudanças, não apenas do ponto de vista dos referenciais teóricos, mas ir mais além, entrando em sintonia com este momento histórico, captando o cotidiano dos trabalhadores desempregados, através das histórias de vida, conforme Pereira de Queiroz (1987). Recuperar o cotidiano do trabalhador desempregado, procurar conhecer os significados que as mudanças no mundo estão trazendo para suas vidas e saber como estão vivendo. Como estão percebendo mudanças, que consequências estão sofrendo, quais as expectativas e sonhos, como é a trajetória como trabalhador e o ser social sujeito da história? O processo de globalização, o avanço tecnológico, a abertura do país à economia internacional, o novo modelo econômico

vigente trouxe e está trazendo graves problemas econômicos, políticos e sociais ao país e Sorocaba está neste contexto, tanto na economia quanto no mercado de trabalho.

Na busca de alternativas ao desemprego, ao crescimento da economia informal e à precarização do trabalho, várias iniciativas tem ocorrido, das incubadoras ligadas a universidades, a iniciativas de entidades como a Anteag (Associação Nacional de Trabalhadores de Empresas de Autogestão e Participação Acionária) – de empresas autogestionárias e outros núcleos ligados ao meio sindical. Neste contexto, temos contato com o CEADEC – Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento, Emprego e Cidadania (2001). Este centro tem prestado assessoria para empresas autogestionadas e cooperativas, colaborando com a elaboração de modelos de gestão técnico administrativa às chamadas economias solidárias, onde o princípio básico é que a gestão esteja nas mãos dos próprios cooperados. Várias instituições recebem essa assessoria como a Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba e outras do mesmo ramo na região. Neste enfoque o CEADEC (2001) considera fundamental a parceria e o apoio tecnológico das universidades, aspecto no qual inclui-se nossa pesquisa.

O cooperativismo e a ocupação de catador.

As cooperativas de trabalho foram um dos segmentos que mais cresceram dentro do cooperativismo. Segundo Campos (2001), citando Carrança (1998), “existem, no Brasil cerca de 1,7 mil cooperativas de trabalho, que, juntas, reúnem em torno de 750 mil associados, com um volume de negócios na faixa 22 milhões de reais por ano. (...) Esse crescimento das cooperativas de trabalho não é privilégio do Brasil, pois elas estão crescendo no mundo inteiro, incluindo países desenvolvidos.” As cooperativas, segundo

Campos (2001), são reconhecidas pela Organização das Nações Unidas e pela Constituição Brasileira.

Campos (2001) cita ainda o prevalecimento da atuação destas cooperativas no setor de serviços e a baixa qualificação dos cooperados. Destaca que “o aumento destas cooperativas está associado principalmente à redução dos postos de trabalho, trabalhadores com carteira assinada, o que é resultado do fechamento de empresas urbanas e rurais na região, impactadas pelas mudanças organizacionais, bem como pela introdução das novas tecnologias nos processos organizacionais.”

Santos (1999b) referindo-se a cooperativas de trabalho, afirma que “esta nova relação de trabalho é legal e adequada ao cenário empresarial brasileiro. É uma relação diferente daquela que estamos acostumados, pois o profissional autônomo associado a uma cooperativa, executa trabalhos negociados por ela, conseguindo auferir melhor remuneração, em função não apenas da sua competência e do seu desempenho, mas também da redução de custos advindos de sua contratação. As cooperativas de trabalho podem negociar com os tomadores de serviços contratos em condições diferenciadas, o que possibilita garantir melhor distribuição da renda auferida aos cooperados dos resultados do trabalho. Além disso, elas possibilitam a criação de novos postos de trabalho.”

O grupo de catadores organizados em cooperativa estudado, faz parte de um conjunto em expansão composto por várias cooperativas e outros tipos de agrupamento, que concorrem no mercado de materiais recicláveis com outros tipos de comerciantes, denominados popularmente como sucateiros. As cooperativas de catadores são um grupo em crescimento, no momento, com tendência a um desenvolvimento ainda maior. Isso não garante que haja uma articulação entre estas diversas cooperativas, pelo

contrário, na prática, há grande desarticulação entre elas. Por isso é desejável que haja um órgão estimulador da formação de redes.

Neste sentido o CEADEC (2001) tem atuado, procurando favorecer a articulação de redes entre várias cooperativas de reciclagem da região.

A função de catador está em processo de regulamentação na área federal. Suas atividades, de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações, em preparação (2002), são aqui apresentadas de forma resumida (forma completa, ver anexos):

Nome: CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL.

A – Coletar material reciclável e reaproveitável:

B - Dar entrada no material.

C – Separar material coletado.

D – Preparar o material para expedição.

E – Realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho.

F – Divulgar o trabalho de reciclagem.

G – Administrar o trabalho.

H – Trabalhar com segurança.

As atividades dos catadores da cooperativa estudada são bastante semelhantes às descritas no Classificação Brasileira de Ocupações (2002), o que é um referencial para a caracterização deste trabalho como especializado e factível de articulação com iniciativas semelhantes.

A função de catador e suas atividades estão em desenvolvimento, na direção de caracterizar-se como uma ocupação.

Singer (2000), afirma que “a economia solidária surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho. A economia

solidária casa o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção e distribuição (da produção simples de mercadorias) com o princípio da socialização destes meios (do capitalismo). Sob o capitalismo, os meios de produção são socializados na medida em que o progresso técnico cria sistemas que só podem ser operados por grande número de pessoas, agindo coordenadamente, ou seja, cooperando entre si.”

Descreve especificamente as entidades associativas que são as cooperativas de trabalho que “não tem outro capital senão a capacidade de trabalho de seus membros. Estas cooperativas procuram vender serviços (de limpeza, de manutenção, de reparação, de jardinagem, de vigilância, etc.) a serem prestados nos locais e com o uso dos meios fornecidos pelos compradores. As cooperativas de trabalho se aproximam perigosamente das empreiteiras de mão de obra e das falsas cooperativas, montadas por firmas capitalistas que visam explorar o trabalho dos cooperadores sem lhes pagar as contribuições trabalhistas legais.”

Ainda Singer (2000) afirma: “O que debilita o desenvolvimento da economia solidária é que a maior parte de suas unidades atuam isoladamente em mercados dominados por empresas capitalistas, com pouco ou nenhum acesso a crédito, a redes de comercialização, à assessoria tecnológica.”

Afirma Singer (2000): “A economia solidária começou a ressurgir, no Brasil, de forma esparsa na década de 1980 e tomou impulso crescente a partir da segunda metade dos anos 1990. Ela resulta de movimentos sociais que reagem à crise de desemprego em massa, que tem seu início em 1981 e se agrava com a abertura do mercado interno às importações, a partir de 1990. (...) Grande número de trabalhadores com mais de quarenta anos ou mais jovens mas de baixa escolaridade pode se considerar definitivamente excluído do mercado de trabalho. Por isso, procura ganhar a vida vendendo bens e serviços, produzidos por eles mesmos ou por pessoas de suas famílias.

Em função de seu grande número, os ganhos obtidos assim tendem a ser irrisórios. A idéia de se juntar e organizar uma atividade econômica coletiva, à base de participação igualitária nas decisões e no capital não era conhecida e usual à grande maioria dos sem trabalho. (...) O entusiasmo e o empenho manifestado pelos trabalhadores não fica sem recompensa. Para pessoas humildes, que sempre foram estigmatizadas por serem pobres – sobretudo mulheres e negros, vítimas da discriminação por gênero e raça – a experiência cooperativa enseja verdadeiro resgate da cidadania. Ao integrar a cooperativa, muitos experimentam pela primeira vez em suas vidas o gozo de direitos iguais para todos, o prazer de poderem se exprimir livremente e de serem escutados, o orgulho de perceber que suas opiniões são respeitadas e pesam no destino do coletivo.

Souza (2000), fala sobre o desemprego e a precarização do trabalho em São Paulo. Afirma: “O desemprego exacerbado já se consolidou como parte da dura realidade social brasileira. Esse problema aparece com maior pujança nas grandes cidades, nas quais é um dos fatores responsáveis pelos altos índices de criminalidade e violência. (...) A precarização do trabalho também cresce assustadoramente. O trabalho precário tradicionalmente é mais presente na parte informal dos setores de comércio e serviços. (...) A forma precária de trabalho sempre foi o refúgio de grande parcela da população brasileira e isto está diretamente associado ao problema da pobreza neste país.”

Xiberras (1993)¹¹, define o desemprego como “um processo que gera a exclusão por consequências induzidas; externas aos próprios processos. É assim com o desemprego e, em particular, com o desemprego de longa duração que é, antes de mais, gerado pela modernização do aparelho produtivo e mesmo pela transformação das relações do trabalho. O desemprego provoca assim outra população da exclusão, desde

¹¹ Transcrito do texto da edição portuguesa.

que se considere os desempregados de longa duração do ponto de vista de uma empregabilidade que não seria mais possível.”

Afirma Paoli (1974), sobre os processos de exclusão e a utilização desta mão de obra pelo sistema capitalista: “Este trabalho (referindo-se à sua pesquisa) tentou discutir o hipotético surgimento de um tipo humano, cujo papel histórico é o de sobrar em relação às estruturas fundamentais da sociedade em que se insere – no caso, as formações sociais capitalistas periféricas. Neste caso, seria uma criação histórica original dessas formações sociais, dependendo parasitariamente no desenvolvimento do processo de produção e incapacitado de nele se integrar produtivamente. Os marginais, representariam assim, segundo o conceito, os condenados do sistema, revelando com sua presença histórica os limites que o capitalismo periférico enfrenta para sua realização como sistema. (...) Dessa forma, a marginalidade indicaria uma situação em si mesma ambígua, por se fundar em um tipo humano que se move entre a incapacidade de pertencer ao sistema de relações sociais típicas de produção e representar uma oposição dinâmica aos fundamentos da sociedade, contribuindo de forma importante ao aguçamento de suas contradições.”

Souza (2000), afirma: “Os empreendimentos comunitários são, na maioria dos casos, grupos de costureiras, lanchonetes, padarias e oficinas de artesanato. São também considerados empreendimentos comunitários, as associações ou pequenas cooperativas de trabalhadores atuantes no setor de serviços como limpeza, jardinagem, coleta seletiva de lixo, manutenção, construção civil e trabalho doméstico. Os empreendimentos comunitários são alternativa de renda para pessoas, em geral, marginalizadas do mercado formal de trabalho. Seus componentes, em geral, têm baixa escolaridade e precária e ou nenhuma qualificação profissional. A participação de mulheres é maior que a de homens. Esses empreendimentos se localizam sobremaneira nas periferias das

cidades e costumam ser ligados ou receber apoio externo de organizações sociais como instituições religiosas (sobretudo a igreja católica) organizações não governamentais, associações de moradores de bairro, movimentos populares sindicatos e poder público local (prefeitura, instância municipal da Secretaria do Trabalho). Grande parte desses empreendimentos inicia suas atividades por meio da iniciativa de um de seus membros ou da intervenção de algum agente externo: a freira, o padre, a líder comunitária, pessoas estas que, em geral, se tornam seus coordenadores. Aliás, certa confusão entre trabalho profissional e voluntário costuma acontecer no início e, às vezes, durante toda a existência do empreendimento. Doações de equipamentos, concessão de espaço imobiliário para a atividade produtiva e empréstimos subsidiados, às vezes a fundo perdido, são comuns nesses pequenos negócios solidários.”

A cooperativa estudada caracteriza-se como inserida no conjunto das cooperativas populares. A questão que se coloca é se seria uma construção nova ou uma faceta do antigo reconstituída de outra forma.

Paoli (1974) afirma: (...) a mão de obra marginal tende a concentrar-se em determinados setores econômicos, embora nenhum deles componha um pólo marginal nem represente um pólo marginal nem represente algo distinto e autônomo em relação à integração da sociedade, no próprio sentido de acumulação de capital. O fundamental nesta situação é de fato o aumento acentuado da exploração do trabalho, embora seja difícil afirmar que há um dinamismo acentuado na criação de empregos, especialmente se visto do prisma do trabalho não qualificado. A explicação correta da presença desta mão de obra só pode ser investigada ao nível do mercado dos fatores de produção, embora sua exclusão não represente um peso morto para o sistema.”

Os trabalhadores organizados em cooperativa de reciclagem são um grupo que representa este pólo marginal na concepção de Paoli (1974), tendo um papel inicial de

excluídos, porém em uma análise mais aprofundada, estando inseridos e realizando um papel complementar no mercado.

Esta organização busca uma alternativa à estrutura de produção capitalista, com a venda de serviços executados de forma cooperativa, contudo subordinada ao capitalismo. Inicialmente sobrevive isoladamente, mas a perspectiva é de articular-se em rede, aumentando a estrutura cooperativa em dimensão e volume de materiais e serviços. A sua inserção em trabalhos ligados a este mercado coloca, ou mantém, esses trabalhadores em um meio caracterizado pela informalidade, comumente acompanhada pela precarização. Ocupando um papel periférico no sistema capitalista, realizando tarefas auxiliares e complementares à produção principal, sendo ao mesmo tempo indispensáveis, porém podendo ser mantidos em uma condição mais marginal. A luta pela estruturação deste trabalho, da forma menos precarizada, parece ser a meta a ser alcançada.

A cooperativa estudada originou-se do trabalho de uma paróquia da igreja católica, inicialmente com a venda de doces, temperos e sabão, posteriormente entrando no mercado de reciclagem. Recebeu apoio do poder público municipal pela cessão de um galpão e instalação de energia elétrica adequada para este fim. Os maquinários foram cedidos com empréstimos a “fundo perdido” pela Cáritas. O grupo é assessorado pelo CEADEC (2001) que também estimula a formação de redes de cooperativas.

Souza (2000), destaca a importância destas redes de intercâmbio. Afirma: “Isolados, os empreendimentos comunitários são muito frágeis. Esses grupos carecem ainda do apoio institucional sistemático de agências externas e também do trabalho voluntário de simpatizantes e militantes de movimentos sociais. Aliás, é bom lembrar que muitos desses empreendimentos nasceram exatamente da iniciativa desses agentes.

Nos últimos anos, tais agentes e outros mais vêm procurando reunir os empreendimentos comunitários para que eles se ajudem mutuamente e então, coligados, possam adquirir viabilidade econômica. Juntando empreendimentos comunitários isolados, vislumbra-se a possibilidade de ganho em escala, seja na compra de matéria prima comum, seja na produção em conjunto, com o objetivo de obter custos menores e, conseqüentemente, preços finais competitivos. Entretanto, prevalece o primeiro aspecto, o do incentivo mútuo, isto é, a noção compartilhada de que os grupos podem se desenvolver ao comporem redes.”

Analisando a eficiência dos empreendimentos de economia solidária, Souza (2000), afirma: “Apesar das desvantagens, os empreendimentos comunitários, bem com outras organizações de economia solidária significam uma resposta dos trabalhadores à crise da sociedade salarial. A presente crise é portanto uma oportunidade para esses empreendimentos solidários se firmarem como alternativa êxitosa de trabalho e renda. Diante da fragilidade econômica, ainda generalizada, é fundamental a inter-cooperação entre as iniciativas e o apoio de simpatizantes.”

Concluindo, Souza (2000), afirma: “A atividade em empreendimentos comunitários parece estar gerando nas pessoas envolvidas auto-estima e vontade de autonomia crescente. Nos fóruns de economia solidária, por meio de debates promovidos, os atores envolvidos contribuem para a politização da questão do desemprego e da pobreza. Por último, ao se darem conta das peculiaridades comuns, os empreendimentos solidários podem estar apontando um novo modelo de desenvolvimento econômico, condizente com os direitos da cidadania.”

A opção pelo trabalho de reciclagem, levou este grupo a envolver-se com a evolução e caracterização do papel de catador. Vários movimentos lutam pela regulamentação desta profissão, que tem tido um crescimento, geralmente em um

contexto de trabalho precarizado, sem garantias trabalhistas, cobertura previdenciária e proteção a acidentes.

No caso desta cooperativa, esta caracterização foi possível depois de algum tempo, quando a opção por este tipo de trabalho ficou mais definida. No início, a partir de um esforço da paróquia Cristo Rei, articulado na Campanha da Fraternidade, começando com a fabricação de doces, temperos e sabão. Desdobrou-se a seguir para cooperativa de reciclagem. Nesta especialidade, teve um desenvolvimento particular, já que o número de doações, principalmente por parte de indústrias foi grande. Isso provocou um desenvolvimento maior do barracão e menor, proporcionalmente, para a coleta de rua. O mesmo se diz com relação a equipamentos: a introdução de equipamentos fornecidos pela Cáritas e caminhões adquiridos com auxílio de campanhas externas à cooperativa. A ampliação do barracão, a construção de dois novos centros de armazenamento e a aquisição de mais um caminhão deu-se através de acordo entre alguns setores combativos da sociedade civil e os construtores de um hipermercado em área potencialmente de lazer e preservação ambiental, mediado pelo Ministério Público. Neste momento, a cooperativa inicia o uso destas áreas e equipamentos ampliados.

Em sua evolução histórica, a caracterização do momento atual da cooperativa demonstra como o trabalho, os comportamentos solidários e a organização social estão definidos. O trabalho de pesquisa capta este momento de transformação e criação de uma estrutura produtiva diferenciada e com particularidades até então desconhecidas.

A seguir os dados coletados pelas entrevistas, acompanhados de tentativas de compreensão das percepções dos trabalhadores.

Parte 2:

As representações do trabalhador sobre o trabalho e a cooperativa.

Os conceitos anteriores e os aspectos históricos do desenvolvimento do trabalho na região de Sorocaba-SP, nos fornecem dados conceituais, que podem ser o subsidio para a compreensão da cooperativa de reciclagem estudada. O contato com o mundo do trabalho na forma como se caracteriza na realidade da região estudada, produz questões que estão presentes no trabalho empírico. A tarefa que se coloca é associar o trabalho empírico, realizado através de entrevistas de histórias de vida, com os aspectos conceituais e os dados históricos e de estrutura do mundo do trabalho na realidade desta região, no contexto destes trabalhadores ligados ao trabalho de reciclagem.

O material coletado foi transcrito, lido e relido, sendo divididos os trechos de depoimentos em categorias, agrupados as afirmações de vários trabalhadores. Os trechos de depoimentos foram considerados por seu conteúdo representativo, como descrição da situação particular destes trabalhadores e pela possibilidade de agrupamento de aspectos significativos, a partir de vários conteúdos.

As representações dos trabalhadores entrevistados, expressas nos depoimentos sobre o trabalho anterior e a estruturação do trabalho cooperativado, foram entendidas tanto no sentido individual quanto do grupo e, em alguns casos, como representações coletivas representativas de um conjunto maior dos trabalhadores. Ao ter contato com o material pesquisado, na análise dos conteúdos, percebe-se que uma grande parte destes depoimentos são representações coletivas, características deste grupo de pessoas convivendo nos limites entre o trabalho formal e informal, sendo movidos por um lado

pela motivação pessoal, por outro pela oportunidade concreta de fazer parte de um grupo e partilhar de uma estrutura de trabalho cooperativado. Alguns depoimentos tem a característica de vivências mais individualizadas, não deixando porisso de ter forte significado e, por vezes, refletindo aspectos futuros de outros membros do grupo e deste como um todo. Em algum aspecto, todos os depoimentos foram válidos. Foi muito difícil, escolher entre um dado ou outro. Estas opções só se deram pelo direcionamento ao objeto de estudo: as representações quanto ao desemprego e a estruturação do trabalho cooperativado.

A partir dos depoimentos colhidos, selecionamos as categorias empíricas mais significativas dos entrevistados.

Entrada e Inserção na Cooperativa.

Estruturação do Trabalho Cooperativado.

Dinâmica ou o Cotidiano da Cooperativa.

Família e a Ocupação do Catador.

Religião e Organização Social no Mundo do Trabalho Cooperativado.

Trabalho Assalariado e Trabalho Cooperativado.

A luta do catador pela sobrevivência.

Os trabalhadores entrevistados têm idades variadas, acompanhando o perfil de idade dos cooperados. Nesta cooperativa encontramos, em um extremo pessoas muito jovens de 18 a 25 anos e, em outro extremo, pessoas com mais idade, entre 45 e 65 anos. Esta característica demonstra, por um lado, trabalhadores entrando no mercado de trabalho e, por outro, excluídos pela idade e falta de qualificação.

Na cooperativa, o número de homens e mulheres é quase igual, sendo os homens em número um pouco maior. Porém, o trabalho mais desgastante, que é o trabalho na rua, fica mais concentrado no grupo das mulheres.

Quanto ao tipo de atividade, o grupo que trabalha no barracão supera um pouco em número o grupo dos que trabalham na rua.

Desse modo, as entrevistas foram realizadas obedecendo aproximadamente a esta forma de distribuição. Durante o período de pesquisa, o número de cooperados oscilou entre 17 e 22 pessoas. Foram realizadas 10 entrevistas.

As características pessoais e a situação de vida variam muito entre os entrevistados. De um modo geral, do ponto de vista sócio econômico, são pessoas pobres, que não tem ou tem pouca qualificação profissional. A maior parte já ocupou posições dentro do mercado formal de trabalho; não aqueles que estão se inserindo agora no mercado de trabalho. Alguns utilizam a remuneração de catador como um complemento a outro trabalho, pensão previdenciária ou pensão por separação, estes dois últimos casos de uma cooperada viúva e outra divorciada.

Na grande maioria deles, observa-se uma feição sofrida, desgastada, quase sempre aparentando mais idade do que realmente tem. Em alguns casos, o pesquisador teve oportunidade de conhecer o local de moradia, habitações pobres mas estruturadas,

com os serviços básicos como água, energia elétrica, gás e, às vezes, telefone instalados. De um modo geral, casas limpas e organizadas, sem nenhum luxo ou regalias.

As posturas nas entrevistas, em alguns casos, demonstraram uma certa “timidez”. Parecia que estas pessoas tinham certeza de que suas vidas tem uma coerência, mas expressar esta coerência aos outros é tarefa difícil. Muitas vezes o depoimento refletia uma vida quase clandestina, muito pessoal e pouco social, com itens difíceis de serem revelados.

Um aspecto foi comum em todas as entrevistas: independente da idade e da condição de vida, todos têm um sonho com relação ao futuro. Não há idéia clara sobre como será o futuro, mas prevalece que será diferente e melhor.

A seguir as categorias selecionadas, parte dos depoimentos e comentários:

Entrada e Inserção na Cooperativa:

Quanto à forma de inserção na cooperativa, há várias representações, todas relacionadas à cooperativa como meio de sobrevivência:

A entrada na cooperativa parece dar-se de formas variadas. A cooperativa compete com outras formas de trabalho que fazem parte do setor informal da economia e, às vezes, do setor formal. Estes trabalhadores anteriormente participaram da economia formal, tendo empregos com carteira assinada e muitas vezes rendimentos maiores. A dinâmica das relações de trabalho os levou a participar de um mercado onde o trabalho na cooperativa aparece como uma alternativa entre outras.

“Estou trabalhando, eu estava desempregado, então encontrei seu Zé¹² que me localizou neste serviço graças a Deus, estou livrando meu pão de cada dia, sofrendo de verdade, mas estou em graças a Deus”. (Antonio)¹³

A cooperativa é vista como um meio de escapar do desemprego, como um trabalho sofrido, mas que ajuda a obter o alimento de cada dia. A isso é atribuído um conteúdo onde seu Zé por um lado e Deus por outro provêem esta situação.

Martins (2002) afirma: “Nas últimas décadas, foi ficando cada vez mais evidente aquilo que já se sabia – o capital pode se desenvolver e muito e, ao mesmo tempo, precisar menos do trabalhador. Porque uma das características do capital é substituir trabalho por máquina, por tecnologia e conhecimento científico. Com isso, um número crescente de trabalhadores fica desempregado e passa a ter dificuldades para entrar no mercado de trabalho. Hoje em dia, o trabalhador – tanto da indústria quanto do comércio e de serviços – é cada vez mais u trabalhador em busca de trabalho e cada vez mais sujeito a entradas e saídas cíclicas do mercado de trabalho.”

O depoimento do cooperado tem identidade com os fenômenos do mercado de trabalho caracterizando a sua particularidade individual inserida no contexto da sociedade em que vivemos, com cada vez menos vagas e o trabalhador mais em busca de trabalho.

“Daí eu fiquei desempregado e está difícil porque modernizou muito, muito desemprego, eles estão exigindo muito, aí eu resolvi trabalhar com sucata, prá não ficar parado”. (Alceu)

¹² Os nomes das pessoas envolvidas na direção da cooperativa e no órgão incentivador foram mantidos originais, com seu conhecimento e consentimento.

¹³ Os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido proposto. Já os nomes das pessoas envolvidas na direção da cooperativa, das pessoas envolvidas no órgão incentivador da cooperativa, da própria cooperativa, do órgão incentivador da cooperativa, de outros órgãos relacionados à área da Economia Informal, foram

Afirma Martins (2002): “Quem são os excluídos numa sociedade como a nossa? Em princípio os camponeses, os trabalhadores rurais, os expulsos da terra. (...) Mas são excluídos também os trabalhadores das fábricas, expulsos pelo robô, pela robotização da economia. Também eles são excluídos. O trabalhador que se especializou em alguma coisa, ficou na fábrica uns 20-25 anos, e de repente o patrão vem e diz: -Olha, nós não precisamos mais de você. E não precisamos mais porque temos uma máquina que faz isso melhor, mais barato e principalmente uma máquina que não faz greve, (...) protestos, (...) nem coisa nenhuma subversiva e contestadora. Mas também não compra, digo eu. Robô não compra (nem pensa). O que aconteceu com esse sistema de produção? No meu modo de ver, em grande parte em função da chamada globalização, nós estamos vivendo um momento perverso do mercado. Quem produz não é necessariamente quem compra. (...) Como ele não compra o que ele mesmo produziu, pode ganhar a miséria que ganha. Em grande parte, esse momento perverso do mercado favorece e conspira contra o mercado. Favorece só aparentemente a economia dos países pobres.”

Portanto o esforço desses trabalhadores em cooperação, é um esforço de inclusão e, contraditoriamente, é pouco apoiado ou até boicotado pelo sistema de produção capitalista. Na cooperativa, esses trabalhadores podem considerar-se incluídos, ficando o desafio de analisar qual o tipo de inclusão, com que qualidade e grau de proteção.

Segundo Antunes (1998), o mercado de trabalho sofreu profundas transformações, com a desregulamentação e flexibilização dos direitos trabalhistas, as grandes alterações nos processos produtivos, com a crise econômica e a automação tendo papel fundamental. O depoimento do entrevistado parece estar neste contexto.

Singer (2000), coloca que estes trabalhadores acabam participando destes mercados, pela flexibilidade maior, o que traz como reflexo a maior adaptabilidade a este trabalho no setor de serviços.

Do ponto de vista do trabalhador entrevistado, o trabalhar com sucata é representado como uma alternativa para não ficar parado; um meio de não estar sem trabalho. De um lado, demonstra a adaptabilidade do trabalhador às transformações do mundo do trabalho descritas. Por outro, representa a busca pela melhoria das condições de vida, a busca do bem estar e o sonho de uma ascensão social.

“Comecei a vir nas reuniões da cooperativa, depois eu parei de vir, depois eu procurei seu Zé, conversei com ele e comecei a trabalhar aqui no Laranjeiras mesmo, trabalhando nas ruas, faz um ano e três meses que eu estou trabalhando na cooperativa”. (Carla)

O início reticente, o aproximar-se e recuar a cada momento, tendo um ingresso cauteloso mostra como a cooperativa é vista como uma alternativa, mas sem ser convincente comparando-se a outras alternativas de trabalho. Demonstra por este e outros depoimentos, ser um trabalho possível, porém com vínculo frágil.

Castel (1998), coloca que o desemprego não se restringe apenas ao desemprego, mas faz parte de um conjunto que envolve a precarização do trabalho. Deste modo, o desemprego seria apenas uma parte de um conjunto maior. Afirma: “O trabalho, como se verificou ao longo deste percurso, é mais que o trabalho, e, portanto, o não trabalho é mais que o desemprego”.

No caso destes trabalhadores, parece que a cooperativa é uma opção que concorre com outros trabalhos, a maior parte fazendo parte de um universo de trabalho

precário, sendo a cooperativa um trabalho alternativo dentro deste contexto. O ponto de discussão e análise importante é: seria a cooperativa também um trabalho precarizado ou não? É uma alternativa de trabalho convincente, com possibilidades de formas de proteção ao trabalho melhores ou uma atividade predestinada ao imprevisto e à ausência de proteção previdenciária e de segurança no trabalho, dentre outros pontos. Portanto, concorrendo com trabalhos dentro de uma estrutura de proteção precária, será uma alternativa convincente ou um mero substitutivo de condições precárias?

Estruturação do Trabalho Cooperativado:

Quanto à estruturação do trabalho cooperativado, este é visto como envolvendo vários aspectos: a amizade e o relacionamento entre cooperados, as lutas para a estruturação da cooperativa e a obtenção de recursos, a busca de uma administração melhor por parte da cooperativa, uma boa distribuição do poder interno, a sua atuação de evitar o papel explorador do atravessador, a formação de volume e a produtividade do catador de acordo com o quanto coleta, a forma de inserção do trabalhador na cooperativa e a perspectiva de crescimento da cooperativa. Também é visto com relação a condições de trabalho, quanto ao sistema de remuneração, a economia interna da cooperativa, a forma de trabalho e seus aspectos positivos, sobre o papel da cooperativa na formação da cidadania, no papel de cada um inclusive na regulação do próprio trabalho, no horário de entrada e saída e no quanto trabalhar.

Um trabalhador, atuando em sistema cooperativado, trabalha mais horas que um assalariado ou que eles mesmos em outro contexto. Contudo a cooperativa tem

outros atrativos, como o horário um pouco mais flexível e a falta da pressão do chefe. Parece também ter influência o ser dono do negócio, em conjunto com muitos outros colegas e as relações de amizade e colaboração entre os membros.

“Chego lá está todo mundo muxo, (...) quando não estou lá todo mundo fica muxo, (...) eu gosto de animar tudo, quer dizer, seu Zé fala: tem um bocado lá na cozinha, eu vou lá todos vão levantando, vai trabalhar”. (Antonio)

A amizade e o relacionamento informal entre os cooperados, também é encarado como um modo de manter o relacionamento descontraído, animador e regular as relações interpessoais. A ausência de normas e regras rígidas, é superada pelo relacionamento informal, que também regula comportamentos.

“Esta cooperativa já tinha começado antes, né, fazendo sabão, doce e tempero, para as pessoas vender. Fazia tempero conjunto, cada um pegava uma parte daquela mercadoria prá ir vender, e repartir o dinheiro, tirava uma porcentagem para comprar a mercadoria de novo, matéria prima, né, e uma porcentagem para o vendedor, que vendia, mas quando começou mesmo com a reciclagem, quando o Gáspari começou a colocar a cooperativa de reciclagem, começou, tanto que eu peguei no rádio, aí eu vim aí, vim aí e começamos, foi a vez que ocupamos um galpão lá em Ipanema, Av. Ipanema, ficamos lá três dias, prá ganhar aquele que estamos hoje.” (Rogério)

A evolução histórica desta cooperativa, demonstra a luta pela conquista de espaço social, como relata este cooperado. O início fazendo tempero, doce e sabão, a posterior transformação em cooperativa de reciclagem e também a luta por conseguir um espaço público para a instalação deste projeto. A descrição reflete a percepção deste caráter evolutivo e a construção de limites junto ao restante da sociedade.

Foto 1: Cooperado operando prensa. (Sabbag, 2001)

Foto 2: Núcleo de materiais recicláveis. (Sabbag, 2001)

“A cooperativa está precisando de uma administração melhor, se unir para administrar, mas às vezes tem um que quer mandar mais, outro menos, às vezes um fica jogando as coisas para outro fazer, não assim na rua, mas lá (no barracão) porque um quer fazer de um jeito outro de outro, mas o serviço mesmo está tudo certo.” (Carla)

O desejo de uma administração melhor, com uma regulação e adequada distribuição do poder e a participação democrática, fazem parte da busca de uma melhor estruturação da cooperativa. Aparece o indicador de algum conflito inerente aos trabalhadores da rua e do barracão.

Segundo Tedesco (2001), as cooperativas, dentro da economia popular solidária, concretizam-se “quando um coletivo predispõe-se à organização de empreendimentos solidários. O isolamento é negativo ao crescimento da economia popular solidária. A articulação dos empreendimentos favorece o seu crescimento e a possibilidade de interferir nos processos econômicos mais amplos. (...) A discussão sobre economia popular, solidária, da comunhão, das redes de autogestão, de cooperativas, etc., constitui-se num campo abrangente de análise teórico-empírico-descritiva.”

O catador de materiais recicláveis trabalha com liberdade de horário, ele mesmo organiza seu trabalho, o que o diferencia do trabalhador assalariado. O catador que trabalha na rua tem um trabalho bastante individualizado, em contraposição ao catador que trabalha no barracão, cujas características são a organização em equipes e o vínculo maior com a organização do barracão.

Uma pergunta fica: por que da não existência de rodízio entre estas duas funções – trabalho no barracão e trabalho de rua? Em nenhum depoimento isso chegou a ser colocado e parece ser uma alternativa de ação possível e que diminuiria as diferenças entre estes dois subgrupos. Em teoria isso seria viável e fica a questão: poderia a cooperativa enfrentar a transformação de um modo de operar mais conservador para a

implantação destas alterações na distribuição de papéis profissionais, visando superar ao menos parte esses conflitos.

“Surgiu a idéia da cooperativa, a cooperativa já é prá isso, prá evitar que estes atravessadores explorem os catadores de rua”. (Gilmar)

A determinação de um papel social e econômico que justifique o papel da cooperativa e substitua, dentro do seu alcance, o papel desempenhado por outras instituições sociais.

“Sei que foi uma coisa momentânea, porque não estava encontrando outro serviço. (...) Antes eu trabalhava na rua, agora faz um mês no barracão lá em cima. O trabalho da rua é o seguinte: quanto mais material você recolhe, melhor seu pagamento, produção né, e lá encima não, lá encima eles pagam a média do mês, não é, não é produção que a gente trabalha.” (Tiago)

A representação do trabalho em cooperativa como uma coisa temporária, como forma de amenizar o desemprego. A seguir, aparece o desejo de uma estruturação melhor do trabalho cooperativado, uma espécie de fórmula ideal que equacione as expectativas e tenha tanto as vantagens do barracão como as vantagens da rua, refletindo o desejo de uma equidade quase ideal. Está presente neste depoimento uma crítica às diferenças entre o trabalho de rua e o do barracão. Há uma crítica, por parte do cooperado, com relação a esta diferença, a este contraste, que no momento fica sem uma elaboração mais adequada.

Há um misto de solidariedade e competitividade. A solidariedade representada pela união do grupo em direção a um objetivo. A competitividade representada pelos

indivíduos em busca de objetivos individuais, muitas vezes conflitantes, na direção da melhoria do nível de vida.

“Na cooperativa comecei esta semana, é legal, porque fica aberto com aquelas pessoas, é um serviço que me sinto à vontade, é sofrido, mas eu me sinto mais à vontade de trabalhar ali.” (José)

Existe a valorização da liberdade no trabalho e do ambiente favorecedor do relacionamento mais equitativo. Há a noção de ser sofrido, mas as vantagens de não se ter patrão e de haver melhor relacionamento parecem superar as outras dificuldades. Estes trabalhadores, em sua maioria, atuaram como empregados em indústrias, o chamado trabalho com carteira assinada. O trabalho na cooperativa representa, além de uma opção de trabalho, um contraste com aquilo que o emprego do mercado formal tem de negativo, como rigidez no horário, a figura do chefe ou patrão e o não ser dono do seu trabalho, aspecto muito valorizado por muitos cooperados.

“Tem perspectiva de crescimento, vai crescer, acredito, nossa esperança é crescer, eu junto ou nós junto.” (Rogério)

Quanto ao futuro, há a expectativa de que a cooperativa cresça e que continue com seu papel de possibilitar uma opção de trabalho. Esta opção é diferente das outras que o mercado oferece, principalmente pelo “eu junto ou nós junto”, isto é, o trabalhador em grupo administrando seu trabalho.

O poder simbólico de ser dono de seu próprio trabalho, a ausência da figura de patrão e a luta pela organização da cooperativa, representam mais do que o poder real, caracterizado pelas limitações da realidade como, por exemplo, a capacidade econômica da cooperativa ou as dificuldades de sua sobrevivência como instituição de trabalho.

Martins (2002), descreve o conceito de exclusão. Afirma que “a exclusão, em si mesma, como fenômeno isolado, é uma ficção – não existe exclusão propriamente dita. Na sociedade capitalista, a rigor, não pode haver exclusão; não pode existir sociedade capitalista baseada na exclusão. Toda a dinâmica dessa sociedade se baseia em processos de exclusão para incluir.”

No caso deste estudo, o grupo de catadores, ao compartilhar a luta pela organização de uma cooperativa está fazendo um esforço de inclusão, que interessa a eles mesmos e ao sistema capitalista também, na medida em que trabalhadores não organizados seriam menos adequados à realização deste papel no sistema produtivo.

Na luta pela organização da cooperativa há dois esforços paralelos: por um lado, a subjetividade do grupo em termos políticos que envolve os processo de estruturação interna e, por outro lado, o mercado e a forma como se caracteriza a estrutura produtiva.

“Na cooperativa não tem mais tempo, das sete e meia, sete, oito, fim de semana também, tem domingo que vou, tem domingo que não vou, sábado sempre.” (Rogério)

Parece demonstrar o quanto na cooperativa as representações de horário se alteram. O rendimento do trabalho não é medido pelo horário, mas pelo andamento do trabalho e seu rendimento. Demonstra também o quanto trabalha-se mais, mais horas, mais quantidade de trabalho, deixando claro o quanto este tipo de opção representa maior esforço e desgaste do ponto de vista quantidade de trabalho e horas despendidas.

Tiriba (2000), destaca as motivações presentes nos trabalhos de economia solidária. Afirma: “Em primeiro lugar, o que move é a necessidade, e depois a esperança de organizar o empreendimento de maneira a torná-lo economicamente viável. (...) É uma cultura que nega a figura do patrão como proprietário dos meios de

produção e dos frutos do trabalho. (...) Assim, é marcante a satisfação de trabalhar sem patrão”.

“Acho que a cooperativa tem futuro, acho que precisa melhorar muita coisa lá, principalmente o sistema de pesagem, ter uma balança mais confiável, hoje em dia você trabalha nos depósitos aí, se a pessoa não tiver uma coisa confiável, a pessoa sai fora, que nem a balança analógica, né, a balança na mão, a turma já não confia muito.”(Alceu)

Para aqueles que trabalham na rua, parece ser prioritária, a existência de um controle melhor e uma fidedignidade nas medidas de peso do material que redundam em valores a serem recebidos. Aparece a representação das perspectivas de futuro da cooperativa, associada a uma precisão maior na pesagem. Parece que o instrumento “medidor preciso” é eleito o árbitro das relações humanas e econômicas dentre os cooperativados.

Existem interesses individuais e coletivos que se transformam em relações conflituosas, com aspectos de competição e de cooperação. Essas vivências é que vão dar força ao processo de desenvolvimento das pessoas, do grupo e da instituição cooperativa.

“Eu estou gostando bastante (do trabalho na cooperativa), não tem muito compromisso de ter alguém ali, pegando no pé. É um trabalho por produção, quer dizer quanto mais trabalhar melhor, mais rende, mas não tem aquele negócio daquela pressão.”(Carla)

Aparece novamente a representação do trabalho com mais liberdade, sem uma relação de opressão por parte do chefe. O trabalho por produção, talvez paradoxalmente,

não é descrito como opressor. Fica uma questão: não estaria a ausência do chefe ou patrão escondendo outras formas de opressão e inserção no sistema capitalista de forma perversa, como o número de horas de trabalho e quantidade de esforço despendido?

“Nunca fiz coleta na rua, estou na cooperativa há dois anos, eu acho bom este sistema porque, vamos fazer uma comparação, se eu trabalhasse na rua, se eu vendesse prá sucateiros eles iam me pagar uma mixaria, iam estar me explorando.” (Gilmar)

Novamente aparece a ênfase no papel da cooperativa como alternativa no mercado de trabalho, associada ao melhor ambiente e maior honestidade nas relações econômicas. Importante a relação comparativa da cooperativa com outras formas de intermediação econômica, como os sucaterios. Demonstra a condição de escolha do cooperado por um determinado tipo de relação econômica, com seus limites, inserida na produção capitalista.

Esta alternativa no mercado de trabalho que a cooperativa representa, é um esforço de inclusão. Afirma Martins (2002), “o discurso sobre exclusão é o discurso dos integrados, dos que aderiram ao sistema, tanto à economia quanto aos valores que lhe correspondem. Dificilmente pode se ver nele um discurso anticapitalista, embora ele certamente seja um discurso socialmente crítico.”

Quando esses trabalhadores se agrupam, buscando uma alternativa no mercado de trabalho restrito e nesta alternativa estão em busca de um trabalho menos precário, buscam uma inserção, ou a não exclusão, que é mais adequada para o sistema, pois o capitalismo necessita dos consumidores e de pessoas que façam essas funções auxiliares ao processo de produção.

“Os companheiros são legal, acho que eles teriam de ser mais preparados, (...) a cooperativa tinha de ter um apoio, uma coisa, sei lá, para dar escola, fornecer um estudo (...).” (Gilmar)

Esta representação associa o quanto o melhor ambiente é associado a uma necessidade de preparação dos cooperados com relação aos estudos, o que traz implícito o papel da cooperativa como instituição social. Demonstra a expectativa de que a cooperativa deve ser e fazer mais, ampliando seu papel social.

“Não vejo diferença entre as pessoas mais jovens e as mais velhas vinculadas à cooperativa, prá mim são todas iguais, prá trabalhar, como pessoa também, todos trabalham por igual.” (Gilmar)

Demonstra a representação de ausência de preconceito entre pessoas de diferentes idades, parte como crítica ao mercado de trabalho muito discriminador, parte como um pragmatismo onde quem produz tem um papel, independente da idade.

“Há uma diferença, a gente lá, trabalhamos encima de doação, no barracão, eles na rua é encima de produtividade, quer dizer, se eles não trabalharem eles não ganham, antes sim, tinha muita briga, muita coisa, porque eles trabalhavam junto, vamos supor eram dez cooperados, trabalhavam juntos, na época, no fim do mês repartiam, tiravam partes iguais, mas só que uns chegava 10 horas da tarde, da manhã, quando dava 2 horas queria ir embora, às vezes tinha um que chegava às 6 hora da manhã e ficava até as 5, começou a criar um conflito entre eles.” (Gilmar)

Descreve uma reestruturação articulada pela cooperativa na qual a remuneração anteriormente era repartida entre todos e, no novo sistema, os cooperados que trabalham no barracão são remunerados pelas doações e os que trabalham na rua são remunerados

pela sua produtividade. Reflete uma postura de conquista na medida em que foi montada uma estrutura de trabalho eficaz. Porém, não mostra-se receptiva a eventuais críticas ao novo modelo de estruturação do trabalho, cabível de aperfeiçoamento. Também, os conflitos derivados do esquema anterior não foram resolvidos e não tiveram uma evolução, já que houve a troca do sistema de administração e forma de remuneração. O modo de remuneração pela produtividade, típico de outras formas de relação capitalista, acabou sendo implantado e aceito, eliminando portanto a possibilidade de elaboração de um esquema novo e mais elaborado dentro do grupo.

Ficam, portanto, essas questões: este esquema de remuneração por produção, não seria uma reprodução quase pura do esquema capitalista? Torna-se mais complexa a questão quando, na própria cooperativa existe contraste entre os que trabalham no barracão e os que trabalham na rua. O trabalho do barracão é administrado de uma forma mais comunitária, já que as doações são partilhadas de forma mais equitativa, para a formação do fundo de reserva, a manutenção das despesas do barracão e, especialmente, a remuneração dos cooperados. No trabalho de rua, a administração é feita por produção, portanto de forma menos comunitária e mais ligada a resultados econômicos.

Estes aspectos são reafirmados no depoimento a seguir:

“Os do barracão ganham por doações, por exemplo de fábricas, doações que vem direto para o depósito, costuma cair , por exemplo, quando é mês de calor, alumínio mesmo a gente coleta bastante, época de frio já é pouco, a mesma coisa é o vidro, época de calor o pessoal toma refrigerante, uma cerveja, agora no frio já é menos, caem as doações, o papelão é a mesma coisa, tem mês que é forte, tem mês que é fraca, a gente não tem salário, a gente não fala pagamento, é retirada, a gente não é

funcionário, a gente somos os donos, tem mês que a gente recebe bastante, tem mês que a gente recebe bastante, tem mês que não dá , aí a gente tem de fazer um controle, este mês entrou pouca doação, aí a gente tem de controlar aquele dinheiro que entrou um pouquinho a mais do mês passado, prá ajudar neste mês, porque têm combustível, manutenção de caminhão, tudo isso é a gente do barracão que faz, tem um desconto do pessoal de rua de 15%, mas destes 15%, 5% vai para uma cota, mais 5% vai para um fundo, tipo um 13. salário, no fim do ano, se precisa compra um remédio, 3% é as máquinas, que a gente ainda paga até hoje, ajuda mas não dá pra (...) ¹⁴, mas a gente do barracão que aguenta mais as pontas, a gente é que tem mais despesas, porque quando se trata de uma cooperativa, acho que se fosse por eles, podiam ajudar, mas o pessoal da rua não tem como ajudar, se falar em dinheiro, não podem, como a gente entra mais doação, os caminhões já ficam disponível, a gente é que paga telefone, máquinas, essas coisas.”(Gilmar)

O depoimento descreve e reflete a percepção do complexo sistema de organização do trabalho da cooperativa, cujo papel como fonte de trabalho e apoio social, envolve vários aspectos.

Bonamigo (2002), citando Tiriba (1998) e Ribeiro (2001), descreve o papel das cooperativas de trabalhadores no combate ao desemprego, podendo “tornar-se mecanismos para viabilizar o ajuste daqueles que o geram, favorecendo as exigências do novo modelo de acumulação do capital, baseado na descentralização, no uso de novas e modernas tecnologias e na flexibilização das relações entre capital e trabalho”.

A cooperativa estudada partilha de uma estrutura de produção maior na qual este sub grupo exerce um papel complementar, que poderia ser chamado de uma terceirização da coleta e da obtenção de parte dos materiais necessários para a produção. Podemos entender como uma flexibilização do trabalho com vistas a obtenção de

¹⁴ Trecho que não pode ser compreendido da gravação.

materiais reciclados por preço mais baixo. Por um lado pode ser entendido como uma maior exploração do trabalho, sendo vítimas os trabalhadores da cooperativa. Por outro lado, é uma forma de inserção destes trabalhadores no processo produtivo, de um modo precário, conforme afirma Segnini (2000), porém em uma estrutura de produção no qual os trabalhadores são donos da cooperativa e certos aspectos de organização e administração estão sob seu controle.

As cooperativas populares são um importante espaço de socialização, de aprendizagem e de reeducação para a vida. A vivência é composta por momentos pedagógicos que possibilitam a elaboração de uma nova identidade social. É o viver e cooperar que delineia um espaço de apreensão crítica da realidade.

Offe (1995) afirma que os autônomos são uma categoria à parte no mercado de trabalho: “Devido à posse dos meios de produção, aos quais podem juntar sua força de trabalho, as pessoas desta categoria não necessitam vender sua força de trabalho; em vez disso, podem oferecer os resultados dessa combinação (bens ou serviços) no mercado. Embora trabalhem com o objetivo de garantir sua renda, esta não constitui uma renda contratual paga em troca da possibilidade de uso de sua força de trabalho, mas uma renda residual, cuja quantia é indeterminada ex-ante e resulta da diferença entre lucros e custos. Os autônomos são isentos da pressão para venderem sua força de trabalho porque possuem meios de produção. Seu papel no mercado de trabalho está confinado ao fato de poderem ou não exercer sua própria demanda de mercado pela força de trabalho.”

Ainda Offe (1995), descreve: “A atividade econômica autônoma (...) difere do trabalho assalariado, pois (entre outras coisas) está relacionada à demanda de bens e serviços e não à demanda de força de trabalho, e é remunerada pelo lucro residual e não através de salários contratuais.

Foto 3: Detalhe do escritório da cooperativa de reciclagem, com vários símbolos religiosos. (Sabbag, 2001)

Foto 4: Cooperado na cozinha da cooperativa de reciclagem. (Sabbag, 2001)

A prática dessa cooperativa conforme descrita no depoimento acima, analisada segundo as colocações de Offe (1995), entende os cooperados como trabalhadores autônomos grupalizados, com os quais os compradores não têm um contrato e dependem de uma renda residual. Isso aumenta sua vulnerabilidade, estando sujeitos a fenômenos de várias naturezas (econômica, social, tecnológicas) que interferem no seu trabalho, principalmente na garantia de continuidade.

“No momento vou ficar lá encima no barracão, porque lá não pega sol, não puxa carrinho pesado o dia inteiro, lá encima é melhor, ganha menos, mas é melhor, Quando eu estava na rua produzia mais, teve mês que eu tirar até R\$ 400,00 na rua, lá (no barracão) a média é de R\$ 200,00”.(Tiago)

Este depoimento reflete a percepção das diferenças e escolha entre prós e contras da função de cooperado no barracão e na rua. É a base para uma escolha momentânea, que leva em conta as necessidades básicas como trabalhador e as possibilidades de relação de trabalho. Está reproduzida a mesma relação conflituosa do depoimento anterior: as vantagens e desvantagens de uma situação e outra e a convivência dos dois tipos de trabalho na mesma estrutura.

Santos (1999c), descreve os riscos representados pelas atividades de coleta de lixo na rua. Estes riscos comumente são comuns aos catadores de material reciclável. O catador de materiais recicláveis, tem liberdade de horário, ao contrário do coletor de lixo que trabalha em três turnos. Descreve também, a falta de estrutura da rua, como a falta de banheiros. Comenta que “com todas as suas características que o desempenho de sua atividade, ao ar livre, na rua, distante de suas chefias imediatas, representantes imediatos dos patrões, proporciona uma grande sensação de liberdade. (...) Porém é aqui que reside um paradoxo que nem eles próprios tem consciência. Eles não impõem o

ritmo desejado, o ritmo não foi definido automaticamente pelo grupo (de coletores), mas pela produção.”

Santos (1999c) descreve a imprevisibilidade presente no trabalho de limpeza pública na rua, o que também parece ser ponto comum com catadores de material reciclável atuando na rua. Descreve as situações de diversidade e ambigüidade, com a polarização entre “o risco e a diversão, a liberdade e o cerceamento, à solidariedade, bem como a exclusão, a visibilidade e a invisibilidade, à exposição e ao anonimato; ambigüidade que também caracteriza o espaço público.”

O trabalho do catador tem estas semelhanças com o trabalho do coletor, tendo contudo particularidades derivadas do trabalho de catador no grupo estudado ser cooperativo.

Quanto a estas semelhanças entre o trabalho de limpeza pública e o de catador de materiais recicláveis, o Ceadec (2001) tem se dedicado a formular propostas de políticas públicas de estruturação de coleta seletiva nos municípios, como forma de organizar melhor a coleta dos materiais recicláveis.

Castel (1998), afirma que “o todo econômico nunca fundou uma ordem social; numa sociedade complexa, a solidariedade não é mais um dado mas um construído; a propriedade social é, simultaneamente, compatível com o patrimônio privado e necessária para inseri-lo em estratégias coletivas”.

Neste sentido, todos os esforços de estruturação da cooperativa e do trabalho cooperativado, fazem sentido, na medida em que a cooperativa viabiliza o econômico, incorporando o social. É uma estrutura cujo objetivo é evitar os aspectos opressores presentes no assalariamento, funcionando como forma de sobrevivência e participação na sociedade, ao mesmo tempo em que propõe-se a ser uma estrutura diferenciada em termos de relações econômicas e sociais.

Castel (1998), destaca a importância do papel do estado na organização do social. Afirma: “É preciso um ator central para conduzir tais estratégias, obrigar os parceiros a aceitarem objetivos sensatos, zelar pelo respeito dos compromissos. O estado social é este ator.”

Na cooperativa estudada, o papel fundamental cabe à sociedade civil. O estado participa fornecendo o barracão e alguma infraestrutura, como ocorreu com a instalação da eletricidade. Contudo a própria instalação da cooperativa, bem como a organização destas pessoas no trabalho cooperativado, partiu de uma iniciativa da sociedade civil, por meio da paróquia Cristo Rei que inicialmente organizou os trabalhadores na produção de temperos, doces e sabão e depois converteu o trabalho em cooperativa de reciclagem.

Deste modo, as colocações de Castel (1998), aplicadas na análise desta cooperativa, mais refletem a omissão do estado no papel de organizador do social, já que o papel do estado é secundário, limitado às ações acima descritas, mesmo assim sobre forte pressão política e da comunidade e limitada à atuação da prefeitura; o governo do estado de São Paulo e o governo federal, em nada participam como incentivadores ou organizadores desta ação. Portanto, em função dessa omissão, por um lado deve a cooperativa lutar por seus próprios meios, como tem feito com a maior parte das suas necessidades, por outro lado, é preciso que existam políticas públicas que apoiem e sejam compatíveis com estas iniciativas cooperativas e de geração de renda.

Braverman (1974) afirma: “O que vale para ele (o capitalista) não é determinada forma de trabalho, mas se foi obtido na rede de relações sociais capitalistas, se o trabalhador que o executa foi transformado em homem pago e se o trabalho assim feito foi transformado em trabalho produtivo - isto é, trabalho que produz lucro para o capital.”

Foto 5: Cooperados e uma balança. (Sabbag, 2001)

Foto 6: Materiais recicláveis agrupados ao lado do barracão da cooperativa. (Sabbag, 2001).

Quanto ao funcionamento do barracão:

O barracão parece ter um significado múltiplo para os trabalhadores. Inicialmente, é uma central, onde ficam concentradas as informações e decisões, as visitas são recebidas, as doações chegam e são realizados os contatos externos. A seguir, é o local onde o trabalho é desenvolvido com maior conforto e segurança, principalmente com relação a variações climáticas e prevenção a acidentes no trânsito. Finalmente, tem o significado de um ponto de referência para todos, centralizado na figura de “Seu Zé”, que tem um papel de norteador da direção dos trabalhos.

“Conheci seu Zé aqui na Cristo Rei, estava desempregado, ele colocou nós para trabalhar na rua e nós puxando carrinho de mão, aí ele mandou fazer umas carriolas, aí já facilitou mais, aí ele viu que o serviço estava duro para mim já na idade e carregou eu, colocou eu lá no barracão, estou mexendo, mais ele, lá.”(Antonio)

O início na cooperativa, com o trabalho de rua e a posterior adaptação ao trabalho do barracão, demonstram uma capacidade de adequação da cooperativa às necessidades do cooperado, talvez mais que uma empresa que não seja cooperativa. Isso é destacado pelo cooperado em seu depoimento.

Martins (2002) afirma: “A categoria “excluído” pressupõe um mundo social estável, rígido e enrijecedor. Ignora, portanto, que a sociedade contemporânea é essencialmente a sociedade da luta contínua contra todas as modalidades de exclusão, não só as que se materializam na pobreza visível. Luta, porém, que é fundamentalmente pela integração, sobretudo pela integração simbólica quando a integração material e social não se concretiza na extensão que se espera.”

Na cooperativa estudada, os trabalhadores articulam-se em busca de sair da categoria excluídos. Todo esforço descrito pelo cooperado na melhoria da tecnologia da coleta, com aprimoramento da produtividade e da ergonomia do trabalho, juntamente com a realocação deste cooperado do trabalho de coleta na rua para o trabalho no barracão, são esforços de integração. Na medida em que a cooperativa não consegue se caracterizar como um trabalho que distancia-se da precarização, pois mantém a possibilidade da instabilidade, a segurança no trabalho com grande grau de risco e a ausência da cobertura previdenciária, esta integração ao sistema é simbólica e material. Simbólica na medida em que muitas formas de inserção não são concretas. Material pois não há dúvida que o que a cooperativa oferece é significativo para a grande maioria dos cooperados, com pouca chance em trabalhos com menor precarização e concorrendo com maiores chances em trabalhos igualmente precários situados no mercado informal.

Porém, parece não haver dúvida que a existência, a participação e as vivências na cooperativa caracterizam-se como um estágio superior ao anterior, em termos de evolução da estrutura e dinâmica sociais.

Dinâmica ou o Cotidiano da Cooperativa:

Quanto ao ambiente de trabalho na cooperativa:

O ambiente de trabalho na cooperativa, de um modo geral, é visto como bom, solidário e o ponto principal parece ser o não ter chefe, tendo uma autonomia maior no trabalho.

“Conheci bastante gente, o trabalho na cooperativa é muito bom, para mim, graças a Deus, o serviço é especial de bom, né, para os que estão lá dentro, tudo tem gosto de trabalhar.”(Antonio)

O ambiente de trabalho diferenciado, com maior grau de motivação e envolvimento, mostra-se um diferencial importante. Além disso, parece ser um ponto de envolvimento importante para este cooperado, que tem uma característica particularmente importante – a idade, 62 anos – e sua aceitação mostra-se um aspecto fundamental.

Quanto ao primeiro contato com o pessoal da cooperativa e este tipo de trabalho:

“Não conhecia o trabalho da cooperativa antes, sempre passava pelo Vitória Régia, mas nunca falaram prá mim desta cooperativa. Falei para um rapaz: -Faz tempo que tem esta cooperativa?- Ele falou assim: -Faz uns três anos-. Sempre passei para ir para a lagoa ali, a lagoa do Vitória, nunca fiquei sabendo.”(José)

O depoimento demonstra a forma de inserção deste conhecimento da existência da cooperativa na vida desta pessoa. Um fato que até então parecia despercebido, a partir de um certo momento, ganha destaque, já que passa a ser um instrumento de vida importante naquele momento. A cooperativa de reciclagem ganha destaque, a partir do momento em que se torna instrumento de sobrevivência e organização da vida deste cooperado. O destaque se dá então, inclusive de forma geográfica: um lugar desconhecido e próximo passa a ser percebido, já que está atrelado ao trabalho, à sua opção no momento e à sobrevivência.

Quanto às diferenças do trabalho assalariado e em cooperativa:

Parece que um aspecto muito importante de diferenciação entre o trabalho assalariado e a cooperativa é a sensação de liberdade do fato de não ter patrão, de não obedecer ordens e não ter uma supervisão direta. O fato de trabalhar mais, ultrapassando o horário de saída e trabalhando em finais de semana parece não gerar queixas, pelo menos nos depoimentos colhidos. A expressão “somos donos” reflete bem a postura perante a quantidade de horas no trabalho e a relação de assalariado.

“A única diferença da indústria para a cooperativa é que na indústria a gente é mandado, na cooperativa, é da gente mesmo, na indústria a gente tem hora prá entrar, hora prá sair, na cooperativa a diferença é que quanto mais você produz, mais você vai ganhar, se você não produzir, aí quer dizer que tem que trabalhar mais, porque é nossa.”(Gilmar)

O cooperado destaca a diferença na hierarquia e na distribuição de poder, renda e propriedade. O quanto estes fatores alteram as relações sociais e econômicas no trabalho.

Tiriba (2000), descreve o desenvolvimento de uma nova cultura do trabalho nas cooperativas e empreendimentos de economia solidária. Afirma: “A cultura do trabalho só pode ser entendida em sua complexidade, a partir da análise transversal dos vários elementos que a compõem. Neste sentido, é possível perceber que não há uma nova cultura do trabalho, mas elementos que vão plasmando num processo contraditório, que ora afirma ora nega um determinado aspecto das relações sociais e econômicas que ali se desenvolvem e/ou são hegemônicas na sociedade. No interior de cada grupo de trabalhadores associados, a cultura do trabalho se constitui de forma diferenciada, no

qual pouco a pouco seus integrantes se dão conta de que não querem voltar à forma assalariada de trabalho. São várias as motivações.”

Outro ponto de vista é colocado por Martins (2002), ao analisar o crescimento internacional do trabalho escravo: “O capitalismo está conseguindo criar o trabalho puro, isto é, o trabalho que não envolve nenhuma responsabilidade social e moral do capitalista. (...) Aparece sobretudo numa coisa que está se difundindo rapidamente nas fábricas de nosso país e sobretudo aqui na área industrializada, mais industrializada, que é a terceirização do trabalho, ou seja, o trabalhador é empregado dele mesmo. O trabalhador é responsável por ele mesmo. (...) O trabalho que não envolve nenhum encargo social, nenhuma responsabilidade de ninguém.

Por este ponto de vista, a tendência ao trabalho autônomo, está alicerçada nesta transformação das relações de trabalho que estimula a terceirização. O trabalhador portanto é menos dono de seu destino do que imagina, partilhando de uma tendência do sistema capitalista contemporâneo e, como afirma Martins (2002), referindo-se a migrações e adesão a estruturas de trabalho forçado, “fazendo da vítima cúmplice da perversão”.

“O sistema de trabalho em cooperativa é bom numa parte, porque a gente está desempregado, não ganha mais né, as pessoas que às vezes não está procurando serviço, é uma boa.”(Tiago)

O cooperado destaca a oportunidade do trabalho em cooperativa como alternativa ao desemprego, especialmente para o chamado trabalhador desempregado desanimado ou desemprego de longa duração.

Castel (1998), afirma: “Gestão em fluxo tenso, produção sob encomenda, resposta imediata aos acasos dos mercados tornaram-se os imperativos categóricos do

funcionamento das empresas competitivas. Para assumi-los, a empresa pode recorrer à subcontratação (flexibilidade externa) ou treinar seu pessoal para a flexibilidade e para a polivalência a fim de lhe permitir enfrentar toda a gama de novas situações (flexibilidade interna). No primeiro caso, o cuidado de assumir as flutuações do mercado é confiado a empresas-satélites. Podem fazê-lo à custa de uma grande precariedade das condições de trabalho e de muitos riscos de desemprego. No segundo caso, a empresa se responsabiliza pela adaptação de seu pessoal às mudanças tecnológicas.”

A cooperativa analisada, parece enquadrar-se nestas empresas-satélites, realizando um trabalho que pressupõe uma grande flexibilidade e que seria mais difícil de ser realizado por empresas mais ao centro do sistema. Paralelamente, o trabalhador da cooperativa também tem de ter grande flexibilidade, moldando-se às necessidades do sistema.

Afirma Martins (2002), referindo-se a processos de reinclusão, como é o caso de trabalhadores desempregados em busca de alternativas: “O trabalhador que entra num processo demorado e patológico de reinclusão, que pode nem mesmo se concretizar, se degrada como pessoa, porque passa a ser um marginalizado, em termos de mercado, um consumidor marginal, que assim mesmo é essencial à reprodução do sistema econômico. Ao mesmo tempo, ele se degrada como ser político, como sujeito da história, porque perde o poder de reivindicação, perde o poder de exigir o cumprimento das leis em relação a ele. A grande perda que a classe trabalhadora do mundo inteiro está sofrendo com essa transformação brutal é a perda ou a atenuação dos direitos conquistados durante mais de cem anos de luta social.”

O depoimento do cooperado, descrito acima, reflete o grande esforço de inserção em um sistema de trabalho que ao mesmo tempo que representa o que é possível,

significa uma reinserção dentro de padrões que representam a perda de direitos e de sistemas de trabalho mais evoluídos, com um maior grau de proteção social.

Lima (1996), fala sobre o desemprego, o sub-emprego e o mercado informal: “O setor informal, embora caracteristicamente composto por trabalhadores de baixa renda, à margem do mercado de trabalho formal – migrantes e parcela flutuante de desempregados da indústria e de outros setores, atingidos pelas constantes crises econômicas, e que nem sempre conseguem retornar, ou pelo menos demoram, a recuperar um emprego no setor formal – agrega serviços variados realizados por trabalhadores com diferentes graus de qualificação que abrem pequenos negócios atraídos pela autonomia e controle que o próprio trabalho propicia. Isso, sem considerar as verdadeiras empresas que também exploram esse mercado. Sua característica geral seria a subordinação ao setor “formal” capitalista, no assalariamento de seus membros, embora a renda auferida, ora se aproxima, ora se afasta, ora ultrapassa o formal. De uma forma geral, o informal agrega aquela parcela da população difícil de ser enquadrada nos esquemas teóricos de estratificação social ou de mercado, dada também sua mobilidade e transitoriedade de condição pessoal em função das variações econômicas que determinam a expansão e a retração desse setor. A peculiaridade do setor informal encontrar-se-ia na forma como se dá o desenvolvimento capitalista nesses países com alto grau de concentração de renda, industrialização parcial, urbanização acelerada, subemprego generalização e miserabilidade de grande parte da população. Nesse quadro o desemprego não chega a constituir um problema, uma vez que se mantém em níveis próximos aos países avançados, mas sim o subemprego, onde milhares de pessoas sobrevivem em condições mínimas. Fora do contexto formalizado, a produção informal assume caráter funcional, seja retendo força de trabalho latente, seja ocupando uma população marginalizada do mercado com atividades intersticiais subordinadas ao

capital, seja, ainda, adequando trabalhadores ao meio urbano, preparando-os para o mercado formal. As chamadas atividades informais se disseminam por todos os setores econômicos e não apenas na prestação de serviços e atividades assemelhadas. Possuem um caráter complementar e subordinado das atividades formais reguladas pelo Estado e refletem a heterogeneidade das relações do trabalho e dos mercados.”

Harvey (1992) afirma: “O mercado de trabalho, por exemplo, passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão de obra excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis. (...) Mais importante do que isso é a aparente redução do emprego regular em favor do crescente uso do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado”

A cooperativa estudada parece ser uma estrutura derivada da redução do emprego regular e o crescimento do trabalho subcontratado. Em termos de perspectiva, podemos imaginar que seu desenvolvimento poderá ser mais ou menos favorável aos trabalhadores, na medida em que esteja mais fortalecida como instituição e fonte de trabalho e crie uma caracterização própria, que dê uma identidade ao seu papel institucional, mesmo inserida no sistema econômico como fornecedora de um trabalho subcontratado.

Antunes (1998), descreve a subproletarização do trabalho. Afirma: “Há uma tendência extremamente significativa, dada pela subproletarização do trabalho, presente nas formas de trabalho precário, parcial, temporário, subcontratado, terceirizado, vinculados à economia informal, entre tantas modalidades existentes. Como afirma Alain Bihr (1991), essas diversas categorias de trabalhadores tem em comum a precariedade do emprego e da remuneração; a desregulamentação das condições de

trabalho em relação às normas legais vigentes ou acordadas e a consequente regressão dos direitos sociais, bem como a ausência de proteção e expressão sindicais, configurando uma tendência à individualização extrema da relação salarial.”

A cooperativa em questão parece ser, ao mesmo tempo, uma tendência do trabalho subcontratado ou terceirizado e um mecanismo de resistência ao isolamento do trabalhador, na medida em que aglutina em uma mesma organização, trabalhadores que por esta tendência ficariam isolados.

Quanto aos que desistiram de participar da cooperativa, após um tempo de experiência:

“Alguns desistiram. Dos velhos que entraram mais eu, dos que começaram comigo só existem eu, Rodolfo e Ilda, os outros arredaram, aí entraram os novatos. Eles estavam querendo muito dinheiro sem trabalhar, daí arrancaram, brigaram com seu Zé e arredaram, agora querem lá de novo, seu Zé não quer, estão querendo entrar de novo e seu Zé não está querendo não, não está concordando.” (Antonio)

Os que estão fora, ou que em determinado momento se colocaram fora, são um referencial importante na percepção do próprio papel de cooperado. Parece que estas pessoas, em certo sentido, ajudam os cooperados atuais a entender sua percepção como cooperados inseridos. O aspecto trabalhar tem destaque: os que saíram, o fizeram por querer trabalhar menos e ganhar mais. Nisso parece que o cooperado se apoia para ver o seu próprio papel atual, como trabalhador-cooperado.

Vários aspectos podem ser levantados a respeito das percepções e dos comportamentos daqueles que saíram da cooperativa. O fato de estar o trabalho da

cooperativa no limite entre o trabalho formal e o informal, o comparativo constante entre o trabalho de catador cooperativado e o emprego assalariado e o vínculo relativamente frágil dos trabalhadores com a cooperativa, sendo a entrada e saída viáveis, de certo modo mais do que em um emprego do mercado formal.

Outra possível causa dessas saídas é que essas pessoas tem vínculos menos formais no mercado de trabalho, tendo portanto uma flexibilidade maior. Portanto, o envolvimento maior ou menor com o projeto, neste contexto, parece natural.

Finalmente, a própria cooperativa pode mostrar-se como uma instituição e fonte de trabalho não muito convincente como estrutura, não oferecendo a credibilidade de um emprego formal ou de outras alternativas no mercado de trabalho.

Quanto aos trabalhos e experiências anteriores:

Os trabalhos anteriores, às vezes são descritos como trabalhos estruturados e que não existem mais para estas pessoas, em outras vezes são caracterizados como trabalhos precarizados, fazendo parte do mercado informal e sem nenhum tipo de garantia de estabilidade e estrutura de previdência.

“Eu trabalhava de manhã para um, à tarde para outro, de ajudante prá pedreiro e aí, graças a Deus, que eu achei este serviço e estou continuando.”(Antonio)

Este depoimento demonstra o como a cooperativa apresenta-se como alternativa no mercado de trabalho, perante a precarização do mercado de trabalho. A opção pela cooperativa se dá em um mercado caracterizado pela precarização. Na verdade, o cooperado que dá este depoimento, já participa de um mercado precarizado. A

cooperativa representa uma tentativa de organização deste trabalho, em busca de padrões mais desejáveis de estrutura, cobertura previdenciária e segurança.

Offe (1995) afirma: “Uma (...) particularidade da força de trabalho e de suas opções estratégicas limitadas é que a sua própria necessidade de meios de subsistência, em grande parte, permanece constante dentro de uma estrutura de um padrão mínimo de vida definido material e culturalmente. De qualquer maneira, sua necessidade é muito mais rígida do que a necessidade recíproca dos empregadores.”

O depoimento do cooperado demonstra a emergência da colocação no mercado de trabalho, ligada à necessidade de sobrevivência, à falta de reservas econômicas e as poucas alternativas.

“Quando eu trabalhava em Valadares eu trabalhava na Itapemirim, transportadora Itapemirim, e antes disso, quando morava em Valadares, fui prá Rubinho, Rubinho-MG, trabalhei de continuo no Banco Econômico. Ai nós voltamos prá Valadares, moramos na Itapemirim, transportadora Itapemirim, quatro anos, aí eu desempreguei e fomos para o Pará, carroça, fazenda, mata, uma aberturinha, um ano na roça e precisava de um professor. Eu como eu sabia um pouquinho, ninguém queria ir para aquela mata, como se diz professor leigo, da zona rural, trabalhei sete anos como professor da zona rural. Vim prá cá, casei, e morei mais um ano lá, aí minha mulher tinha feito a oitava série, um ano lá na cidade, ela trabalhou um ano, aí não quis trabalhar mais, não queria ser professora não, também cansei de mexer com menino, como não era preparado, como não era qualificado para ser professor, eu vim embora, voltei para Belo Horizonte de novo, ser vendedor, vender lustre e panela, estas panelas de alumínio batido. Fiquei um ano e meio em Belo Horizonte, vim aqui para Votorantim e continuei, tinha um sobrinho aqui, me chamou dizendo que o comércio

era bom de venda aqui em São Paulo, em Votorantim, realmente foi bom, mas como a gente não tinha capital para vender muito, né, vendia dez, doze jogos, parava prá receber e comprar mais, aí comecei a vender lustres também, ia vivendo assim, vendedor, vivi uns dez anos como vendedor, aí eu fui prá São Paulo trabalhar com construção, trabalhei uns seis ou sete meses, trabalhei (...) ¹⁵ meu irmão trabalhava em um sítio, a situação estava difícil, eu fui trabalhar na roça uns trinta dias, em Mogi das Cruzes, quando eu cheguei aqui vindo de Mogi das Cruzes, aí começou o negócio da cooperativa.”(Rogério)

A descrição acima reflete a profunda instabilidade em termos profissionais e de sobrevivência vivida pelo cooperado. A cooperativa segue-se a um período de grande instabilidade e precarização do trabalho, colocando em instabilidade todo o sistema de vida.

Offe (1995) descrevendo os fenômenos típicos do mercado de trabalho, afirma o quanto a mercadoria força de trabalho ocupa em termos de mercado e estratégia uma posição particularmente desvantajosa. “O fato de o empregado acabar sempre em uma posição desfavorável quando firma um contrato de trabalho em situação de livre concorrência. A primeira explicação (...) é que , embora ela seja, de fato tratada nos mercados como uma mercadoria, não ingressa nesse mercados do modo como o faz a maior parte das outras mercadorias. (...) A entrada das verdadeiras mercadorias nos mercados é regulada ou, pelo menos, co-determinada pelo critério relativo às expectativas de venda de tais mercadorias. Isso não acontece com a mercadoria força de trabalho. (...) Portanto, uma particularidade inicialmente importante da força de trabalho é que, ao mesmo tempo que, de fato, é tratada como uma mercadoria no mercado, entra neste por razões diferentes daquelas das outras mercadorias. Pode-se então falar de uma

¹⁵ Trecho que não pode ser compreendido da gravação.

desvantagem estrutural da força de trabalho no mercado, pois o lado da oferta não tem como controlar sua própria quantidade de maneira estratégica.”

A descrição do cooperado acima, reflete sua experiência de vida e profissional, caracterizando seu percurso no mercado de trabalho, através de trocas da mercadoria força de trabalho.

“Trabalhei na Guarda Mirim de Sorocaba, trabalhei lá um tempo, depois aos 16 anos acaba, não tem mais idade depois dos 16 anos, depois eu fiquei bastante tempo desempregada, trabalhei de vender as coisas na porta, assim no centro da cidade, depois eu fiquei bastante tempo desempregada.” (Carla)

Este depoimento também reflete o nível de precarização do trabalho, assim como as limitações no amparo social, por exemplo, pela questão da idade. Reflete também uma situação brasileira, com presença marcante do trabalho informal, com alto grau de precarização. A exemplo da cooperada, estes trabalhadores buscam alternativas dentro do mercado com essas características. O depoimento reflete o desejo da cooperada de ter uma condição de vida e trabalho melhor, com condições mais adequadas.

“Trabalhei aqui, trabalhei na GELRE, de servente, fiz curso de pedreiro no Senai, tentei me encaixar na construção civil, que eu queria mesmo era tocar obra, mas ficou difícil, fiquei só no servente mesmo, eu não consegui pegar um empreiteiro bom mesmo prá mim, desenvolver isso aí, começar a construir só casa, direto, porque aí a construção civil fracassou, caiu muito o serviço, aí eu voltei de novo prá obra.” (Alceu)

A descrição do cooperado destaca vários níveis de inserção no mercado da construção civil. - Fiquei só no servente mesmo - é uma forma de descrever um trabalho mais precário. - Aí eu voltei de novo prá obra - reflete voltar na mesma condição,

quando o desejado seria o - tocar obra - o que reflete um nível de trabalho melhor, menos sujeito a oscilações e com melhores condições de trabalho.

“Eu nasci em São João del Rey, Minas Gerais, toda vida fui sitiante, sabe, meu pai faleceu e eu vim embora para Sorocaba, chegando aqui eu trabalhei de metalúrgico, trabalhei na Metalac, seis anos, saí, fui mandado embora, aí apareceu a oportunidade da cooperativa, eu fui e estou lá até hoje, na metalúrgica fiquei seis anos.”(Gilmar)

A inserção na cooperativa aparece na sequência da exclusão do trabalho da metalúrgica, que por sua vez aparece na sequência da desarticulação do trabalho como sitiante, associado ao falecimento do pai.

“Antes eu trabalhava em São Paulo na fábrica de tecido, tecelão antes, aí eu vim prá Sorocaba procurar serviço na parte de tecelagem, aí eu não encontrei na minha profissão, né, daí eu encontrei de ajudante em uma fábrica, daí eu entrei, trabalhei dois anos, aí a fábrica estava para falir, aí eu pedi para mandar embora, eles mandaram, isso foi em 95, vim para cá, não tinha arrumado serviço mais registrado, aí eu procurei a cooperativa e entrei na cooperativa.”(Tiago)

A precarização é descrita não apenas do ponto de vista do trabalhador, mas dos empregadores também, com todo um sistema: - A fábrica estava para falir (...) não tinha arrumado serviço mais registrado - reflete a precarização não apenas dos postos de trabalho, mas da estrutura do trabalho na empresa empregadora.

Martins (2002), analisando a exclusão social afirma: “o problema está em discutir as formas de inclusão, o preço moral e social da inclusão, o comprometimento profundo do caráter desses membros das novas gerações, desde cedo submetidos a uma

socialização degradante. O que a sociedade capitalista propõe hoje aos chamados excluídos está nas formas crescentemente perversas de inclusão, na degradação da pessoa e na desvalorização do trabalho como meio de inserção digna na sociedade.”

Nos trabalhadores estudados, observamos um processo de inclusão no sistema produtivo, que no período anterior à inserção na cooperativa e, também no posterior à inserção prevalece a precarização do trabalho, caracterizando as formas perversas de inclusão descritas pelo autor citado.

“A minha vida sempre trabalhei como servente, tudo o que vim, a família de pobre é sempre assim, o que vim é lucro né, trabalhei em fábrica, catador de papelão como estou trabalhando agora, já trabalhei como servente e agora na cooperativa. O trabalho de servente não é melhor ou pior, a cooperativa dá prá ganhar mais, porque eu trabalhava com meu pai, o dinheiro que ele ganha é pro alimento, não dá prá repartir com nós lá em casa.”(José)

O cooperado situa a sua inserção na cooperativa, no mercado de trabalho parte do que define como - a família de pobre é sempre assim - . A cooperativa é vista como uma fonte de trabalho que compete com o ser servente, ser catador não cooperado ou trabalhar em fábrica. Em termos concretos, mostra-se melhor, por não depender do trabalho com o pai, que pode direcionar o dinheiro para alimentação. O atual envolvimento na cooperativa, aparece como um desdobramento dos trabalhos anteriores.

Pochmann (1995), comenta a acumulação capitalista e a pobreza. Afirma: “Desde que surgiu, a sociedade capitalista convive com a presença de menor ou maior parcela de sua força de trabalho vivendo na faixa de renda muito baixa. E isso significa necessariamente, numa economia mercantil, a associação direta entre baixa renda e

condição de pobreza e privação social. (...) O processo de determinação do salário tem sido, em certa medida, independente do movimento de escassez ou de abundância da força de trabalho. Na grande empresa (privada e estatal), o plano de carreira, cargos e salários é o instrumento que concede estabilidade à formação do salário, fazendo com que o trabalhador seja estimulado a lutar pela ascensão nos postos de trabalho, pois estes estão associados a uma remuneração superior. No mercado geral do trabalho localiza-se o restante da população ocupada assalariada, onde o exército industrial de reserva tende a exercer pressão no sentido do rebaixamento dos salários”

Castel (1998) afirma que há “dois segmentos de emprego, um mercado primário – formado por elementos qualificados, melhor pagos, melhor protegidos e mais estáveis – e um mercado secundário – constituído por pessoal precário, menos qualificado, diretamente submetido às flutuações da demanda. (...) Em um período de crescimento e de equilíbrio entre a demanda e a oferta de trabalho, há relação de complementariedade entre os dois setores. (...) O mercado secundário desempenha então um papel de complemento para fazer face aos imprevistos e, eventualmente, de peneira para socializar o grupo de empregados do qual alguns serão integrados de modo estável.”

A cooperativa analisada e os trabalhadores nela envolvidos parecem fazer parte deste grupo secundário, com papéis complementares dentro do sistema e com possibilidade de uma eventual inserção.

Castel (1998) descreve o quanto a flexibilidade “afetou sobretudo os empregos subqualificados e as indústrias tradicionais (conferir a ruína do setor têxtil nos países desenvolvidos, onde havia sido, no entanto, o setor industrial com maior demanda de empregos)”.

Este parece ter sido o caso de um dos cooperados, ligado anteriormente à indústria têxtil e de grande parte da população trabalhadora da região de Sorocaba, cuja

economia muito tempo gravitou em torno da indústria têxtil, também com grande inserção do trabalho feminino.

Castel (1998) descreve a terceirização das atividades, que provoca uma transferência de mão de obra de antigos setores para novas esferas de atividade. Assim, “a redução de mão-de-obra ligada à agricultura deu lugar a um setor industrial mais produtivo.” Por outro lado, a redução do setor industrial dá lugar a um setor de serviços, muitas vezes ligado à indústria.

Segundo Castel (1998), “o problema não é apenas o da constituição de uma periferia precária, mas também o da desestabilização dos estáveis”.

Neste processo de realocação de mão de obra, alteração do status do trabalhador e mudanças no campo do trabalho, a cooperativa estudada representa uma nova configuração de estrutura de trabalho e inserção do trabalhador no sistema produtivo.

Associada à desestabilização dos estáveis, Castel (1998) descreve a instalação da precariedade. Dá ênfase à alternância emprego e não emprego. “O desemprego recorrente constitui, pois, uma importante dimensão do mercado de emprego.” Um terceiro aspecto é “um déficit de lugares ocupáveis na estrutura social”.

O mercado da reciclagem e o sistema cooperativado, parecem ser alternativas dos trabalhadores, em nosso contexto, de enfrentar estas mudanças, bem como a aceitação pelo sistema capitalista de sua reorganização.

Antunes (1998), afirma: “Há, portanto, mutações no universo da classe trabalhadora, que varia de ramo para ramo, de setor para setor, etc. Desqualificou-se em vários ramos, diminuiu em outros, como no mineiro, metalúrgico e construção naval, praticamente desapareceu em setores que foram inteiramente informatizados, como nos gráficos, e requalificou-se em outros, como na siderurgia. (...) Paralelamente a esta tendência se acrescenta outra, dada pela desqualificação de inúmeros setores operários,

atingidos por uma gama diversa de transformações que levaram, de um lado à desespecialização do operário industrial oriundo do fordismo e, por outro, à massa de trabalhadores que oscila entre os temporários (que não tem nenhuma garantia de emprego), aos parciais (integrados precariamente às empresas), aos subcontratados, terceirizados (embora se saiba que há também a terceirização em segmentos ultraqualificados), aos trabalhadores da economia informal, enfim, a este enorme contingente que chega até a faixa de 50% da população trabalhadora dos países avançados, quando nele se incluem também os desempregados, que alguns chamam de proletariado pós industrial e que preferimos denominar subproletariado moderno.”

A cooperativa analisada parece fazer parte do conjunto de mutações da classe trabalhadora, consequência da desqualificação dos trabalhadores, desdobrando em uma organização em cooperativa, como uma modalidade de serviço terceirizado e próximo do mercado informal. Com estas características, não deixa de ser uma estrutura inovadora e com uma forma de organização dirigida a diminuir riscos e a precarização do trabalho.

Quanto a histórias de vida e os trabalhos anteriores:

As variadas histórias de vida inserem-se em vários tipos de inserção no mercado de trabalho, geralmente trabalhos com alto grau de precarização, mercados instáveis e bastante próximos do mercado informal. Através de várias circunstâncias de vida, em determinado momento, o trabalhador depara-se com a opção de participar da cooperativa. Este vínculo, inicialmente, não se dá de forma duradoura. O início é com um experimento mútuo, no qual existe uma avaliação mútua e pode tornar-se duradouro ou não. Há dados de pessoas que fizeram parte, pararam e depois retornaram. As histórias de vida trazer relatos de um mercado de trabalho que gera conflitos,

geralmente provocando grandes períodos de desemprego ou instabilidade, que provocam alterações nos planos do trabalho e familiar, incluindo local de moradia e tipo de vida e lazer.

“Eu, como se diz, nasci na Bahia. Nasci na Bahia e meu pai morreu, aí fomos para a casa de uns parentes nossos, uns tios nossos, em Governador Valadares, ficamos eu, meus quatro irmãos, cada um ficou na casa de um. Tio, durante uns dois anos, três anos, nestes três anos nós estávamos estudando em Valadares, aí fomos para a Bahia novamente na casa de uns irmãos, ficamos lá mais uns três anos, depois voltamos para Valadares de novo, fomos para a nossa própria casa, fomos trabalhar e vamo se virar, aí o pessoal foi casando, casou uma irmã, aí resolvemos ir embora, para o Pará, aí fui eu, meu irmão foi primeiro, aí fui eu e minha mãe depois.” (Rogério)

A descrição retrata a trajetória ampla da história de vida, na fase anterior à inserção na cooperativa, repleta de idas e vindas, em que se misturam aspectos familiares, trabalho e moradias diferentes.

Castel (1998), comenta como o desemprego é parte de um conjunto mais complexo da questão do emprego. Afirma: “O desemprego é apenas a manifestação mais visível de uma transformação profunda da conjuntura do emprego. A precarização do trabalho constitui-lhe uma outra característica, menos espetacular porém ainda mais importante, sem dúvida.”

Nos vários depoimentos, observam-se aspectos da precarização do trabalho, principalmente dos trabalhos anteriores. Como uma das ameaças constantes é o desemprego e a cooperativa, de um modo ou outro, tem garantido uma certa estabilidade, os aspectos de precarização do trabalho na cooperativa parecem considerados secundários, aparecendo pouco nas descrições. O trabalho na cooperativa

parece ser um referencial seguro, apesar de visto por alguns como temporário, ao desemprego e à precarização do trabalho. Porém como inserção econômica e como condição de trabalho, está em padrão semelhante às fontes de trabalho assalariados.

Afirma Castel (1998): “(...) enfatizar essa precarização do trabalho permite compreender os processos que alimentam a vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e a desfiliação. (...) O desemprego não é uma bolha que se formou nas relações de trabalho e que poderia ser reabsorvido. Começa a tornar-se claro que precarização do emprego e do desemprego se inseriram na dinâmica atual da modernização. São as consequências necessárias dos novos modos de estruturação do emprego, a sombra lançada pelas reestruturações industriais e pela luta em favor da competitividade – que, efetivamente, fazem sombra para muita gente.”

A modernização envolveu toda a economia, uns setores mais fortemente, outros menos, criando trabalhos novos e eliminando outros. O trabalho da cooperativa de reciclagem parece caracterizar-se como um trabalho novo, que mantêm-se como um desdobramento da indústria, e modo terceirizado. É um espaço econômico disponível no momento, não se sabe até quando, mas é uma oportunidade de trabalho que pode ser organizada em cooperativa e que concorre com outros tipos de empresa do mesmo ramo. Além disso, observa-se, existe a própria competição pela mão de obra, observada do ponto de vista da cooperativa como empresa e não do ponto de vista do trabalhador. Assim, as pessoas entram e saem da cooperativa, experimentam outros trabalhos, vem de outros trabalhos com condições semelhantes de remuneração e condições de trabalho. Parece que a cooperativa leva vantagem em dois aspectos: a estruturação interna, mais democrática que uma empresa e a proximidade da moradia da maior parte dos cooperados (como veremos em depoimentos mais adiante). Parece levar a

desvantagem de uma certa perspectiva de crescimento que beneficiasse trabalhadores individualmente, por exemplo, através de promoções.

Braverman (1974) afirma: “A mecanização da indústria produz um excedente relativo da população disponível para emprego a taxas inferiores de salário que caracterizam essas amplas ocupações. Em outras palavras, à medida que o capital transita para novos setores à busca de investimento lucrativo, as leis da acumulação do capital nos setores antigos operam para produzir a força de trabalho exigida pelo trabalho em suas novas encarnações”.

As histórias de vida e trabalhos anteriores destes entrevistados demonstram como a busca de investimento lucrativo por parte dos capitalistas e a produção da força de trabalho, aloca e realoca mão de obra em diferentes setores, incluído estando aí incluída a cooperativa estudada.

Quanto ao futuro e a expectativa de aposentadoria, parecem ser questões que importam aos de mais idade:

Guedes (1977), destaca o papel social do trabalhador que “começa a perder a sua força e a se aproximar do não fazer” (...) como um momento significativo na compreensão de trajetórias que se realizam na interação social e simbólica. Afirma ainda, “numa cultura onde os valores se apresentam, preferencialmente na sua incorporação na prática, num fazer mais abrangente, e num repertório de casos extraídos da experiência vivida, colocando em ação um pensamento tácito e prático (...) o momento em que ela se projeta (...) contém uma síntese do próprio sistema simbólico que constrói pessoas (...).

“Eu não tenho cálculo de sair não, até o dia em que eu não aguentar mais, quando eles disser: - velho não dá mais - . Eu queria ver se eles achavam um jeito de aposentar eu.” (Antonio)

O vínculo no trabalho, sem dúvida, representa uma noção de segurança, associada ao desejo de aposentadoria, que seria uma segurança a mais, inclusive para a possibilidade de exclusão da cooperativa.

Família e a Dinâmica do Catador:

Quanto às origens familiares:

“Eu nasci em São João del Rey, Minas Gerais, toda vida fui sitiante, sabe, meu pai faleceu e eu vim embora para Sorocaba.” (Gilmar)

Descreve a cidade em que nasceu, sua atividade principal – sitiante - e o falecimento de seu pai como um marco importante em sua vida, associando a sua vinda para Sorocaba.

“A família original continua em São João del Rey, vim com meu tio, meu pai faleceu, resolvi vir embora prá passar um tempo. Aqui conheci minha esposa, comecei a trabalhar e fiquei.” (Gilmar)

Adiciona o papel de outro familiar, o tio, e o papel da esposa e do trabalho como fonte de fixação. Descreve como relações familiares e a constituição do vínculo com a esposa, colaboram na participação na cooperativa de trabalho.

“Morava em Sorocaba, quando trabalhava na Carambei, com uma família que criava eu, daí eles ajudaram eu a comprar a casa, eles deram uma força. (...) A família original conheci, tinha meu pai, minha mãe, meu pai foi embora com 7 anos, daí eu fui criado pela professora. Minha mãe, eu conheci ela, ela morava em Araçoiabinha, eu ia visitar sempre, ela morreu em 93, em 97, agora.” (Alceu)

O cooperado descreve sua família original, dando ênfase à família que o criou. A compra da casa, que teve a ajuda da família que o criou, parece ter tido um papel importante na estruturação de seu trabalho atual, visto que o seu depósito fica no terreno ao lado da casa, que lhe pertence.¹⁶

Quanto à família atual:

“Minha família somos cinco. Minha mulher, dois filhos, mora uma sobrinha de minha mulher com nós, tem uns quatro anos, veio estudar então ficou lá em casa, ficou até hoje.” (Rogério)

Descreve sua composição familiar, incorporando com grande naturalidade a sobrinha da esposa, que vindo estudar e ficando, acaba incorporada ao universo familiar.

“Sou casado, eles estão aqui comigo, somos em quatro, esposa e dois filhos, um tem 2 anos, outro tem 8 meses.” (Gilmar)

¹⁶ Informação complementar obtida extra entrevista.

O cooperado descreve sua composição familiar, dando ênfase ao - eles estão aqui comigo -. Os outros aspectos da vida, são importantes do modo como estão arranjados possibilitando a família estar unida.

“Não tenho parentes por perto. A esposa tem, tem a mãe dela, tia, irmão, tudo mora aqui. (...) Moro com minha esposa, está parada no momento, não temos filhos, sou casado há 10 anos.” (Tiago)

O cooperado descreve sua composição familiar, dando ênfase ao papel da família da esposa como relação de parentesco e, parece, associada a um apoio familiar na moradia e no trabalho.

“Moro com meu pai e com minha mãe, sou solteiro. (...) Moro em casa de meu pai, minha mãe, minha irmã, tem dois filhos, um de 5, um de 8, e tem mais duas irmãs e uma que casou estes dias, e outra de 15, e a de 16 casou estes dias.” (José)

Descreve sua situação familiar, relatando a mobilidade recente com o casamento da irmã. A família original parece ser um ponto de apoio importante e o ser solteiro enquadra a sua participação na família e a moradia com os pais.

“Moro com minha mãe e meu pai, no fundo da casa deles, com meu marido e tenho três filhas, uma com 2 anos, outra 4 e outra 7. Eu tive a minha menina quando eu era nova, né, a primeira filha; não deu certo, depois o cara me deixou, não deu certo, eu fiquei com duas crianças. Uma filha é de um pai, as outras duas são do segundo companheiro, com o primeiro não morei, com o segundo sim, morei três anos, depois não deu certo. Depois o atual, Cícero.” (Carla)

A família original é um apoio com relação à moradia e conseqüentemente à família permanecer unida. Além disso, o companheiro atual é integrado como um membro da família, ocupando o papel paterno, estando integrado à família atual e à família original. As expressões - eu era nova -, - não deu certo - , - depois o cara me deixou - , buscam dar um motivo e uma justificativa para a estruturação da família atual. Outro aspecto é a descrição que faz da segunda separação – eu fiquei com duas crianças -, sendo a primeira filha excluída desta descrição, isto é, as duas crianças são descritas da ótica do companheiro, não da sua, que já tinha uma filha anteriormente.

“Sou solteiro, tenho namorada, não sei, acho que pretendo me casar.” (Alceu)

O cooperado descreve sua condição de solteiro, com a perspectiva de casar-se como uma possibilidade. Parece claro que a condição de cooperado está inserida neste pensamento.

“Sou solteiro, com certeza estou pretendendo namorar, estou indo devagar, quando chegar a hora, eu ver que aquela mulher serve para minha vida, eu sou aquela pessoa que vou devagar, não vou com sede ao pote, vou devagar ao pote, prá procurar a pessoa certa, não prá aquela pessoa ferir seu coração, pessoa que vai dar carinho, deixar você contente, você alegre.” (José)

O cooperado descreve sua condição de solteiro e sua expectativa de namorar, sua postura quanto a um namoro e o tipo de vínculo que espera. Reflete também uma expectativa de bem estar, de uma condição de vida mais adequada, incluindo o aspecto afetivo, do relacionamento e de perspectiva familiar.

A família parece ser um ponto importante na organização da vida e do trabalho. As necessidades familiares, tanto da família original quanto da família atual, são

decisivas na participação no trabalho da cooperativa. Pode ser que a família represente os primeiros laços de solidariedade que, posteriormente, representarão as bases da solidariedade na cooperativa.

Castel (1998), destaca a vulnerabilidade familiar: “A família, em geral, tornou-se cada vez mais vulnerável, porque se tornou uma estrutura cada vez mais democrática. ... pode-se acrescentar uma vulnerabilidade especial das famílias expostas à perda de status social e à precariedade econômica devida à degradação da condição salarial.”

O autor comenta o quanto a família é vulnerável, sujeita à condição de trabalho. Por um lado a cooperativa em questão envolve famílias altamente fragilizadas, por outro, funciona como fator de integração.

Quanto a relações de parentesco:

“Tenho parentes, só irmãos, um mora no Laranjeiras, outro no Habito, os outros parentes moram em São Paulo, os outros no Paraná. Sou do Paraná, Londrina, vim prá cá tinha três anos de idade com meus pais.” (Carla)

A cooperada faz uma descrição de suas relações de parentesco, situando-se na família em relação aos irmãos e à sua moradia com os pais e companheiro.

Quanto à migração:

“Em Sorocaba, vim através da minha sogra, que morava aqui, eu saí da fábrica que eu trabalhava no Tatuapé, aí o dinheiro que eu peguei lá eu vim e comprei um terreno aqui e construí uma casinha pra mim morar.” (Tiago)

O cooperado descreve a forma como ocorreu a migração de São Paulo para Sorocaba, cujo ponto principal de contato foi a moradia da sogra.

“Eu, com se diz, nasci na Bahia. Nasci na Bahia e meu pai morreu, aí fomos para a casa de uns parentes nossos, uns tios nossos, em Governador Valadares.” (Rogério)

Este depoimento retrata a intensidade do aspecto migração na vida deste cooperado.

“Eu nasci em São João del Rey, Minas Gerais, toda vida fui sitiante, sabe, meu pai faleceu e eu vim embora para Sorocaba.” (Gilmar)

Neste depoimento, também aparece o aspecto migração, associado a uma certa desagregação familiar, pelo falecimento do pai.

Castel (1998) afirma: “Na sociedade industrial, sobretudo para as classes populares, o trabalho funciona como grande integrador. (...) Há a integração familiar. Há a integração escolar, a integração profissional, a integração social, política, cultural, etc. Mas o trabalho é o indutor que atravessa esses campos, é um princípio, um paradigma, algo enfim que se encontra nas diversas integrações concernidas e que então torna possível a integração das integrações sem fazer desaparecer as diferenças ou os conflitos.”

O autor destaca o aspecto integrador desempenhado pelo trabalho, que serve como referencial para compreender o quanto, por exemplo, o trabalho na cooperativa funciona como fator integrador, mantenedor do local de moradia, não migração, etc.

De um modo geral, não foram descritas relações conflituosas entre os cooperados. Observaram-se muitas discordâncias e variações de ponto de vista, na maior parte das vezes pouco expressas, talvez encobertas pela idéia de cooperativismo, o ponto de união entre todos.

Também não foram descritos conflitos com concorrentes, dando a impressão de um mercado ainda aberto e cheio de possibilidades. Às vezes foram descritas variações de procedimento, por exemplo, na forma de abordar uma residência.

Quanto ao relacionamento social:

O relacionamento social parece ser ligado à vida comunitária. Os amigos, as relações comerciais e os grupos são todos relacionados à vizinhança e ao trabalho. Às vezes a igreja desempenha papel importante.

“Tenho bastante amigos, moro aqui há 10 anos.” (José)

O cooperado descreve como a moradia em um mesmo local há 10 anos, contribui para o incremento do relacionamento social.

Quanto à relação com os vizinhos de moradia e do núcleo onde são estocados os materiais:

“O pessoal não gosta muito de eu depositar material, por causa do bairro aqui, então o pessoal, eles, já tive reclamação da Zoonose, no começo ficava exposto, aparecendo, a turma falava que eu era lixeiro, que eu cato lixo, que eu estou enchendo de lixo a minha casa, já mandaram até carta de ameaça prá mim, mas eu não sei se é brincadeira, se fosse coisa séria o pessoal já tinha vindo na porta. É que eu acho que é mais brincadeira, consegui contornar, mas acho que com o tempo o pessoal vai começar a pegar mais no pé, se não fizer um negócio bem organizado, cobrir com Eternit e deixar bem embaladinho, o pessoal vai pegar no pé. O pessoal vai achar ruim, pode aparecer rato, nem é da minha casa, mas o pessoal vai achar que é, eu fui na Zoonose para ver se eles fazem desintetização, mas não tem, tem de pagar particular, mas eu fui lá conversar na Zoonose, o pessoal veio reclamar de mim, aí, mas eles me trataram bem, falaram que não tem problema, só queriam conversar comigo para explicar umas coisas prá mim, orientar, daí eu já tratei de limpar, organizar. Agora não estou catando nada, o quintal está vazio e estou fazendo uma reorganização. Fazer bem organizadinho, porque a vila aqui, o padrão dela não é prá isso, o pessoal ode achar ruim, quanto mais enrustido, escondido melhor.(Alceu)

O cooperado destaca as relações com os vizinhos e as preocupações dele próprio com a aceitação de seu trabalho por esta comunidade ao redor e questões de higiene e saúde. Paradoxalmente, do provável ponto de vista dos vizinhos, ou pessoas que reclamam ou protestam, a preocupação do cooperado com higiene e saúde é grande, revertendo para a comunidade. Esta demonstra ser uma evolução da consciência deste cooperado. Ao ser atacado pela crítica dos vizinhos, chamando a Zoonose, compreende

este comportamento e elabora uma resposta melhor, mais adequada e mais produtiva para o grupo social: a melhoria da organização e da higiene. A princípio, o cooperado demonstra um entendimento global do contexto, buscando inserir seu trabalho em um conjunto comunitário, com preocupações com a reciclagem, a ecologia e a organização do trabalho em novos moldes.

Quanto ao local e tempo de moradia:

O local de moradia parece caracterizar um aspecto importante e determinante da situação de trabalho. A atividade de catador cooperado parece não determinar a mudança de casa. Por outro lado, parece que o local do barracão e a proximidade do núcleo e dos pontos de coleta de material, auxiliam muito na decisão de optar por este trabalho.

“Aí eu vim embora prá aqui, tem cinco anos que eu moro aqui dentro de Sorocaba, aqui por hora eu não fiz nada, eu comprei um pedacinho de terra, lá em Ipanema das Pedras e eu fiz minha casinha, estou morando debaixo, graças a Deus.”(Antonio)

A possibilidade de moradia se dá pela facilidade de estabelecer-se. No caso do cooperado deste depoimento mora longe da cooperativa, pois lá houve maneira de comprar um pedaço de terra e construir sua casa.

“Sempre morei onde eu moro hoje, já tinha acertado aquelas casas do CDHU, já morava lá, a casa foi antes da cooperativa, foi em 93, não em 97, a cooperativa começou em 99.”(Rogério)

A moradia aparece como anterior ao trabalho na cooperativa, demonstrando ser um aspecto determinante no sistema de vida e nas relações sociais.

“Sempre morei aqui, morei no Mineirão quando viemos do Paraná, depois no Laranjeiras depois no Santa Cecília, morei quase sempre no mesmo lugar. É no fundo da casa dos meus pais, é deles, dois cômodos encima, aí eu moro lá. Ele, minha mãe, minha irmã, e três crianças também, é separada, trabalha na cooperativa de separar material e eu e meu marido e minhas três crianças, a minha irmã também é ligada à cooperativa, mas não faz parte, separa o material e recebe 30% do que separa.”(Carla)

Demonstra o caráter de agregação da família. A irmã separada com três filhos também é amparada na casa onde a cooperada mora, com companheiro e seus três filhos, que por sua vez pertence a seu pai e mãe. A mesma agregação e aceitação ocorre no campo do trabalho. Apesar de não ser cooperada, a irmã é aceita no trabalho da cooperativa.

“Há dois anos e meio trabalho na cooperativa. Aqui em São Paulo estou há cinco anos, completo agora no mês de janeiro, no Natal agora completa cinco anos que estou aqui em São Paulo.”(Antonio)

Destaca o papel da migração e a moradia como papel fundamentalmente atrelado ao trabalho, sempre descrito de modo paralelo, um como ponto de apoio e fixação em relação ao outro.

“Moro em casa, meu pai, minha mãe, minha irmã, tem dois filhos, um de 5, um de 8, e tem mais duas irmãs, e uma que casou estes dias, e outra de 15, e a de 16 casou estes dias.”(José)

Destaca a casa como uma instituição em rotatividade, dependendo da condição de cada um, e o amparo às crianças e às condições de vida das irmãs, todos na mesma moradia. Reflete também a perspectiva dinâmica da família, colocando em perspectiva seu próprio papel no contexto familiar.

Quanto a com quem mora e as condições da moradia:

Como já dito, a moradia parece prioritária com relação a outros aspectos da vida, como o trabalho e a vida social ou a vida religiosa. O morar perto é fator relevante no vínculo com a cooperativa. Isso parece ser recíproco, pois à cooperativa interessa a pessoa que mora perto e ao cooperado interessa o emprego perto de casa. Contudo, o morar longe não é excludente; há membros da cooperativa que não moram perto e, inclusive um, que fez uma casa longe, por facilidades com a família.

“Moro eu com minha mulher e um filho, ela é de 43, tem 58 anos, é da Bahia, da mesma cidade minha, de Formosa do Rio Preto, meu filho tem 30 anos, é o único filho, tem é esse rapaz que está eu e duas mulher, cada uma com sua família, tem uma (...)”¹⁷ tudo mais nova, as duas casadas, tem genro é um só, ela na casa dela e eu na minha (mesmo terreno). A outra mora bem aqui na Santa Cecília.”(Antonio)

Ao mesmo tempo que a família se agrega em um mesmo lugar, o cooperado faz questão de enfatizar a discriminação de sua casa, onde moram esposa e filho, da casa das filhas, uma no mesmo terreno, outra em outro bairro, destacando como isso a independência de cada família.

Quanto aos estudos e a possibilidade de continuidade ou não:

Os estudos são sempre um desejo. Algo que se foi alijado por força da vida, pela necessidade de entrada e permanência no mercado de trabalho. Este desejo, comumente, é acompanhado de idéias fantasiosas muitas vezes fora das possibilidades reais, por exemplo, estudar uma profissão que não é acessível. Outras vezes, fica a expectativa que a possibilidade de estudar se dê de uma forma mágica, por exemplo, a partir de alguma mudança na vida pouco provável.

“Estudei até a sétima série, comecei a oitava e parei, a gente sente falta do estudo, não continuei porque tive dificuldade, casei, vem filho, condição financeira é pouca, então para, inclusive minha mulher fez o magistério, mas foi um sufoco danado.”(Rogério)

O cooperado retrata a dificuldade em prosseguir os estudos e o círculo vicioso que mantém este afastamento.

“Quando eu fiquei grávida eu continuei estudando , quando eu tive, eu estudava lá no CEONC, era longe, gastava muita ficha, aí ficou apertado, não deu para ir mais, só lá tinha vaga, eu estudava no Laranjeiras, no primeiro colegial, tinha só lá. Agora tem primeiro colegial aqui, nesta escola. Já tinha minha menina, ficava com minha mãe para eu estudar, eu tive ela com 16 anos.”(Carla)

A cooperada descreve o quanto sua gravidez interferiu no processo de estudo, assim como a distância da escola. Aparece também o esforço pessoal, bem com o apoio recebido da parte da mãe.

¹⁷ Trecho que não pode ser compreendido da gravação.

“Estudei até o segundo grau, completo, lá em Minas, sou formado em Técnico Agrícola também, me formei em Barbacena.” (Gilmar)

Este cooperado já descreve uma escolaridade mais regular e a conclusão do curso médio mais o curso técnico agrícola.

“Eu estava querendo voltar a estudar de novo, mas agora o horário do curso é um pouco puxado, a gente pega 7 horas, às vezes para 7 e meia da noite, porque não tem horário prá parar também. Queria terminar o primeiro grau, pelo menos.” (Tiago)

O cooperado demonstra o quanto é difícil estruturar a volta aos estudos, pela quantidade de horas de trabalho e pelo próprio horário, destacando sua expectativa de terminar o primeiro grau.

“Vou voltar a estudar, vou voltar a fazer supletivo e vou voltar a estudar, terminar o colegial, porque faculdade prá nós não dá, o dinheiro não dá, o dinheiro não deixa, aí se der, com certeza, cinco anos dá prá terminar, porque fazer supletivo, 5. e 6., um ano, 7. e 8., um ano, cinco anos termino. Do colegial pode ser normal, acho que não tem problema, três anos.” (José)

O cooperado descreve com grande determinação suas metas para os estudos, calculando o tempo necessário. Porém tudo está condicionado ao dinheiro possibilitar a concretização destes planos.

“Eu queria aprender serviço de, esqueci o nome, trabalha sempre no poste, eletricitista, aquele serviço eu sempre olhei, falei –um dia eu quero trabalhar nisso-, não tem estudo, não sei se é estudo aquilo ali, deve ser estudo. Vai levando né, deixar o barco correr, com certeza.” (José)

O cooperado descreve uma vontade de profissionalização, em uma especialidade que acha que gosta e que, fantasiosamente, acredita que não precisa de estudo, considerando por isso demais fácil realização.

Quanto aos estudos anteriores:

“Eu fiz o colegial, eu terminei o colegial, mas sabe como é, hoje no Brasil quem tem colegial é analfabeto, porque tem muito curso: computador, um monte de curso, bem dizer, não adianta, tem um monte de gente que tem colegial e está catando papel também.”(Alceu)

O cooperado descreve sua escolaridade, relativizando suas conquistas, considerando-as insuficientes perante as necessidades do mercado. Ao mesmo tempo fala de forma um tanto pejorativa da função de catador.

“Estudei pouco, até a 5. série só, em São Paulo, nos bairros Belém, Hermelindo Matarazzo, morei no Itaim Paulista. Em Sorocaba, vim através de minha sogra.”(Tiago)

O cooperado descreve sua escolaridade, associando a mudanças de bairro e posterior mudança de cidade, talvez colaborando com a interrupção dos estudos.

“Estudei até a 5., sempre morei no mesmo lugar, no Laranjeiras.”(José)

O cooperado faz uma descrição simples de sua escolaridade, associada ao local de moradia.

Quanto à expectativa de estudo e trabalho:

“Eu gostaria de estar estudando, eu gostaria de ser, se eu tivesse como, né, eu queria fazer engenharia, mas como não tinha, não podia, né, minha família é pobre, infelizmente não consegui.”(Gilmar)

O cooperado descreve sua expectativa de fazer um curso universitário, associando sua impossibilidade a dificuldades sócio econômicas, ou o estar fazendo parte de uma classe sócio econômica que não tem acesso ao ensino universitário.

Castel (1998) descreve a exigência cada vez de uma maior qualificação para a entrada no mercado de trabalho: “Mas a empresa falha igualmente em sua função integradora em relação aos jovens. Elevando o nível de qualificações exigidas para a admissão, ela desmonetiza uma força de trabalho antes mesmo que tenha começado a servir. Assim, jovens que há vinte anos teriam sido integrados sem problemas à produção acham-se condenados a vagar de estágio em estágio ou de um pequeno serviço a outro. (...) Os jovens realmente não qualificados correm o risco de não ter nenhuma alternativa para o desemprego, visto que os postos que poderiam ocupar estão tomados por outros mais qualificados que eles.”

A questão da escolaridade parece para os mais jovens estar associada à questão da qualificação, o que traria mais chances no mercado de trabalho. Para os de mais idade, a alfabetização, por exemplo, caracteriza-se como uma forma de inserção na modernidade da empresa e de não marginalização com relação às comunicações. Tanto para um, como para outro, o estudo representa a inserção e a permanência no mundo do trabalho e a possibilidade de qualificação, o que dá mais garantias ao trabalhador, precavendo-se contra a “não empregabilidade”, como afirma Castel (1998).

Mas este raciocínio não é seguro, pois “corre-se o risco de desembocar, mais do que numa redução do desemprego, numa elevação do nível de qualificação dos desempregados”. - Castel (1998).

Para os cooperados, o estudo e a qualificação, talvez sejam um pré requisito importante para a inserção e a manutenção do emprego, porém, não são a garantia disso, como alguns depoimentos refletem a expectativa.

Segundo Segnini (2001), “os conhecimentos adquiridos pelo trabalhador através de diferentes processos e instituições sociais – família, escola, empresa, etc. – somados às suas habilidades, também adquiridas socialmente e acrescidas de suas características pessoais, de sua subjetividade, de sua visão de mundo, constituem um conjunto de saberes e habilidades que significa, para ele, trabalhador, valor de uso, que só se transforma em valor de troca em um determinado momento histórico se reconhecido pelo capital como sendo relevante para o processo produtivo. O reconhecimento do grau de qualificação do trabalhador pelas empresas se dá através de sua particular inclusão em diferentes níveis hierárquicos e salariais, em diferentes formas de relações empregatícias como trabalho assalariado (com e sem registro), trabalho terceirizado, contratos temporários, trabalho sem remuneração. A qualificação assim compreendida expressa relações de poder no interior dos processos produtivos e na sociedade; implica também o reconhecimento que a escolaridade e formação profissional são condições necessárias, mas insuficientes, para o desenvolvimento social.”

Quanto à qualificação profissional e educação básica:

“Estou aprendendo o próprio nome, por conta própria, a menina sabe um bocado, estou lá no caderno e eu estou praticando lá, botar meu nome.”(Antonio)

A luta por superar o analfabetismo, uma luta individual para superar a própria limitação de não saber ler e escrever. Apesar de não haver nenhum trabalho objetivo, a cooperativa é uma fonte de apoio na educação básica.

Por outro lado, a busca da profissionalização da função de catador é associada ao processo cooperativado e às exigências de participação em um mercado competitivo, cooperativado, mas inserido no mercado do sub emprego.

O catador de materiais recicláveis demonstra uma idéia de profissionalização, sabe que pode ter ou fazer parte de uma carreira, porem sabe que sua permanência neste mercado está a um passo de outros trabalhos do mercado informal, como ambulante ou servente de pedreiro.

Quanto a o que faz nos horários de folga:

Os horários de folga, quase sempre são aplicados no ficar em casa, cuidar do quintal ou descansar/dormir. Por outro lado os passeios, exceto o ir ao bar ou o futebol, são lembranças passadas, remotas, como o expresso no ir ao zoológico ou ir à praia. Esses passeios, geralmente foram feitos há muitos anos, mas guardam o significado de representar o lazer com grande prazer. No caso das mulheres, o cuidar da casa

representa o cuidar dos filhos ou filhas e os cuidados com limpeza e manutenção, a segunda jornada.

“Quando não estou na cooperativa eu fico em casa, eu vou mexer lá prá limpar meu quintalzinho lá, a gente planta lá uns pé de mandioca, uns pé de milho, o mato cresce, a gente vai limpando né, quando a gente abusa de estar lá eu venho aqui na minha filha, aqui no Santa Cecília, ou senão eu vou em um conhecido a que eu tenho lá na Árvore Grande, ele é do norte, eu não sabia nada, depois que eu vim para cá é que eu tomei conhecimento, pensava que ele não morava nem aqui em São Paulo.” (Antonio)

O lazer está relacionado ao cuidar da própria casa, do quintal, plantação e contato com filhas e um amigo contemporâneo. Há uma busca em raízes, já que todos são do mesmo lugar, esposa, filhas e amigo.

“Quando tenho um tempo de folga fico em casa, antes a gente jogava bola, mas de um tempo prá cá , não jogo mais bola, vai em um barzinho final de semana, bebe umas pingas, só. Quando tem tempo tem uns parentes em São Paulo, a gente vai visitar.” (Rogério)

O cooperado destaca o contraste entre o antes e o depois no jogar bola, quem sabe por falta de orientação do lazer em grupo. A opção barzinho é mais individualizada e tendendo ao isolamento. Já o ir visitar parentes em São Paulo, reflete a busca de raízes e pontos comuns em termos culturais.

“Quando não estou trabalhando na coleta, a maior parte do tempo eu fico em casa, cuidando das meninas, são três crianças, dá trabalho, a casa prá cuidar, lavar

roupa, tem coisa prá fazer, não tem tempo prá ficar saindo, eu gostava muito de sair, mas ultimamente não estou saindo não.” (Carla)

Destaca o quanto o papel materno absorve, o trabalho doméstico ocupa quase todo o tempo, reduzindo o lazer a ficar em casa.

“Gosto de ler, quando não estou trabalhando, gosto de ler Ciência Exotérica. ou assunto de política, gostava de jogar bola, mas a gente vai ficando mais velho, vai deixando de lado, quando eu era mais novo gostava muito de jogar bola.” (Alceu)

Novamente aparece o antes e o depois como contraste no jogar bola, talvez por falta de orientação. O gosto pela leitura como algo original e particular, em contraste com o grupo, sendo bastante individual, inclusive pelo tipo de leitura.

“Quando não estou trabalhando eu fico em casa ou gosto de jogar futebol, fico em casa, vou jogar futebol, quando tem dinheiro levo ao shopping, ou mesmo no zoológico.” (Gilmar)

O cooperado, jovem, 23 anos, enfatiza o futebol como forma de lazer. Também demonstra uma versatilidade maior no lazer (shopping e zoológico). O ficar em casa também tem ênfase, a exemplo dos outros depoimentos.

“Nos momentos de folga, faço alguma coisa em casa, limpar o quintal, é a minha casa, tem uma edícula no fundo e um terreno de 250 metros quadrados, então cria muito mato, não é concretado.” (Tiago)

Novamente aparece o cuidado com a própria casa e o terreno, também dando ênfase ao ser sua casa, o cuidado com o seu particular.

“Meu tempo é igreja prá casa, da casa pro serviço, de em quando eu vou ao shopping dar umas voltinhas, tomar um sorvete minhas voltinhas é esta, de vez em quando eu vou no parque de diversões, não gosto muito de parque de diversões, não, de vez em quando vou, como fala, onde vê os macaquinhos, o zoológico, eu gosto, eu gosto de se divertir um pouco, quando sobra, eu fui lá quando eu tinha 7 anos, não sobra tempo, de vez em quando se tiver um teatro pra ir, eu vou também, onde sempre eu vou é na igreja, Dia de Louvor, prá canção nova, que eu fui estes dias agora, é um canal de televisão, não sei se você ouviu falar do Padre Jonas, Jonas Habib, tem Dunga, é lugar de pregadores, vai 50.000 pessoas mais ou menos, lota lá, dia de nossa senhora, virgem, lota lá, sexta, sábado e domingo.” (José)

O lazer, ou o tempo fora do trabalho, é visto como associado fundamentalmente à igreja. Os outros passeios, são lembrados sem uma associação com o tempo, o zoológico, por exemplo, foi há muitos anos, mas é mantido vivo como uma opção de lazer. Talvez o mesmo ocorra com o shopping e o sorvete, com os quais não há uma associação com o tempo presente, necessariamente.

“Durmo demais, ontem mesmo fui dormir às 8 horas, acordei meia noite, dormi de novo, acordei 5 horas hoje, não dormi mais, hoje durante o dia estou com sono, não sei. Alimentação, alimento bem prá caramba.” (Tiago)

Este cooperado não destaca lazer propriamente dito, associando lazer ao dormir, com um certo tom de crítica.

“O lazer é com colegas. Moram próximas. A gente toma umas cervejinhas, ouvimos música e conversamos.” (Cleonice)

A cooperada destaca a possibilidade associativa presente na atividade de lazer. Além disso, neste caso, a solidariedade parece bastante presente, em função do contexto familiar (viuva há 3 meses).

Tedesco (2001) afirma que “os projetos alternativos são comunitários por serem feitos sempre em conjunto, de maneira partilhada, desde o planejamento até a execução, divisão de sobras... Envolvem a participação de uma coletividade com base no respeito mútuo, na fraternidade, solidariedade e democracia. Isso exige uma identidade de grupo. No cerne da experiência, está a idéia de igualdade, de participação, de um alargamento progressivo de fronteiras e da integração.

Quanto às aspirações pessoais:

“Falar verdade mesmo eu tinha vontade de montar um ferro velho para mim, mas eu não tenho condições, gostaria de comprar balança, prensa, caminhão e montar para mim, um ferro velho, tem de ter um espaço grande, prá por uma caçamba grande, vai dinheiro, não vai muito, mas vai e, no momento, não tenho condição.” (Alceu)

O cooperado fala de sua aspiração, demonstrando uma visão mais ampla de seu negócio que está associada a uma idéia de futuro mais ousada individualmente e, provavelmente dissociada da cooperativa. Isso demonstra o quanto o projeto, pelo menos em teoria, comporta a criação de projetos individuais. A este cooperado está sendo possível ao menos pensar sobre sua idéia de negócio próprio.

Ao contrário, este projeto individual, também reflete a limitação da cooperativa para satisfação de aspirações individuais mais ousadas. Podemos pensar em um meio termo: a cooperativa não tendo condições de, no momento, servir de canal para estas aspirações mais amplas.

Quanto ao envolvimento com drogas:

“Eu uma parte que eu passei da minha vida, socado dentro das drogas, eu fiquei três anos dentro das drogas, dormia na rua por causa das drogas, dormia em praça, tem vez que por causa de um real era perigos morrer, tinha que pedir para uma pessoa que passava na rua, tinha vez que eu gastava R\$ 300,00 em uma noite com droga, por causa de R\$ 5,00 se não pagasse, estava morto, eu usei as três drogas que tem: crack, cocaína e maconha. E as drogas, as pessoas falam, você entrou, é difícil você sair, você está com um pé na lama, outro fora, o caminho para mim, com a ajuda de Deus, porque, graças a Deus, apareceu uma pessoa para mim que ajudou eu a sair daquela, tinha feito uma “cagada”, tinha batido em um rapaz por causa de droga, meu cunhado chegou para mim e disse: “quer ir para igreja?” , “quero” , porque esta vida quero deixar de lado, jogar as coisas prá cima e seguir a Deus agora, meu motivo agora é Deus, o caminho da gente, é a luz, se não fosse Deus nós não estava nem conversando aqui, entrei com 16 anos, saí do meu serviço, meus colegas foram embora, meu cunhado, é cunhado, antigamente não era cunhado, foi embora, eu brincava com eles, fazia lição junto com eles, quando não sabia fazer uma lição perguntava: “dá para ajudar eu?” , “dá”, eu tenho mais estudos que vocês dá para eu ensinar, eu fazia lição, o tempo que ele saiu dali, foi para Jaú, eu entrei no mundo das drogas, não tinha

peessoa para mim andar, eu caminhei do lado errado. Ai ele falou prá mim: “quer ir para a igreja, vamos”, eu quero ir para a igreja porque o caminho melhor que tem é a igreja, todo mundo sabe disso, uma vez um cara falou prá mim: “não é assim, assim e assado”, ele falou para mim: “quer ir na igreja tudo bem, mas todo dia na igreja?”, eu estava trabalhando com ele ainda, eu falei: “faça sua parte que eu faço a minha; eu estou trabalhando para você mas eu não sou seu escravo não, eu estou trabalhando aqui prá ganhar dinheiro prá ajudar minha mãe em casa”, falou: “está bom”, fiquei uns 3 anos, a minha mãe chegou uma vez que eu estava tão bêbado que cheguei até a bater em minha mãe, uma vez também quase ataquei um tijolo em um moleque, de tão bêbado que eu estava, drogado, cheirava cola, cheirava thinner, aí uma vez a policia catou eu, levou eu e mais outro com maconha, prendeu nós lá, se não pagasse fiança nos ia ficar preso, o rapazinho falou prá nós: “não tem futuro não, nós só está nesta vida aqui, nós trabalha, o dinheiro nosso é só prá isso”. Falei: “o jeito nosso é sair disso”, ele foi uns dois meses com nós prá igreja, depois distanciou de novo. Estava na luz, caminhando com Jesus, assim, desviou, aí nós tentamos colocar ele na linha de novo, mas ele não quer voltar, é só droga, bebida, cigarro e viver na gandaia, é isso que eu tenho prá contar prá você. Meu dinheiro sempre foi assim, catava palelão e ia gastar com droga, que vê, não vou mentir porque Deus está vendo, um dia eu cheguei a entrar na casa de um rapaz prá pegar um videogame para usar drogas, uma vez entrei em uma igreja de crente prá pegar um botijão de gás prá usar droga, eu sustentava o vicio deste jeito. Depois destas duas vezes que os caras me pegaram e me bateu ainda, perto de casa, tinha um (...) ¹⁸ perto de casa, os caras me bateu aí, isso não dá certo não, daí saí fora, desde fevereiro deste ano agora que eu parei.”(Alceu)

O cooperado descreve sua experiência singular com as drogas e a sua tentativa de reabilitação social, na qual o trabalho da cooperativa está inserido.

¹⁸ Trecho que não pode ser compreendido da gravação.

Trabalho Assalariado e Trabalho Cooperativado:

Quanto à adesão ao projeto:

“Eu acredito no projeto, dou certo, gosto dos companheiros, há muito companheirismo uns aos outros, tem de ter fé e tocar o barco, se não tiver fé, não consegue nada.”(Gilmar)

O cooperado descreve sua convicção no projeto, colocando fé e retratando seu compromisso com o grupo e a cooperativa.

Quanto à relação entre as condições de vida e o trabalho cooperativado:

“Qualquer um tem um projeto de vida, eu ganhando prá sobreviver, dar o que meus filhos necessitam, está bom, não sou muito ambicioso, assim, de sonhar alto, eu sonho, todo mundo sonha, mas uma vida padrão está bom, não precisa ser (...).”(Gilmar)

O cooperado descreve o modo como as condições de vida podem ser compatíveis com um projeto de vida, que pressuponha um modo de vida padrão, como afirma. A cooperativa aparece como uma estrutura de trabalho que pode dar esta vida padrão, que signifique uma vida com dignidade e de acordo com sua expectativa.

Quanto ao papel do trabalho da cooperativa na vida de cada um:

“O trabalho na cooperativa prá mim está ótimo. Compro as coisinhas, boto dentro de casa e, já comprei fiado, a telha de minha casa foi comprada com dinheiro da cooperativa.”(Antonio)

O trabalho na cooperativa possibilita participar da sociedade de consumo, fazendo compras, participando aquisições a prazo e compras grandes, antes não possíveis de serem imaginadas.

“Eu separo trem de modo, papel, jornal, vidro, estas coisas. Separa cada qual no seu canto e lixo a gente coloca lá prá fora e o lixeiro carrega, (...) o serviço lá é este, limpar lá, cheguei lá, peguei a mangueira, limpei tudo, lá não empaco não, quem faz graça lá naquela cooperativa só eu. Chego lá todo mundo está muxo. Vou todo dia, sábado também, domingo nunca fui não, estou querendo ir no domingo, e quando eu não estou lá todo mundo fica triste, eu cheguei lá, eu gosto de animar tudo, quer dizer, seu Zé fala: tem um bocado lá na cozinha, eu vou lá todos vão levantando, vai trabalhar.”(Antonio)

O cooperado destaca o seu papel na cooperativa e como este papel integra-se na sua vida. Além do seu trabalho, o cooperado destaca sua influência no grupo de trabalho e seu papel na organização do trabalho. Este cooperado é de mais idade que os outros e, talvez por este aspecto, tem uma forma de inserção e liderança diferente e bastante particular: ao mesmo tempo que busca uma inserção no grupo maior, um vínculo mais forte, faz questão de manter-se útil e de encontrar um papel que tenha reconhecimento. O número de horas em excesso, o ir quase todos os dias da semana, incluindo o

Domingo -Vou todo dia, sábado também, domingo nunca fui não, estou querendo ir no domingo(...).- reflete o grau de absorção do trabalho na cooperativa, sendo sujeito à crítica pelo excesso.

Quanto à aceitação do trabalho em cooperativa por si próprio e pela família:

A aceitação do trabalho pela família parece ser algo muito importante. Além de dar um encaminhamento para eventuais conflitos familiares, funciona como legitimação do trabalho na cooperativa. Na medida que o trabalho é aceito pela família, o trabalhador deixa de ser categorizado como desempregado e tem um trabalho. O trabalho na cooperativa, por semelhança, é comparado a trabalhos assalariados, já que possibilita um rendimento e uma ocupação, além de ser localizado geograficamente.

“Acham o trabalho na cooperativa bom, um trabalho digno, bonito, resta nós ganharmos mais, no princípio estranharam, demais, não parente que trabalhava, porque tem uns que não entendem, mas depois se conscientizaram, acho bom.”(Rogério)

A descrição do cooperado destaca o processo de aceitação do trabalho em cooperativa e como catador por parte da família e por si próprio. A afirmação - resta ganharmos mais -, pode trazer em si uma crítica à própria aceitação do trabalho.

“Eu vejo como um trabalho normal, só falta um pouco de conscientização das pessoas, eles colaborar mais, mas vejo como um trabalho normal, hoje em dia é normal. O que a gente vê de gente trabalhando com isso, às vezes está em uma firma, no outro dia está desempregado, hoje em dia é normal, antigamente tinha preconceito.

Meu marido trabalha junto comigo, ele não reclama. As crianças gostam, veem papel na rua querem catar, papel, garrafa, latinha, elas querem levar - olha mãe, papelão -.”(Carla)

A cooperada descreve a aceitação do trabalho por si mesma, utilizando a comparação com outros trabalhadores, denominando - hoje em dia é normal - O companheiro atual e as filhas inserem-se no trabalho, demonstrando uma aceitação dupla, pela aceitação propriamente dita e pelo envolvimento e participação.

“A família às vezes queria coisa melhor, mas meu pai, minha mãe aceitam, gostam. Minha mãe, eu falo de sair da cooperativa, ela não quer, não concorda, às vezes eu penso em procurar outro serviço registrado, mas não tenho como vontade de sair, eu quero que aumente, que cresça, quanto mais crescer a gente vai crescendo junto com eles, é isso que eu quero.”(Carla)

O depoimento da cooperada reflete o grau de aceitação da cooperativa por parte da família e como isso influi na concorrência com um emprego com registro. Entre as duas alternativas, prevalece a aspiração de que haja crescimento da cooperativa, com a cooperada incluída. Percebe-se uma identidade com o restante do grupo de cooperados, dirigida a um objetivo comum e com uma representação comum.

Este depoimento reflete também a livre iniciativa da cooperada de escolher um caminho, de entre algumas alternativas, escolher um tipo de trabalho, que neste momento é a função de catador de materiais recicláveis na cooperativa. Poderia ser outro e esta iniciativa encontra resistências na família e até em si mesma. Ganha consistência a opção quando vai se mostrando mais forte, dando segurança e dando condições de que a cooperada veja-se como parte de um processo de produção e geração de renda que demonstra uma coerência nos pontos em que está estruturado.

Segundo Bassani (1999), estudando Assalariados Rurais Temporários - ART, na região de Londrina-PR, citando Guattari (1993): "A identidade cultural coletiva, a meu ver, um nível de subjetivado, o nível de territorialização subjetiva. Ela é um meio de auto identificação num determinado grupo que conjuga os seus modos de subjetivação nas relações de segmentaridade social".

Prossegue Bassani (1999): "A identidade constitui todo um feixe de relações que irão ser codificados na dinâmica da vida social cotidiana. é aquilo que transforma em unidade uma diversidade de experiências diluídas. As formas de sentir, falar e agir, podem até se modificar com o passar do tempo, no entanto, a identidade persiste enquanto possibilidade. Mesmo em uma gama de variações, ela é o que pode ser conservado como idêntico, sendo a singularidade das múltiplas e fragmentadas maneiras de existir.

Expressando, cruzando, confrontando e entrelaçando sonhos, emoções, mágoas, desejos, todos tecem a identidade. Reconstroem a confiança, a esperança desacreditada pelo conjunto de experiências opressivas e dominadoras. Na vida cotidiana, aperfeiçoam sua capacidade de modelar projetos sociais que inflam os desejos e as vontades individuais.

Há momentos, no entanto, que os desejos e vontades individuais trilham caminhos que reforçam um projeto de dominação. Mas há momentos em que estes outros elementos contribuem para tecer uma malha de novas relações emancipadoras.

Estes são alguns desafios, entre muitos, que buscam construir, superando as ambiguidades da vida cotidiana, moldando-se em alternativas de vida social, senão para a sociedade em geral, ao menos para os trabalhadores, que dificilmente serão incorporados ao modelo de sociedade vigente."

“A família aceita este trabalho, eu aceito também, já tive outras oportunidades e não aceitei, eu já fui procurado pela própria metalúrgica que eu trabalhava, me chamou de volta e eu não voltei”.(Gilmar)

O cooperado descreve a aceitação pela família e a comparação que faz entre o trabalho cooperativado e uma alternativa no mercado de trabalho. Destaca a liberdade de opção que tem perante o mercado de trabalho, incluída a aceitação pelo meio social, em especial a família.

Por outro ponto de vista, este trabalho insere-se na flexibilidade da economia e das formas de relação de trabalho. A livre iniciativa do cooperado está inserida em um contexto maior de flexibilidade da estrutura de trabalho.

Castel (1998), fala de formas particulares de emprego, caracterizadas pela flexibilidade. Afirma: “A flexibilidade é uma maneira de nomear essa necessidade de ajustamento do trabalhador moderno à sua tarefa. (...) A flexibilidade não se reduz à necessidade de se ajustar mecanicamente a uma tarefa pontual. Mas exige que o operador esteja imediatamente disponível para adaptar-se às flutuações de demanda.”

A cooperativa de reciclagem parece ser uma empresa satélite com trabalho altamente flexível, daí a sua aceitação pelo sistema capitalista. Isso exige de seus trabalhadores e de suas famílias uma grande flexibilidade pessoal.

Quanto ao trabalho das(os) esposas(os):

Guedes (1977), descreve o papel da mulher e a concepção de casal como uma relação de complementariedade de homens e mulheres. Afirma: “Tais relações estruturam-se, como sabemos, a partir da totalização da primeira e mais elementar que é o casal, numa concepção que proclama sob prismas diversos, com amplo registro

etnográfico, a construção complementar de homens e mulheres, absolutamente diferenciados e mutuamente referidos, um pressupondo o outro para a realização completa (ver Sarti, 1989, para o ponto de vista feminino). Por isso, quando buscamos os homens, encontramos suas mulheres, quando são buscadas as mulheres, acham-se seus homens.”

As esposas muitas vezes não trabalham fora de casa; normalmente são ex-trabalhadoras assalariadas e às vezes fazem parte da cooperativa, de modo direto ou indireto. É evidente que a participação do parceiro em uma relação de complementariedade que pode ir da aceitação deste tipo de trabalho, ao fazer parte da cooperativa de modo direto ou indireto. A participação do esposo ou esposa, assim como a participação dos filhos e outros familiares, parece fundamental na estruturação e desenvolvimento do projeto.

“Inclusive minha mulher fez magistério, mas foi um sufoco danado. Ela trabalha lá com nós, na cooperativa, inclusive hoje mesmo ela foi fazer o concurso da prefeitura, ou melhor, se inscrever para o concurso (de professor).” (Rogério)

O cooperado descreve o grande esforço familiar que foi o curso de magistério da esposa e a luta e a forma de inserção no mercado de trabalho. No caso da esposa, o envolvimento na cooperativa parece secundário, caracterizando-se mais como um apoio ao cooperado e o trabalho como professora parece mais atrativo. Parece importante a cooperativa dar uma abertura para isso, pelo menos no caso desta colaboradora, dando liberdade de ir em busca de um trabalho fora.

“Moro com minha esposa, está parada no momento, não temos filhos, sou casado há 10 anos, trabalha como costureira, faz 5 meses que ela saiu da fábrica de costura, aqui perto, fábrica faliu, onde é o supermercado Pelicão, ali.”(Tiago)

A descrição relata a inserção da esposa no mercado de trabalho e a precarização do trabalho, caracterizada pelo não trabalho no momento e o processo de exclusão do emprego e do mercado formal.

“A esposa era encarregada de produção, metalúrgica, Metalac, atualmente não está trabalhando, foi mandada embora grávida, está na justiça, vamos ver, está desempregada agora.”(Gilmar)

Também nesta descrição aparece o aspecto da precarização do trabalho, pela dispensa na condição de gestante e situação de desemprego.

Nos três casos, o nível de precarização do trabalho dos casais é semelhante, demonstrando que a inserção em um determinado nível econômico parece ser pela família e não pela pessoa individualmente. Demonstra o papel auxiliar do cônjuge, muitas vezes fazendo parte de um conjunto onde o trabalho e a história de vida do cooperado é precário e a da esposa ou esposo igualmente ou mais precária, já que não encontra lugar no mercado de trabalho formal ou informal.

Existem casos de cooperados que o companheiro ou companheira auxiliam na coleta de rua, aumentando o volume de produção, tendo portanto um papel complementar inclusive na cooperativa.

O trabalho das esposas e esposos coloca a questão de gênero, da busca de um maior equilíbrio entre o papel masculino e feminino, bem como o papel da mulher na cooperativa.

O tipo de descrição do papel das esposas e esposos reflete um certo distanciamento destas questões, permanecendo embutidas ou não explicitadas. Há uma preocupação com o papel das mulheres na cooperativa e com a forma de participação dos cônjuges, mas o desenvolvimento de padrões de comportamento e organização do trabalho compatíveis com um maior equilíbrio desses papéis parece mais distante.

Religião e Organização Social no Mundo do Trabalho Cooperativado:

Quanto à religiosidade e o envolvimento com igrejas:

“Quando eu estava morando aqui, toda vida eu frequentei aqui e depois que eu passei prá lá tem uma igreja lá dentro de casa, todo sábado à noite eu vou assistir a missa. Sou católico. Eu sou católico. Encontrei um bocado de crente por aí para me chamar, eu vive na cabeça, o que moço eu nem de crente não entendo. Nem crente eu gosto, pode caí fora de eu.” (Antonio)

Destaca o vínculo com a igreja mais próxima da moradia e do trabalho, sua assiduidade e a definição pelo catolicismo, acompanhado da assertividade em recusar outras alternativas.

“Frequento a igreja católica, perto de casa, faz parte da mesma paróquia, frequentava a Paineiras, Dom Gaspar, mas agora tem lá, de madeira mas tem, quando fizeram não participei, porque estava na rua e não tinha tempo, mas ajudava nas festa lá, festa de junho.” (Rogério)

O cooperado destaca a importância da igreja estar próxima, na comunidade, valorizando inclusive o seu vínculo pessoal, colaborando com as festas de junho. Apesar de não ter tido um envolvimento direto, destaca em sua descrição o quanto a participação comunitária é importante na obra da igreja, dentro das possibilidades desta comunidade - de madeira mas tem -.

“Às vezes eu venho na igreja Cristo Rei, a católica mesmo, fui batizada aqui mesmo, no Cristo Rei”.(Carla)

A cooperada faz uma descrição mais simples, menos detalhada, sobre a frequência na igreja. A igreja católica é descrita como uma opção mais conservadora - a católica mesmo -. Também sugere a grande quantidade de opções de igrejas para esta população. A frequência na igreja católica é uma opção conservadora em comparação com as outras opções que se colocam.

“Igreja frequento a Cristo Rei, mais à noite, de dia é que eu saio.”(Gilmar)

Mostra a adequação entre igreja e outras atividades. A definição sobre igreja é simples, sem muito destaque. A igreja representa um momento de recolhimento, é o não sair, um momento mais particular.

“Igreja, falar que frequentei, não frequentei, não frequento direto. Esposa também não frequenta direto.”(Tiago)

O cooperado destaca o não frequentar igreja. Demonstra um bom nível de sinceridade e objetividade, já que a cooperativa recebe grande apoio da paróquia Cristo Rei, da igreja católica. Este apoio não está diretamente atrelado à participação. O não frequentar não exclui do vínculo do trabalho.

Foto 7: Encontro com outras cooperativas de reciclagem organizando redes de cooperativas. (Sabbag, 2001)

Foto 8: Refeição durante o encontro com outras cooperativas. (Sabbag, 2001)

“O senhor sempre está ajudando eu, ele que me dá forças para andar, caminhando na linha, assim, é igual a uma linha desta aqui, se você não está nela, você está fora, o caminho que o diabo oferece, você sabe né é muito grande.” (José)

Neste caso, a religiosidade tem um papel muito importante como mantenedor da vida e de uma certa postura, considerando-se a vivência anterior nas drogas do cooperado. A postura definida perante o trabalho e é apoiada pela religião, como um ponto de segurança, perante as adversidades.

Quanto às relações com a comunidade e a colaboração da população:

Em muitos casos, o trabalho de reciclagem em sistema cooperativado é associado à integração com a comunidade, seja em sua gestação, seja na manutenção com o auxílio da colaboração da população.

“Antes de coletar, eu cuidava da casa. Comecei a coletar pelo mutirão, foram os amigos do bairro. Significa um dinheiro extra. Eu era dona de casa, era casada, o marido ajudava. Eu estou catando até hoje material reciclável. Sou viúva há três meses, meu marido morreu por afogamento, era motorista de micro-ônibus. Tivemos três filhas: 9,8 e 7 anos, hoje. Moro perto da casa da Sandra, outra cooperada que faz coleta. A casa onde moro, comprei de outros. Vou esperar o leilão da Caixa.” (Cleonice)

O depoimento demonstra o quanto o trabalho de reciclagem em cooperativa está integrado à comunidade, tanto na origem, no mutirão, quanto na continuidade, já que existe o apoio da colega Sandra e até mesmo no projeto da compra da casa. A adesão ao

cooperativismo e ao trabalho de reciclagem é seguida um contexto de alteração da estrutura familiar, servindo como apoio a estas transformações.

“A cooperativa é uma opção boa para quem quer um ganho a mais. Para mim, estou aguardando a pensão, no momento é a única fonte de renda.” (Cleonice)

Mais uma vez, reafirma-se a idéia da cooperativa como uma forma de apoio às necessidades da família, mesmo que seja de modo complementar. Isso reflete, por um lado, uma abertura deste tipo de trabalho permitindo o acúmulo com outra forma de remuneração e trabalho, por outro lado, demonstra sua insuficiência como absorvedor de mão de obra por um período maior de tempo, possibilitando a sobrevivência de modo mais completo.

“Às vezes a gente está na rua e vem alguém ajuda a gente. Uma vez estava na frente de um prédio, estava catando uns papelão e umas garrafas e parou um senhor de carro e perguntou - você quer alguma ajuda e tal? -, falei - como assim, ajudar -, falou - você está precisando de alguma coisa? -, falei - sempre uma ajuda é bom -, aí ele me deu uma cesta básica da Roca, então a gente leva esta vantagem, alguém ajuda a gente, tem a vantagem, é, tem essas vantagens, às vezes a gente ganha as coisas, televisão, uma vez eu ganhei uma televisão a cores, eles deram prá mim, um japonês de uma casa, às vezes ganha alguma coisa, às vezes a gente não usa mais, cama, às vezes uma cama.” (Alceu)

O cooperado descreve o como a função de catador tem inserida na atividade algumas vantagens, como receber auxílio da população com doações específicas. Demonstra o quanto a função tem aspectos menos e mais vantajosos.

A relação com a população é bastante particular, havendo colaboração de grande parte das pessoas, em contraste com indiferença por parte de outros. Não houve relatos de rechaços por parte da população. De um modo geral há uma boa relação, às vezes acompanhada de uma falta de entendimento do trabalho realizado. Como forma de enfrentamento a esta falta de conhecimento, alguns esforços foram realizados, como a distribuição de folhetos produzidos pelo CEADec (2001) em conjunto com a cooperativa e a própria ação educativa por parte dos catadores.

Quanto à colaboração de pessoas da igreja:

“As pessoas lá na igreja, agora, começaram a juntar palelão, garrafa, alumínio, tudo o que tiver lá eles vão ajuntar, na igreja católica, na do Guaíba, sempre estou no Guaíba ou aqui mesmo, eles já ajuntavam para outra pessoa que trabalhava com seu Zé lá, não estão lá, era um velho e uma velha, falou que o velho só ficava encostado na velha, era muito preguiçoso, não saia do serviço.” (José)

O cooperado comenta o apoio prometido pelas pessoas da igreja na separação de material reciclável para que o catador recolha. Fala da importância do trabalho do catador como elemento de ligação com a comunidade. Outro aspecto é a descrição do relacionamento homem mulher e a relação de complementariedade que existe no casal atuando na reciclagem. Não é aceito o homem ter um papel mais complementar e a mulher um papel mais central.

A luta do catador pela sobrevivência:

O comportamento do trabalhador cooperativado é caracterizado pela ordem, empenho e, sobretudo, dedicação a mais, em sintonia com as necessidades da cooperativa. A ausência da figura do patrão, que para quem observa de fora pode significar mais liberdade e menos trabalho, na prática não se mostra assim. O trabalhador, fica mais horas na cooperativa, envolve-se mais com o trabalho e produz mais, a despeito de não ter uma supervisão nos moldes tradicionais de uma empresa capitalista, com hierarquia constituída, geralmente rígida.

No geral, o cooperado tem uma expectativa positiva sobre o futuro da cooperativa. Tem o significado de não ser empregado, de representar sobrevivência e sustento para muitos colegas e famílias. Por tudo isso, a cooperativa deve manter-se e crescer, gerando mais rendimentos e agregando mais cooperados.

“A cooperativa tem sim futuro prá ir prá frente, a única coisa que está assim parada e que acho que ela devia ter mais apoio, principalmente de empresário, que está faltando muito apoio, mas ela tem a tendência de subir sim.” (Sandra)

Reflete a expectativa positiva com relação ao crescimento e manutenção da cooperativa e o desejo de um apoio maior por parte daqueles que no seu entender poderiam ajudar: os empresários.

Tedesco (2001), afirma: “a grande maioria dos estudos sobre economia solidária tende a ser unânime em afirmar que a longevidade das experiências solidárias se dá pela potencialização de seus vínculos externos através do apoio institucional externo (absorção de políticas públicas, assessorias técnicas, informações

mercadológicas...), da capacidade de diversificação produtiva, do senso de oportunismo, do planejamento estratégico que demanda uma visão menos imediatista, da consciência da previsibilidade, riscos e sacrifícios”.

Quanto ao futuro da cooperativa e o futuro próprio:

“Bom, eu acredito que essa cooperativa, se ela já está há 3 anos, ela vai continuar por 500 anos, basta que quem se envolva com ela tenha consciência não só em ganhar dinheiro deste trabalho, mas, em primeiro lugar, colocar o sentimento de amor à natureza, né, eu acho que depende muito prá ela continuar que todas as pessoas agregadas a ela, em primeiro lugar, independente do salário, mas de amor à natureza.”
(Marli)

A cooperada associa o trabalho da cooperativa e sua forte expectativa de que continue, a um trabalho mais amplo, de amor à natureza, de cunho ecológico. Destaca também a importância da consciência e do envolvimento com o trabalho de reciclagem em cooperativa.

Segundo Tedesco (2001), as práticas solidárias almejam “resgatar processos inevitáveis da racionalidade técnico-econômica e produtivista como fatores de mercado, gerenciamento, de inovação, etc. Todavia, buscam traduzi-los no seu horizonte da cooperação solidária, democrática e de valorização do trabalho”. Ainda segundo Tedesco (2001), pode-se pensar inclusive em empresa solidária (...) acreditamos que deve ser, sim, um horizonte em relação a um novo processo civilizatório, que tem o comunitário, o cooperativo como princípio. Para tanto, precisa estar em profunda

relação com os processos sociais da sociedade em geral, enfrentando, em seu cotidiano, os conflitos, as ambigüidades, as contradições que daí decorrem.”

Lopes (1988), destaca o orgulho dos trabalhadores, vinculado à sua identidade social. Referindo-se aos trabalhadores de Paulista, Pernambuco, afirma: “ (...) dois tipos de orgulho manifestados frequentemente: o orgulho proveniente da cidade das chaminés, da própria grandeza da companhia, que por extensão contagia a cidade e seus habitantes trabalhadores; mas também o orgulho decorrente da experiência de lutas travadas contra esta mesma companhia. Geralmente estes dois tipos de orgulho – vinculados à identidade social deste grupo operário – convivem sem contradição aparente (...)”.

No caso da cooperativa estudada, caracterizada como cooperativa popular, a singularização das relações possibilita a busca de um sujeito coletivo, diferente de qualquer outro conjunto de relações de trabalho e sociais anteriormente conhecidos pelos participantes. É um novo espaço de identidade social e cultural.

“Pensar no futuro, a gente pensa, mas é meio difícil explicar assim, a gente nunca sabe o que vai acontecer, eu quero é que melhore, mas emprego está difícil, se continuar assim está bom, o que não pode é ficar desempregada.”(Carla)

A cooperada equaciona seu futuro, em um clima de incerteza, na qual seu futuro pessoal é apoiado no princípio de evitar o desemprego. Nesta direção, a cooperativa é um ponto de apoio importante.

“Acho que a cooperativa tem futuro, acho que precisa melhorar muita coisa lá, principalmente o sistema de pesagem, ter uma balança mais confiável.” (Alceu)

Este cooperado associa o futuro da cooperativa a um esforço dirigido no sentido da melhoria, com ênfase na confiabilidade na relação cooperado-cooperativa, no seu entender podendo ser facilitada pelo uso de um instrumento confiável.

“Eu gosto de trabalhar na cooperativa, quero que cresça bastante, no que eu puder ajudar eu ajudo, eu comecei ali, sei lá, não quero que acaba, quero que continue, eu tenho vontade que não pare por aí, que continue.” (Carla)

A cooperada reafirma a sua vontade que a cooperativa cresça, defende a noção que a cooperativa não acabe, que continue, relacionando seu envolvimento pessoal, o ter começado ali, com o futuro da instituição.

“Tem perspectiva de crescimento, vai crescer, acredito, nossa esperança é crescer, eu junto, ou nós junto.” (Rogério)

A declaração deste cooperado demonstra uma visão comunitária do trabalho cooperativado, na qual se vê incluído.

“Como coisa permanente, no momento não dá, vamos ver se mais prá frente melhora, né. Nesse pessoal, passar a gente a ganhar por produção, talvez melhore mais o salário.” (Tiago)

Esta declaração retrata a característica de transitoriedade da opção atual. Adiciona-se uma sugestão de alteração no modo de remuneração do pessoal do barracão. Isso demonstra o quanto a aspiração pessoal e a vontade de participação encontram espaço de reivindicação neste trabalho cooperativado.

Martins (2002), descrevendo a reprodução do capital, afirma: “A tendência deveria ser a do capitalista investir crescentemente em capital constante. Ou por incompetência ou porque atua num setor marginal e precário do mercado, investir em capital constante pode se transformar em fonte de prejuízo. Essa não seria uma opção econômica racional nas circunstâncias. Portanto, a alternativa acaba sendo a de reduzir os salários a menos do que é socialmente necessário à sobrevivência do trabalhador. (...) Resulta em pagamentos do trabalho inferiores ao que é necessário à reprodução da própria força de trabalho – a do trabalhador e a de seus dependentes, no geral futuros trabalhadores.”

O depoimento do cooperado reflete esta condição de sobrevivência, recebendo a menos do que o socialmente necessário, atuando em um setor marginal e precário no mercado de trabalho. A cooperativa é uma tentativa de superar esse estado que, em um estágio inicial reproduz o mesmo contexto. Como ideal representa a possibilidade de superação.

“A tendência da cooperativa é a melhoria né, fracassar que não pode.”(Tiago)

Confirma-se a característica do envolvimento do cooperado com o projeto, um pouco contrastante com os posicionamentos dos depoimentos anteriores, mas demonstrando uma assertividade importante e criativa.

“A minha certeza sobre a cooperativa é sempre ir para a frente, nunca deixar olhar para traz, sempre olhar para a frente, com certeza vai para a frente, há três anos caminhando lá, com certeza vai para a frente. É igual uma igreja, se ela está construída, se ela tem dinheiro, ela vai cada dia levantar mais, acho que sim.”(José)

O cooperado manifesta seu entusiasmo pelo projeto, ao qual acaba de aderir, manifestando confiança na continuidade da cooperativa e em sua participação. A comparação com a igreja parece uma imagem mais presente e concretamente representada, que ajuda a representar a cooperativa, que até o momento, para este cooperado, parece ser uma representação mais teórica e abstrata.

Quanto à auto imagem e condições de trabalho e saúde:

“Mais forte na minha vida é a saúde. Eu sou moleque sadio, graças a Deus. Lá na minha terra não tem doutor, lá a gente vive é beberagem do mato, sabe, depois que eu vim por aqui eu fiz uns exames e o doutor disse: - mas o lasca de velho sadio, menino, este velho não sofre nada. Que beleza, graças a Deus - .”(Antonio)

Perante as dificuldades, a auto afirmação parece importante, a auto valorização da saúde, bem como a valorização da cultura popular quanto a cuidados com a saúde.

“Prá não ter filho uso injeção, compro na farmácia e aplicam, não tem médico que acompanha.”(Carla)

O uso de uma fórmula própria de enfrentar o problema da concepção indesejada, demonstra a distância de uma medicina mais próxima e o pacto da sociedade com esta solução improvisada e sem controle de efeitos colaterais, já que há coadjuvantes para este comportamento como, por exemplo, a farmácia.

Quanto ao início do trabalho como catador:

O início de trabalho como catador é representado pelo depoimento a seguir:

“Eu comecei com um carrinho de mão a catar papel na rua, a jogar no quintal prá mim vender, que eu conversei com o Jacaré, que é um que tem um ferro velho aqui na (...), perto do André Luiz, aí ele falou: - vai jogando lá, aí eu vou buscar - , daí uma irmã minha falou da cooperativa, ela é professora, dessa família que criou eu, daí ela indicou eu.”(Alceu)

O cooperado descreve sua entrada no mundo da reciclagem, dos catadores e da cooperativa. A forma de inserção informal e ligada a indicação de pessoas, demonstrando o quanto é um trabalho pouco estruturado que, paradoxalmente, abre caminho para estes trabalhadores pouco qualificados e convivendo na fronteira entre o mercado formal e o informal.

Quanto ao comércio de sucata e a reciclagem de um modo geral:

Os cooperados têm uma noção de que a reciclagem é algo importante, porém, não chega a haver uma assertividade com relação a ter um papel educativo perante a população, por exemplo. O cooperado da reciclagem, percebe seu trabalho como parte de um processo, mas esta consciencia não chega a dar base para uma atuação mais decidida em função do coletivo, tanto em termos da reciclagem, quanto em termos do trabalho cooperativado.

“Eu acho que, em Sorocaba, muita matéria prima é perdida, eu vejo por aí, dá até dó, podia dar emprego prá muita gente, podia dar um tipo de uma indústria do lixo, prá gerar emprego, prá encaixar todo mundo que está desempregado, porque nem a cooperativa consegue catar todo o lixo da cidade, muito lixo aí pro aterro, e aí muita coisa boa, fica difícil, né, tem de ter um capital muito grande prá montar, um capital muito grande prá montar um negócio desses, uma indústria mesmo, vai muito dinheiro, vai uns R\$ 400 milhão mais ou menos, então é difícil, né.(Alceu)

O cooperado descreve uma visão mais ampla do processo de reciclagem e sua aplicação como um empreendimento econômico, com efeitos ambientais globais para a sociedade.

Offe (1995) afirma: “A estruturação ocupacional da oferta da força de trabalho divide o mercado em inúmeros mercados parciais, entre os quais as relações da oferta concorrencial são praticamente interrompidas.”

O depoimento do cooperado destaca a expectativa de um mercado parcial, para o qual sente-se qualificado e com uma relação de concorrência específica.

Os dados coletados nas entrevistas, a compreensão das percepções dos trabalhadores, trazem uma rica e viva experiência do momento vivido. Parte destes conhecimentos podem levar a um entendimento deste tipo de relação de trabalho, como descrito a seguir.

Considerações finais:

O papel de pesquisador tendo como objeto de estudo o mundo do trabalho provoca muitas reflexões e sentimentos, às vezes ambíguos e contraditórios. Parece ser muito mais fácil conviver como pesquisador com um objeto de estudo definido, como por exemplo, um trabalho estruturado, estável, com um proprietário ou patrão definidos. Quando o contato é com a economia informal, muitas contradições se colocam. Estas vivências vieram às claras quando, por exemplo, as características extremamente precárias do trabalho, que caso fosse realizado sob coordenação de um patrão seria sujeito a críticas, mas como estamos em uma estrutura de trabalho cooperativado, muitas destas precariedades são aceitas como um estágio necessário ao desenvolvimento da cooperativa e algo com o qual se convive e é partilhado.

As comparações entre o trabalho de reciclagem cooperativado e outros tipos de trabalho, quase sempre são feitas por meio de parâmetros nos quais os modelos são aqueles ligados ao trabalho formal. Questões como segurança no trabalho, estrutura previdenciária, estruturação econômica da cooperativa têm sempre como fatores comparativos os modelos estatais e das empresas tradicionais.

Parece um paradoxo, mas em muitas vezes percebeu-se uma resistência ou também desconfiança em relação à entrevista e à pesquisa. Ficou a impressão de o catador um ser uma pessoa isolada, para o qual os contatos, pelo menos num primeiro momento, são ameaçadores. De um modo geral, no decorrer da conversa, esta sensação ia diminuindo.

O trabalho de pesquisa realizado com trabalhadores de reciclagem participando da organização do trabalho cooperativado, traz no seu núcleo a luta pela sobrevivência e

a vivência da experiência da estruturação deste trabalho cooperativado. Estes trabalhadores, normalmente já tendo passado pelo trabalho com carteira assinada, participam de um mundo do trabalho caracterizado pela precarização, sub-emprego, trabalho informal e terceirizado.

Essas formas de participação no processo econômico e social, são formas de inclusão, muitas vezes perversas, caracterizadas por pouca cobertura social e trabalho altamente precário. Esses aspectos estão presentes inclusive no trabalho na cooperativa. A inserção no processo de produção se dá na periferia do sistema, como um papel complementar, estando sujeito a intensas formas de exploração.

Por um lado existe a forte dedicação, o grande número de horas trabalhadas, o respeito a diferenças como as idades dos trabalhadores e os tipos de trabalho, no barracão ou na rua. Por outro, a sensação de liberdade, a noção de ser um trabalho por algum tempo e a percepção como um trabalhador autônomo.

Ficam caracterizadas como formas de inserção no processo econômico complementares, com grande grau de exploração do trabalho e precarização. Para a pessoa representa um modo de estar dentro do sistema, com uma identificação, uma ocupação reconhecida e um papel social bem determinado. Por isso, parece inquestionável a importância destas iniciativas, dando possibilidade de um tipo de inserção que, se não se afasta como desejaríamos de formas de precarização do trabalho, auxiliam estas pessoas a estarem menos à margem, do ponto de vista social e econômico.

Há um exercício de participação na organização do trabalho em paralelo à luta pela sobrevivência. O exercício da convivência na cooperativa em formação os faz ter contato com conteúdos nunca antes vivenciados no trabalho como assalariados, como a opinião democraticamente expressa e ouvida, uma prática de cidadania nunca antes

experimentada. Outros aspectos estão presentes, como o esforço conjunto com relação a um objetivo, a prática da solidariedade, existente não só em ações, mas na própria estrutura de remuneração da cooperativa, onde o rendimento coletivo é medido e traz um resultado expresso na retirada e na constituição do fundo de reserva.

Com muita frequência e por grande parte dos cooperados e pessoas envolvidas na cooperativa, aparece a percepção de que a cooperativa não deve acabar, deve prosseguir, crescer, ir em frente. Este depoimento aparece até mesmo nas entrevistas em que a pessoa não demonstra um vínculo muito firme de adesão ao projeto, ou seja, acredita que a continuidade do projeto seja interessante, mesmo que não conte com sua adesão individual. Este parece ser um ponto vivo, a verdadeira força propulsora da motivação no trabalho, tão almejada pelas organizações de trabalho e, no caso desta cooperativa, tão clara e presente. Em muitas empresas procura-se como motivar os funcionários. Nesta cooperativa, esta motivação básica é encontrada até mesmo naqueles que potencialmente pensam em parar e romper o vínculo.

Este parece ser o ponto mais importante das considerações finais e que constituem uma vivência importante do grupo de trabalhadores: a expectativa positiva na continuidade da cooperativa e na existência desta opção diferenciada no mercado de trabalho, seja ele formal, informal, mais ou menos precarizado.

Parece que este aspecto representa, em termos de perspectiva, um desafio para futuros trabalhos de pesquisa. Como pode esta motivação inerente a este tipo de estrutura de trabalho ser potencializada, de modo a, inserida em estruturas cooperativas, obter-se maior produtividade e bem estar do trabalhador? Como pode esta motivação servir como contraponto à precarização presente neste tipo de trabalho e estrutura, buscando ocupar um papel mais central no processo de produção, com maior qualificação e coberturas no trabalho?

Várias manifestações dos trabalhadores demonstram apoio e adesão explícita ao projeto. A cooperativa é, portanto, valorizada como uma fonte de trabalho estruturada, que garante uma remuneração básica, que dá estabilidade quanto à continuidade do trabalho, fornecedor de um modelo de administração diferente que leva em conta as necessidades do trabalhador e com um ambiente harmônico. Estas percepções parecem mais consistentes, na medida em que a cooperativa transmita a noção de justiça, por exemplo, pelo tratamento sem diferenciação de vários tipos de trabalhadores, transmita confiança na continuidade do processo e seja possível partilhar de um ambiente bom e positivo expresso, por exemplo, pelas brincadeiras durante o trabalho.

Um outro conjunto de depoimentos manifesta uma postura mais cética com relação ao trabalho em cooperativas. Este tipo de percepção não é facilmente explicitado, sendo necessário que o pesquisador utilize da interpretação, da leitura nas entrelinhas ou de pequenos detalhes. É quando paira a dúvida quanto ao modo do trabalho estar estruturado, quanto ao ambiente interno da cooperativa, quanto à perspectiva de continuidade do projeto ou da possibilidade da continuidade da adesão individual e da existência de um ambiente positivo entre cooperados.

Nesse caso, o emprego com carteira assinada, muitas vezes criticado e tão distante passa a ter um sentido simbólico importante, representando a perspectiva de algo mais seguro com características como aposentadoria, garantias previdenciárias e sociais, nem sempre tão concretas e significativas, mas importantes como contraste à insegurança transmitida pela instabilidade decorrente e presente nas novas características de precarização do mundo do trabalho contemporâneo.

Por um lado a extrema motivação do trabalho cooperativado, como alternativa de vida e trabalho. Por outro, a busca da mínima segurança quanto à continuidade e a satisfação das necessidades básicas.

Este conjunto de depoimentos talvez possa sinalizar os prováveis caminhos futuros da estruturação do trabalho cooperativado, no mínimo em cooperativas da área da reciclagem: quanto maior for a segurança que as condições de organização e práticas da cooperativa oferecerem a seus cooperados sobre sua estrutura, sobre um ambiente adequado, sobre o conceito de justiça no trabalho, sobre a harmonia no trabalho e sobre a perspectiva de continuidade, maior a possibilidade de ser mantida a expectativa de que o trabalho prossiga e represente uma alternativa digna no conjunto de opções presentes no mercado de trabalho.

Como pesquisador permanecem vários desafios, o principal do como as ciências sociais aplicadas ao trabalho poderão contribuir para a identificação destes pontos mais importantes da motivação, confiança no trabalho e segurança com relação ao projeto, inseridos como sabemos em um papel complementar e periférico no sistema de produção. Para o pesquisador colocam-se várias indagações que poderiam ser expressas na questão: como seu vínculo poderá ser aperfeiçoado no contato com este grupo, com o objetivo de haver uma relação menos persecutória, como no surgimento de resistências pessoais nas entrevistas e o escamoteamento de certas questões como as relacionadas aos problemas no trabalho? Como poderá seu vínculo ser adequado no sentido de, ao mesmo tempo que estabeleça um contato produtivo com o grupo, tenha possibilidade de lidar com dados e conhecimentos das várias ciências aplicadas ao trabalho? Este conjunto de indagações é que são a motivação de novas buscas de respostas para os problemas inerentes às relações do trabalho.

Bibliografia referenciada:

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

BACCARO, A. Atitude do indivíduo desempregado: uma análise sócio psicológica. 1987. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PUC-SP, São Paulo, 1987.

BALTAR, P. E. A.; PRONI M. W. Sobre o regime de trabalho no Brasil: rotatividade de mão de obra, emprego formal e estrutura salarial. In: OLIVEIRA, C. A. B.; MATTOSO, J. E. L. (Orgs.). Crise e trabalho no Brasil: modernidade ou volta ao passado. Campinas: Scritta, 1996.

BASSANI, P. Núcleos de assalariados rurais temporários – lugar de resistência e descoberta. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - PUC-SP, São Paulo, 1999.

BATISTA JUNIOR, P. N. Mitos da globalização. São Paulo: IEA-USP, 1997.

BIHR, A. Du “grand soir” a “l’alternative”: le mouvement ouvrier européen en crise. Paris: Les éditions ouvrières, 1991.

BONAMIGO, C. A. Para mim foi uma escola: o princípio educativo do trabalho cooperativo. Passo Fundo: UPF, 2002.

BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1974.

BRIDGES, W. Um mundo sem empregos. São Paulo: Makron, 1995.

CACCIAMALI, M. C. Setor informal urbano e formas de participação na produção. São Paulo: IPE-USP, 1983.

CARRANÇA, F. Trabalhadores unidos. CooperBrasil, Brasília-DF, ano 1. n. 2, p.62-66, jun. 1998.

CASTEL, R. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CEADEC. Ceadec: folheto de divulgação institucional. Sorocaba: 2001. Texto inédito.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELL, E. Desejo ou motivação?: a interrogação psicanalítica sobre o trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELL, E.; JAYET, C.; BETIOL, M. I. S. (Orgs.). **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo: Atlas, 1994.

DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1992.

FURTADO, O. Globalização: da mecatrônica ao trabalho escravo. **Jornal do Psicólogo – Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 5-6, jan. fev. 2001.

_____. Globalização e desemprego: um debate sobre o fim do emprego. **Revista ESPM**, São Paulo, p. 9-14, nov. 1999.

GIL, L. A. B. **Exclusão do mercado de trabalho e a busca de alternativas: um estudo da cidade de Sorocaba**. 1997. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - PUC-SP, São Paulo, 1997.

GUATTARI, F.; RONIK, S. **Cartografia do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

GUEDES, S. L. **Jogo de corpo**. Niterói: Eduff, 1977.

HARVEY, D. **A condição pós moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

IBGE. Censo demográfico 2000 tabulação avançada tabela 1.5.5. In: IBGE. **Censo demográfico 2000**. Disponível em: www.ibge.gov.br/tabulaçãocavancada/tabela1.5.5
Acesso em: 23 nov. 2002.

IPESO. **Um retrato do migrante da região de Sorocaba**. Sorocaba, 1997.

KOSMINSKY, E. V. **Agruras e prazeres de uma pesquisadora: ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura de Queiroz**. Marília: Unesp-Fapesp, 1999.

LEI 5764/71. **Diário oficial da união**. Brasília, DF: 16 dez. 1971

LEIS, N. Caracterização do processo de urbanização e industrialização: o caso de Sorocaba. 1995. Dissertação (Mestrado em Economia) - PUC-SP, São Paulo, 1995.

LIMA, J. C. A.; NEYARA, A. A crise do “assalariamento” e as experiências de “trabalho associado”. In: **RODRIGUES, I. J. R. (Org.). O novo sindicalismo vinte anos depois.** Petropolis: Vozes-Educ-Unitrabalho, 1999.

LIMA, J. C. Trabalho, mercado e formação de classe: estudo sobre operários fabris em Pernambuco. João Pessoa: UFPB, 1996.

LOPES, J. S. L. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo: UnB-Marco Zero-CNPq, 1988.

MARTINS, J. S. A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

MASSAD CAMPOS, C. A. A grande ilusão: representação social das equipes multiprofissionais de saúde mental. 1994. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 1994.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Classificação brasileira de ocupações. Brasília: MTb, 2002. No prelo.

MODIA, E. C. **Prazer e agonia: faces da decisão gerencial**. 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 1995.

NAKANO, M. Anteag: a autogestão como marca. In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. **A economia solidária no Brasil: a auto gestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

OBLADEN, N. L.; TOKUDOME, M.; WESTPHAL, S. Coleta seletiva e reciclagem de resíduos sólidos urbanos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE COLETA SELETIVA E RECICLAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS, 1., 1995, Cândido Rondon. Anais. Cândido Rondon: 1995.

OFFE, C. **Capitalismo desorganizado**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PAOLI, M. C. P. M. **Desenvolvimento e marginalidade**. São Paulo: Pioneira, 1974.

PELICIONI, M. C. F. Educação ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade. **Saúde e sociedade** 1998; 7(2), 19-31.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. **Ciência e cultura** 1987; 39(3): 272-86.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Histórias de vida e depoimentos pessoais. **Sociologia** 1953; 15(1): 8-24.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

POCHMANN, M. Políticas de emprego e renda no Brasil: algumas considerações. In: **BOGUS, L.; PAULINO, A. Y. Políticas de emprego, políticas de população e direitos sociais.** São Paulo: EDUC, 1997.

_____. **Políticas do trabalho e a garantia de renda no capitalismo e mudança.** São Paulo: LTr, 1995.

QUEIROZ, C. A. R. S. Manual das cooperativas de serviço e trabalho. São Paulo: Ed. STS, 1997.

REIGOTA, M. O que é educação ambiental. Cortez: São Paulo, 1994.

RIBEIRO, M. Trabalho cooperativo no MST e ensino fundamental rural: desafios à educação básica. 2001. 30 p. Texto inédito.

SABBAG, S. N. Cotidiano dos catadores de materiais recicláveis. 2001. 8 fotografias, color., 10 cm x 15 cm.

SANTOS, E. O. A industrialização de Sorocaba: bases geográficas. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 1999a.

SANTOS, N. J. **As cooperativas de trabalho na flexibilização das relações de trabalho**. 1999. Dissertação (Mestrado em Administração) - PUC-SP, São Paulo, 1999b.

SANTOS, T. L. F. **Coletores de lixo: a ambigüidade do trabalho de rua**. São Paulo: Fundacentro, 1999c.

SATO, L. A representação social do trabalho penoso. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Abordagem psicossocial do trabalho penoso: estudo de caso de motoristas de ônibus urbano**. 1991. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 1991.

_____. "Djunta-mon": o processo de construção de organizações cooperativas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 221-27, 1999.

SEADE. Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo. Tabela: distribuição dos ocupados segundo posição na ocupação no trabalho principal região metropolitana de São Paulo 1985-2001. In: SEADE. **Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo**. Disponível em: www.seade.gov.br/ocupação/tabelas. Acesso em: 23 novembro. 2002.

SEADE. Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo. Tabela: distribuição dos assalariados do setor privado do setor privado com e sem carteira assinada pelo atual empregador segundo tempo de emprego e trabalho principal região metropolitana de São Paulo 1988-2001. In: SEADE. **Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo**. Disponível em: www.seade.gov.br/ocupação/tabelas. Acesso em: 23 novembro. 2002.

SEADE. Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo. Tabela: taxa de desemprego segundo tipo de desemprego e experiência anterior de trabalho região metropolitana de São Paulo 1985-2001. In: SEADE. **Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo**. Disponível em: www.seade.gov.br/desemprego/tabelas. Acesso em: 23 novembro. 2002.

SEADE. Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo. Tabela: tempo médio e mediano despendido pelos desempregados na procura de trabalho segundo tipo de desemprego região metropolitana de São Paulo 1985-2001. In: SEADE. **Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo**. Disponível em: www.seade.gov.br/desemprego/tabelas. Acesso em: 23 novembro. 2002.

SEGNINI, L. R. P. **Constantes recomeços: homens e mulheres em situação de desemprego**. Campinas: Fapesp-Unicamp, 2000. Texto inédito.

_____. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 72-81, 2001.

SELIGMANN-SILVA, E. A interface desemprego prolongado e saúde psicossocial. In: SILVA FILHO, J. F.; JARDIM, S. (Orgs.). **A danação do trabalho: organização do trabalho e sofrimento psíquico**. Rio de Janeiro: Te cora, 1997.

SIEVERS, B. Além do sucedâneo da motivação. **RAE**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 5-16, 1990.

SILVA, P. C. **Do novelo de linha à Manchester Paulista: fábrica têxtil e cotidiano no início do séc. XX**. Sorocaba: Projeto U N C, 2000.

SINGER, P. **Aprender economia**. 16^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 1998.

SINGER, P; SOUZA, A. R. **A economia solidária no Brasil: a auto gestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

SPINK, P. O resgate da parte. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 22-31, 1991.

TEDESCO, J. C.; CAMPOS, G. L. R. (Orgs.). **Economia solidária e reestruturação produtiva: (sobre)vivências no mundo do trabalho atual**. Passo Fundo: UPF, 2001.

TIRIBA, L. V. Economia popular e produção de uma nova cultura do trabalho: contradições e desafios frente a crise do trabalho assalariado. In: FRIGOTTO, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 189-217.

_____. A economia popular solidária no Rio de Janeiro: tecendo fios de uma nova cultura do trabalho. In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Orgs.). **A economia solidária no Brasil: a auto gestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

XIBERRAS, M. **As teorias da exclusão: para uma construção do imaginário do desvio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

Bibliografia consultada:

AGUIAR, A. As parcerias em programas de coleta seletiva de resíduos sólidos domésticos. 1999. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ALMEIDA, A. História de Sorocaba. Sorocaba: I.H.G.G.S./Cupolo, 1969.

BARONE, R. E. M. Canteiro escola: trabalho e educação na construção civil. São Paulo: Educ, 1999.

CIAMPA, A. C. A estória de Severino e a história de Severina. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CONGRESSO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 1., 2001, Brasília. **Carta de Brasília: relatório final.** Brasília, 2001.

COOPER, C. L.; DAVIDSON, M. Las fuentes de estrés en el trabajo y su relación con los ambientes laborales. In: **KALIMO, R.; EL-BATAWI, M. A.; COOPER, C. L. Los factores psicosociales en el trabajo y su relación con la salud.** Ginebra: O M S, 1988.

CRUZIO, H. O. Como organizar e administrar uma cooperativa: uma alternativa para o desemprego. Rio de Janeiro: F. G. V., 2000.

DEJOURS, C. et al. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Oboré, 1987.

DOMINGUES JÚNIOR, P. L. População de rua, uma cooperativa e construção de uma “cidadania”: um estudo de caso sobre a Coopemare – cooperativa de catadores de papel, aparas e materiais reaproveitáveis Ltda. 1998. Dissertação (Mestrado em Administração) - PUC-SP, São Paulo, 1998.

DOZZI, C. C. Cooperativas de catadores de papel: uma alternativa para moradores de rua. 1999. Trabalho de conclusão de curso. COGEAE PUC-SP, São Paulo, 1999.

EVORA, I. M. A. As representações sociais da cooperativa: um estudo na ilha de Santiago, Cabo Verde. [Dissertação de mestrado - Instituto de Psicologia da USP]. São Paulo; 1996.

FEATHERSTONE, M. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FLEURY, M. T. L. Cooperativas e produtores agrícolas em uma sociedade capitalista. 1980. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

FURTADO, O. **Da consciência crítica e a da consciência fragmentada: um estudo sobre a consciência operária**. 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 1992.

_____. **Dimensões subjetivas da realidade: um estudo da subjetividade social no Brasil**. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 1998.

GORZ, A. **Crítica da divisão do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

HILLESHEIM, J. **O cenário citadino de Blumenau: imagens criadas e realidades vividas**. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 1996.

JAMES, B. **Lixo e reciclagem**. São Paulo: Scipione, 1995.

KOTSCHO, R. De peão a patrão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jul. 2001. Caderno B, p. 7.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (Orgs.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Educ, 1995.

MAIA, I. **Cooperativa e prática democrática**. São Paulo: Cortez, 1985.

MANSUR, L. H. B. Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MATTOSO, J. Trabalho e desigualdade social no final do século XX. 1993. Tese (Doutorado em Economia) Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 1993.

MENDONÇA, S. A industrialização brasileira. São Paulo: Moderna, 1995.

NEGRI, B. Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990). Campinas: Unicamp, 1996.

OLIVEIRA, O. L.; TARTAGLIA, J. C. Modernização e desenvolvimento no interior de São Paulo. São Paulo: Unesp, 1988.

PROENÇA, J. Dos 50 aos 60 anos – uma cooperativa vive seu momento. Campinas: Grafimagem, 1993.

RAMIRES, F. J. Severinos na metrópole: a negação do trabalho na cidade de São Paulo. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2001.

REINFELD, N. V. (Org.). Sistemas de reciclagem comunitária: do projeto à administração. São Paulo: Makron books, 1994.

RIFKIN, J. **O fim dos empregos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

RODRIGUERS, A. L. **O “stress” no exercício profissional da medicina: uma abordagem psicossocial**. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 1998.

RUTENFRANZ, J.; KNAUTH, P.; FISCHER, F. M. **Trabalho em turnos e noturno**. São Paulo: Hucitec, 1989.

SANTOS, K. H. **A cooperativa de trabalho como forma alternativa de trabalho e renda**. 2000. Trabalho de conclusão de curso (Especialização) – COGEAE PUC-SP, São Paulo, 2000.

SEGNINI, L. R. P. **Mulheres no trabalho bancário**. São Paulo: Edusp, 1998.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE COLETA SELETIVA E RECICLAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS, 1995, Marechal Cândido Rondon. **Anais**. Marechal Cândido Rondon: 1995. 3 vol.

SILVEIRA, C. M. (Org.). **Trabalho e renda: ações institucionais de fomento no Brasil**. Rio de Janeiro: FASE, GTZ, NAPP, SACTES(DED), 1995.

SINGER, P. Implantação do socialismo via auto-gestão. **Temporales**, São Paulo, p. 23-32, 1999.

SPINK, M. J. (Org.). O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

THE EARTH WORKS GROUP. Manual de reciclagem. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

UNITRABALHO. Reestruturação produtiva e relações de trabalho: um mapa da produção acadêmica no Brasil. São Paulo: Artchip, 1999.

_____. **Sindicalismo e cooperativismo: a economia solidária em debate, transformações no mundo do trabalho. São Paulo: Unitrabalho, s.d.**

VASCONCELLOS, M. P. C. A doença mental acima de qualquer suspeita: Franco da Rocha e a prática psiquiátrica na cidade e São Paulo. 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 1992.

_____. **Os (des)caminhos da formação sanitária e os direitos sociais: uma reflexão a partir da Escola de Saúde de Minas Gerais. 2000. [Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.**

VEIGA, S. M.; FONSECA, I. Cooperativismo: uma revolução pacífica em ação. Rio de Janeiro: FASE, 1999.

VELLOSO, M. P. **Processo de trabalho da coleta de lixo domiciliar: percepção e vivência dos trabalhadores.** 1995. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1995.

VINGERHOETS, A. J. J. M.; MARCELISSEN, F. H. G. Stress research: its present status and issues for future developments. **Soc Sci Med**, Oxford, New York, n. 26, p. 179-91, 1988.

ANEXOS:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Eu, _____, R. G. n. _____, estou de acordo em participar da pesquisa “A Percepção do Trabalhador sobre o Desemprego e a Organização do Trabalho Cooperativado”, realizando entrevista com o pesquisador. Fui informado dos objetivos da pesquisa, sobre o uso do gravador, sobre o sigilo dos dados, sobre a reprodução de trechos dos depoimentos no texto da pesquisa, sendo identificados os entrevistados por nomes fictícios. Caso me sinta incomodado com algum trecho do depoimento, poderei solicitar ao pesquisador a retirada destas informações do texto, bem com a anulação deste trecho da gravação. Poderei participar da entrevista sem que seja utilizado o gravador, devendo para isso manifestar a minha resistência a esta técnica, que neste caso deixará de ser utilizada. Poderei elucidar dúvidas durante, antes ou depois do trabalho de pesquisa, estando ciente que o pesquisador estará à minha disposição para isso. Caso necessite assistência em função de alguma consequência do trabalho de pesquisa, sei que deverei procurar o pesquisador, que prestará assistência e encaminhará se for o caso. Poderei desistir a qualquer momento, ou posteriormente solicitar a anulação do meu depoimento. Estou ciente que poderei solicitar ao pesquisador, ou aceitar sua oferta, de reembolso de despesas extras que venha a ter com a realização da pesquisa.

Portanto, tendo em vista os direitos como colaborador da pesquisa aqui colocados e a partir do minha livre escolha CONCORDO com a participação, manifestando quaisquer desgostos, problemas ou insatisfações ao pesquisador, ou na insuficiência de solução, à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, à qual o pesquisador está ligado na condição de aluno de pós graduação.

Sorocaba, ____ de ____ de ____.

Pesquisado

Nome completo:

R.G.:

Pesquisador

Nome completo: Sergio Nagib Sabbag

R.G.: 5.607.820

Endereço: Rua Benedito Ferreira Telles, 582

Sorocaba – SP

18055-270

fone: (15) 221.2973

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM.

Eu, _____, R. G. n. _____, autorizo o uso de fotografias com minha imagem para fins de publicação do trabalho científico “A Percepção do Trabalhador sobre o Desemprego e a Organização do Trabalho Cooperativado”.

Sorocaba, ____ de _____ de ____.

Pesquisado

Nome completo:

R.G.:

Pesquisador

Nome completo: Sergio Nagib Sabbag

R.G.: 5.607.820

Endereço: Rua Benedito Ferreira Telles, 582

Sorocaba – SP

18055-270

fone: (15) 221.2973

Definição das atividades da ocupação “Catador”, na Classificação Brasileira de Ocupações, em preparação (2002):

Nome: CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL.

A – Coletar material reciclável e reaproveitável:

Puxar carroça/carrinho.

Conduzir carroça de tração animal.

Conduzir veículo (perua/caminhão).

Estabelecer roteiro de coleta.

Pedir material nas residências.

Procurar material nas caçambas de rua.

Verificar pontos de coleta.

Coletar material nas residências.

Coletar material junto às comunidades.

Coletar material nos pontos de coleta.

Coletar material nos estabelecimentos comerciais.

Coletar materiais nos condomínios.

Coletar materiais em empresas (indústrias).

Carregar carinho, carroça, caminhão, perua.

Percorrer os pontos de coleta.

Procurar novos pontos de coleta.

B - Dar entrada no material.

Conferir a balança.

Descarregar caminhão, perua, carrinho, carroça.

Conferir material.

Pesar material reciclável separado.

Contar vasilhames retornáveis.

Colocar material na caçamba.

Pesar caminhão.

Pesar o lixo não reciclável.

C – Separar material coletado.

Triar material reciclável e não reciclável.

Triar material reciclável por tipo de papel, vidro, ferroso, não ferroso, plástico).

Triar material por qualidade (papel branco, papel arquivo, plástico mole, material fino (não ferroso).

Colocar material não reciclável em contêineres, latões, sacos, etc.

Anotar material separado.

Separar doações.

Encaminhar o lixo para o transbordo.

D – Preparar o material para expedição.

Prensar o alumínio.

Prensar o plástico.

Amarrar os fardos.

Tirar grampos de papel.

Tirar espiral de caderno.

Tirar rótulos das embalagens plásticas.

Ensacar material (alumínio, plásticos).

E – Realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho.

Fabricar carrinho/carroça.

Pintar carrinho/carroça.

Fazer manutenção do carrinho/carroça.

Varre o chão das instalações da cooperativa.

Lavar banheiros das instalações da cooperativa.

Lavar quintal da cooperativa.

Trocar pneu de carrinho.

Limpar carrinho/carroça.

Arrumar material nas caçambas.

Recolher material do chão.

Limpar pátio da cooperativa (galpão).

Limpar prensa.

Limpar a balança.

Retirar água de recipientes.

Tratar animais.

Realizar manutenção de veículos.

F – Divulgar o trabalho de reciclagem.

Conversar com a população de porta em porta.

Prestar informações sobre coleta seletiva e materiais recicláveis.

Divulgar o trabalho da cooperativa.

Entregar folhetos.

Divulgar eventos.

Orientar sobre a preservação do meio ambiente.

G – Administrar o trabalho.

Vender material.

Comprar material.

Negociar preços.

Coordenar o trabalho dos cooperados.

Controlar gastos.

Prestar contas.

Definir escalas.

Fazer lista de material.

Participar de reuniões administrativas.

Participar de reuniões para tomada de decisões (assembléias geral, ordinária e extraordinárias).

Participar de comissões/comitês.

Organizar assembléias gerais com cooperados.

Organizar cursos de capacitação para cooperados e familiares.

Promover ajuda aos cooperados mais necessitados.

H – Trabalhar com segurança.

Vestir equipamento de proteção individual.

Vacinar-se.

Realizar exames de saúde periódicos.

Desinfetar ferimentos.

Vestir faixa de sinalização cintilante (colete).

Vestir proteção contra chuva, sol (capas, bonés, sapatos, etc).

Vestir uniforme da cooperativa.

FOTOGRAFIAS, Sabbag (2001).

- Foto 1 – pág. 60: Cooperado operando prensa.
- Foto 2 – pág. 60: Núcleo de materiais recicláveis.
- Foto 3 – pág. 71: Detalhe do escritório da cooperativa de reciclagem, com vários símbolos religiosos.
- Foto 4 – pág. 71: Cooperado na cozinha da cooperativa de reciclagem.
- Foto 5 – pág. 75: Cooperados e uma balança.
- Foto 6 – pág. 75: Materiais recicláveis agrupados ao lado do barracão da cooperativa.
- Foto 7 – pág. 130: Encontro com outras cooperativas de reciclagem organizando redes de cooperativas.
- Foto 8 – pág. 130: Refeição durante o encontro com outras cooperativas.